



*Genealogia do Conde da Estrella e de seus filhos, o Barão da Estrella  
e o Barão de Maya Monteiro e subsídios para sua história.*



*Eduardo Frederico Runte Junior  
Petrópolis 2016*

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida esposa Maria Cristina Magalhães Runte, companheira de longos anos, sem a qual nada teria graça.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram na escrita deste trabalho e mesmo sabendo que estou correndo o risco de cometer alguns esquecimentos, não posso deixar de mencionar e agradecer muito seu precioso auxílio:

Ao caro Professor Jeronymo Ferreira Alves Netto pela leitura e comentários sobre o texto e pelo prefácio do livro.

Aos amigos Vitor Szejder e Eli Rozendo Moreira dos Santos que tiveram a bondade de ler o texto, comentá-lo, corrigi-lo e propor melhorias. Entretanto, deixo claro que os erros que persistiram se devem apenas aos descuidos do autor.

Ao estimado historiador Francisco de Vasconcellos, consultor de todas as horas, que sempre me honrou com sua atenção e com esclarecimentos às minhas inúmeras dúvidas.

Às caras Mariza da Silva Gomes, responsável pelo Arquivo Histórico da Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral, de Petrópolis, e sua auxiliar Jéssica Justino Soares, que muito me auxiliaram nas pesquisas que fiz naquela instituição.

Ao antiquário Marcelo Castro, que me forneceu grande parte do material que utilizei como fontes primárias em minhas pesquisas.

À estimada Sra. Ana Luísa Alonso de Camargo, coordenadora do Setor de Museologia do Museu Imperial, pelo esclarecimento de inúmeras dúvidas sobre os personagens deste trabalho.

Ao Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora, pelo fornecimento de algumas imagens que ilustram este texto e particularmente ao Sr. Sérgio Augusto Vicente, dessa Instituição.

Um agradecimento especial ao Sr. Roberto de Maya Monteiro (in memoriam), neto do Barão de Maya Monteiro, à Sra. Ofélia Sarto Maya Monteiro, viúva do Sr. Roberto, e à Sra. Tânia Cristina Sarto Maya Monteiro, filha do Sr. Roberto e da Sra. Ofélia, e bisneta do Barão de Maya Monteiro, que me forneceram inúmeras informações sobre seus ascendentes.

## PREFÁCIO

Debruçado sobre livros e jornais, ora da Biblioteca Municipal, ora da Universidade Católica de Petrópolis ou consultando os arquivos do Museu Imperial, não tem faltado ao Professor Eduardo Frederico Runte Junior entusiasmo e amor em suas investigações elaboradas que vão reconstruindo nosso passado, para que ele não se perca nas brumas do esquecimento.

Neste contexto sabemos o quanto é importante guardar o tempo que passou, salvando-o da perda total, ir de encontro aos nossos valores culturais, pois se não buscarmos o que resta de nosso passado, para onde irá a nossa História?

É preciso não esquecer que uma nação vale pela consciência que tem de seu passado, de sua missão histórica.

Neste trabalho o autor busca reconstruir o dia-a-dia da família do Conde da Estrela, Joaquim Manoel Monteiro e suas relações com o governo imperial e com a cidade de Petrópolis.

Demonstrando possuir espírito de pesquisa e conhecimento dos critérios técnicos metodológicos recomendados pela ciência, o autor reuniu um excelente documentário, fotografias variadas, riquíssima iconografia e uma extensa bibliografia, muito bem aproveitada, produzindo um trabalho, expressivo de conteúdo, escrito com leveza e simplicidade.

Jeronymo Ferreira Alves Netto

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
GENEALOGIA DO 1º CONDE DA ESTRELLA (DE PORTUGAL) JOAQUIM MANOEL MONTEIRO (1º MATRIMÔNIO).....	10
UM RESUMO DA VIDA DO CONDE DA ESTRELLA NO SEMANÁRIO “A VIDA FLUMINENSE” .....	25
O martelo da inauguração do Hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa.....	33
GENEALOGIA DO 1º CONDE DA ESTRELLA (DE PORTUGAL) JOAQUIM MANOEL MONTEIRO (2º MATRIMÔNIO).....	34
OS ASCENDENTES DA BARONESA DE MAYA MONTEIRO.....	43
RETRATOS E BRASÃO DOS BARÕES DA ESTRELLA E DE MAYA MONTEIRO. ....	48
CERTIFICADO DE BACHAREL CONFERIDO A JOSÉ ANTONIO DA SILVA MAYA .	49
UM PRESENTE VALIOSO .....	52
CONDECORAÇÃO CONCEDIDA AO BARÃO DA ESTRELLA.....	55
A Ducal Ordem Ernestina da Casa de Saxe. ....	56
O DIPLOMA DA ORDEM NACIONAL DA LEGIÃO DE HONRA (FRANCESA) CONCEDIDA AO BARÃO DA ESTRELLA. ....	57
UM TELEGRAMA DE DOM PEDRO AUGUSTO AO BARÃO DA ESTRELLA.....	59
O BARÃO DA ESTRELLA E A MORTE DE DOM PEDRO II.....	62
CAETHE – CIDADE ONDE MORREU O BARÃO DA ESTRELLA .....	67
“SANTINHOS” .....	71
OPULÊNCIA E GLAMOUR.....	74
UM ENIGMA HERÁLDICO.....	79
UMA “VAQUINHA” MINISTERIAL. ....	81
UM TESTEMUNHO DE AMIZADE.....	85
“FESTAS CHILENAS”. A PARTICIPAÇÃO DOS “ESTRELLA” .....	86

UM FAVOR AO VISCONDE DE TAUNAY .....	101
O CARINHO DO CONDE DE AFFONSO CELSO COM A FILHA DO BARÃO DE MAYA MONTEIRO .....	103
UM ALMOÇO COM O BARÃO DO RIO BRANCO .....	104
PROPRIEDADES DOS ESTRELLA EM PETRÓPOLIS .....	106
ANEXOS .....	110
Certificado de Óbito do Barão de Maia Monteiro .....	111
Alguns exemplos da participação social dos Maya Monteiro .....	112
Ayes da Maya Monteiro – Cônsul Geral em Londres.....	120
Um artigo sobre o Hospital da Beneficência Portuguesa. ....	121
BIBLIOGRAFIA E FONTES .....	129

## INTRODUÇÃO

Como em outros estudos e escritos que realizei, meu ponto de partida é algo antigo que encontrei e adquiri para minha coleção de “velharias”.

Há algum tempo consegui adquirir alguns documentos outrora pertencentes ao Barão da Estrella e comecei então a estudar sua genealogia<sup>1</sup>. Com o tempo fui adquirindo em leilões, feiras e antiquários, outros documentos e objetos daquele titular do Império e de seus familiares, a par de conhecimentos sobre suas vidas.

Entendendo que estas informações possam ser importantes para quem deseje fazer um estudo mais sistematizado daquelas importantes figuras, seja em razão de sua amizade com o Imperador Dom Pedro II e seus familiares, seja pela sua importância política ou até mesmo para a economia do país, como consequência de suas atividades, deixo aqui reproduzidos alguns dos documentos e registros a eles referentes.

---

### <sup>1</sup>Genealogia:

A palavra genealogia é composta das raízes gregas gen (geração) e logos (estudo), o que lhe dá o significado etimológico de estudo das gerações, ou seja, o estudo das famílias.

Os estudos genealógicos, de modo geral, têm por objetivo determinar os ascendentes e descendentes de um determinado indivíduo.

Normalmente, a par da pesquisa dos parentes, são também pesquisadas suas datas e locais de nascimento e morte, casamentos, profissões exercidas, títulos, obras e informações dessa natureza. Neste contexto a genealogia é considerada uma ciência auxiliar da história.

A genealogia é importante na preservação da história familiar dos indivíduos.

Ressaltamos aqui que as pesquisas genealógicas podem ser feitas não apenas para indivíduos de origem nobre, mas também para pessoas de origem modesta. As fontes documentais são as mesmas: cartórios de registro de nascimento e óbito, de escrituras de compra e venda, certificados de batismo, jornais, etc. A diferença é que as genealogias dos nobres geralmente já constam da bibliografia especializada. Neste caso, a pesquisa normalmente se baseia nos livros para os ancestrais e em fontes documentais e entrevistas para determinação de familiares nascidos posteriormente aos estudos já existentes. Modernamente utiliza-se também os sites da internet.

### Árvores de Costado:

As árvores de costado ou árvores ascendentes relacionam os familiares de determinado indivíduo no sentido ascendente, nomeando seus pais, avós, bisavós e assim por diante.

### Árvores de Descendentes:

Relacionam os familiares descendentes de determinado indivíduo, objeto do estudo.

Tanto nas árvores de costado como nas de descendentes, é usual apresentar informações sucintas sobre os participantes.

Como faço habitualmente, ressalto a importância dos colecionadores, que recolhem objetos e documentos, que agrupados em conjuntos, são importantes “fontes primárias” para os historiadores e que futuramente estarão em museus, podendo servir para pesquisas e estudos dos interessados.

Uma vez que as figuras centrais deste trabalho possuíam títulos de nobreza, dou algumas informações a respeito da heráldica<sup>2</sup> de seus brasões.

A genealogia dos barões e de seus familiares foram obtidas basicamente nos livros “Archivo Nobiliárchico Brasileiro”<sup>3</sup> de 1918, e “Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal”<sup>4</sup> de 1883, onde se encontram as informações da ascendência antiga e portuguesa dos barões, e acrescentamos informações obtidas em escritos pessoais dos titulares (diplomas, títulos, documentos, etc), jornais da época e de entrevistas com um familiar, o Sr. Roberto da Maya Monteiro, neto do Barão da Maya Monteiro, em 2012 e com as senhoras Ofélia Sarto de Maya Monteiro e Tânia Cristina Sarto de Maya Monteiro em 2015, respectivamente viúva e filha do Sr. Roberto.

Coloquei neste texto algumas informações resumidas e fotografias de algumas instituições, prédios e locais, em sua maior parte da época em que viveram os personagens que abordamos, e que de alguma forma se relacionaram com suas vidas.

Uma curiosidade: Como escrevi acima, comecei minhas pesquisas e a redação deste trabalho sobre o Barão da Estrella a partir de uns documentos que havia adquirido sobre

---

<sup>2</sup> Heráldica:

Como a genealogia, a heráldica é uma disciplina ou mesmo uma ciência auxiliar da história. Alguns autores a consideram a ciência dos brasões e outros a arte dos brasões.

A utilização da heráldica é muito antiga, embora sua normalização tenha se dado por volta do século XIII.

Os brasões inicialmente eram a representação simbólica e artística dos escudos dos chefes militares, porém seu uso se estendeu para nobres, famílias, tribos, cidades, países, corporações, etc.

Etimologicamente, heráldica provém da palavra teutônica “herald”, - anunciador -, das ordens dos soberanos e nobres. Esses pregoeiros usavam vestes com as cores dos brasões de seus soberanos para caracterizar assim aqueles a cujo serviço estavam e de quem eram emanadas as ordens.

Como nos ensina Gustavo Barroso (1947) a palavra brasão se origina do verbo germânico “brazen”, - tocar a trombeta -, pois antes do anúncio das ordens, os arautos solicitavam o toque de trombetas para chamar a atenção do povo.

<sup>3</sup> Ver item 6 da bibliografia

<sup>4</sup> Ver item 1 da bibliografia

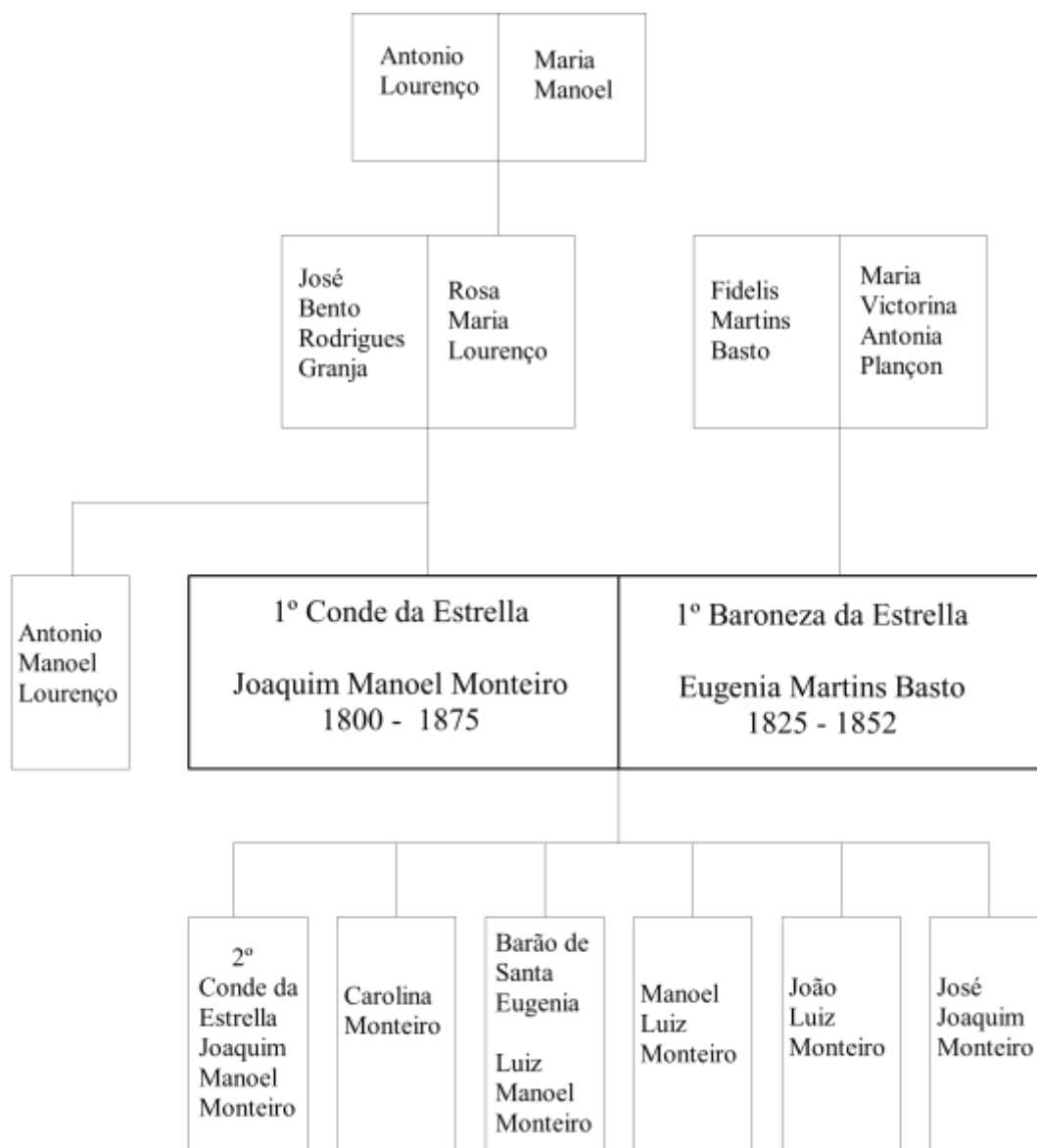


aquele titular. Entretanto com o avançar da leitura de jornais da época, do Almanack Laemmert e de outras publicações, de novos documentos que fui encontrando, verifiquei que além do Barão da Estrella, seu pai, o 1º Conde da Estrella, seu meio irmão, o 2º Conde, e seu irmão, o Barão de Maya Monteiro, foram também figuras representativas no Brasil da época e assim terminei por alterar o escopo inicial do trabalho e até seu título. Coisas da pesquisa histórica.

Serve também este trabalho para prestar uma homenagem aos imigrantes em geral e aos portugueses em particular, pessoas que deixaram sua terra natal para vir para o Brasil, alguns com recursos, outros não. Aqui se fixaram, trabalharam arduamente, prosperaram, estabeleceram-se no comércio, na indústria, na lavoura, produziram riquezas e geraram empregos, participaram da vida social integrando-se à sociedade existente, casaram-se e tiveram filhos brasileiros e contribuíram significativamente para o desenvolvimento do país.

## GENEALOGIA DO 1º CONDE DA ESTRELLA (DE PORTUGAL) JOAQUIM MANOEL MONTEIRO (1º MATRIMÔNIO)

1º Matrimônio (com Eugenia Martins Basto)





**1º Conde da Estrella  
Joaquim Manoel Monteiro  
1800 - 1875**

**Condessa da Estrella  
Luisa Amália da Silva Maya**



Autorização de uso de imagem: Museu  
Imperial/Setor de  
Museologia/Ibram/MinC/nº30/2015  
RG 70662 e RG 70663



**O Palacete do Conde da Estrela, no Rio Comprido, em momentos diferentes.**



O leilão do palacete em 7 de setembro de 1878.  
Jornal Gazeta de Notícias, edição de 6 de setembro de 1878

**LEILÕES**  
**M. S. PINTO**  
**FARÁ**  
POR ORDEM DOS HERDEIROS DO FINADO  
**EXM. CONDE DA ESTRELLA**  
**LEILÃO**  
DE  
**UM GRANDE**  
E  
BEM CONSTRUÍDO  
**PALACETE**  
sito á  
**RUA DO ESTRELLA**  
E DOS  
**VALIOSOS**  
E  
ESTIMADOS  
**TERRENOS**  
anexos ao dito palacete  
**NA MESMA RUA**

**NA MESMA RUA**  
Este palacete foi edificado sobre as vistas do referido Sr. conde, com grande solidez, sem prejuizo da elegancia e com materiaes de primeira qualidade.  
Os terrenos, que são próprios como o palacete, convidam os compradores, por muitas razões, cada qual mais poderosa.  
A SITUÇÃO, que não pôde ser mais bella, tem por si o credito incontestavel de saudavel e ameno, estendendo-se em uma varzea cortada de pequenas collinas, com matta virgem, pedreira e agua em abundancia.  
A proximidade da cidade, com facil, commoda e barata condução, é outra das suas mais vantajosas qualidades: estão divididos e arruados em lotes de cinco braças de frente.

**ESTE IMPORTANTE**  
**LEILÃO**  
EFFECTUAR-SE-HA  
**AMANHÃ**  
**SABBADO 7 DO CORRENTE**  
(dia desoccupado)  
A N 10 1/2 13 13 13 13  
**no referido palacete**  
Os Srs. compradores darão um signal de 20 %, da importancia por que houverem commutado os seus lotes.

Resumo biográfico dos principais integrantes do quadro anterior:

1º Conde da Estrella (de Portugal)

Joaquim Manoel Monteiro

Anteriormente 1º Visconde e 1º Barão do mesmo título. Súdito português. Capitalista e abastado proprietário. Negociante na praça do Rio de Janeiro. Presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência e um dos fundadores de seu hospital no Rio de Janeiro. Cônsul Geral do Chile, no Rio de Janeiro. Nasceu em 13 de fevereiro de 1800 na freguesia de Santa Maria dos Carvoeiros<sup>5</sup>. Faleceu no Rio de Janeiro em 1875. Casou-se em primeiras núpcias, com Eugenia Martins Basto. O conde era filho de José Bento Rodrigues Granja e de sua mulher Rosa Maria Lourenço, essa por sua vez, filha de Antonio Lourenço e de sua mulher Maria Manoel.

O 1º Conde da Estrella, no Rio de Janeiro, dedicou-se a diversas atividades e posso mencionar, com base principalmente nas informações do Almanak Laemmert<sup>6</sup> e do jornal Correio Mercantil:

Sua ocupação principal era o comércio, incluindo importação e exportação. Foi relacionado no Almanak, por muitos anos como comerciante, constando da relação de comerciantes estrangeiros e da lista geral. Pelas anotações que encontramos, residiu na Rua do Rio Comprido, nº 54. Foi diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro. (Laemmert, 1873). Foi também fazendeiro em Frutuoso (Laemmert, 1873).

Uma das atividades do então Visconde da Estrella foi a de tesoureiro<sup>7</sup> e depois presidente<sup>8</sup> da comissão encarregada das vendas das ações do “caminho de ferro Lisboa – Santarem”<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> Uma freguesia do Distrito de Viana do Castelo, Região Norte de Portugal.

<sup>6</sup> O Almanak Laemert, como é conhecido o Almanak administrativo, mercantil, e industrial do Rio de Janeiro, é considerado o primeiro almanaque brasileiro. Foi publicado nos anos de 1844 a 1889. Contém inúmeras informações sobre o Brasil, sobretudo sobre a Corte, seus habitantes e suas indústrias e estabelecimentos mercantis. É considerado uma importantíssima fonte de consulta para a pesquisas de temas da história do Brasil.

<sup>7</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 23 de agosto de 1855.

<sup>8</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 20 de agosto de 1856.

<sup>9</sup> O trecho de estrada de ferro entre Lisboa e Santarém foi um dos primeiros da malha ferroviária portuguesa. Os “caminhos de ferro” em Portugal começaram a ser idealizados e

O Visconde, depois Conde da Estrella, foi acionista da Estrada de Ferro de D. Pedro II.<sup>10</sup> Foi também acionista do “caminho de ferro à Tijuca”<sup>11</sup> como nos informa o Correio Mercantil em sua edição de 11 de fevereiro de 1857.

Participou de obras de conservação de estradas como a de João Oliveira, do Porto de Jurumirim até Pouso Secco, no Município de Rio Claro. Contrato de 10 de abril de 1862.<sup>12</sup>

Participou da “Sociedade Nova Empreza Lyrica”, que tinha por fim sustentar uma companhia de canto no teatro lírico fluminense, pelo tempo de três anos<sup>13</sup>.

Presidiu a companhia de pesca Nereida<sup>14</sup>. Foi acionista da companhia do Mucuri<sup>15</sup>.

Presidiu o Banco Rural e Hypothecario<sup>16</sup>. Na edição de 4 de dezembro de 1866 o Correio Mercantil publicou a relação dos 200 maiores acionistas do Banco do Brasil e entre eles encontra-se o Visconde da Estrella como possuidor de 300 ações.

Em 15 de setembro de 1865 foi eleito consultor da Imperial Sociedade Amante da Instrução<sup>17</sup>.

Em 14 de setembro de 1871 o Diário do Rio de Janeiro informava ter sido apresentada à praça do comércio uma nova empresa denominada Companhia Florestal Paranaense, cujo

---

construídos em meados do século XIX. A obtenção de recursos financeiros deveria ser conseguida no exterior em virtude de sua escassez em Portugal, e aqui cito um trecho do artigo “*Investimentos estrangeiros, política financeira e caminhos-de-ferro em Portugal na segunda metade do século XIX*”, de Magda de Avelar Pinheiro: “A construção dos caminhos-de-ferro em Portugal na segunda metade do século XIX está indissociavelmente ligada à dependência económica externa. Dependência directa na constituição de empresas ou no seu financiamento através do défice estatal externo .....”

<sup>10</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 3 de julho de 1855.

<sup>11</sup> O contrato para a construção de uma estrada com carris de ferro puxados por cavalo pode ser apreciado na edição nº 21 de 3 de agosto de 1856 do Correio Mercantil. A estrada iria da cidade (Largo do Rocio) até a Tijuca (Boa Vista). A linha foi concedida por decreto imperial ao inglês Thomaz Cochrane.

<sup>12</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 11 de maio de 1862.

<sup>13</sup> Fonte: Correio Mercantil de 21 de março de 1857. Esta edição apresenta o estatuto da nova companhia.

<sup>14</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 21 de agosto de 1859.

<sup>15</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 19 de maio de 1860. A Gazeta Oficial do Império do Brasil, em sua edição de 6 de dezembro de 1847 publica uma ampla exposição sobre a Companhia do Mucury.

<sup>16</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 8 de agosto de 1865.

<sup>17</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 19 de setembro de 1865.

objeto seria explorar as extensas florestas de pinho na Província do Paraná. O Conde da Estrella foi um dos incorporadores da nova companhia, a qual, mais tarde, passou a presidir.<sup>18</sup> É importante ressaltar que esta companhia idealizada pelos irmãos Rebouças foi uma das geradoras do progresso paranaense naquele período.

Foi diretor presidente da Companhia Docas de Dom Pedro II.<sup>19</sup>

Além de suas ocupações no comércio, Joaquim Manoel Monteiro (depois Barão, Visconde e Conde da Estrella) participou de diversas atividades de beneficência podendo-se mencionar: em 1852 subscreveu 300\$000 para a construção de um hospital<sup>20</sup> da Sociedade Portuguesa de Beneficência, sociedade esta na qual tinha participação ativa e que presidiu por alguns anos. Ocupou diversos cargos na administração da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula<sup>21</sup>. Também fez parte da administração do Hospício de Jerusalém<sup>22</sup>, onde chegou a ocupar o cargo de Síndico Geral da Terra Santa no Império do Brasil (Almanak Laemmert, 1857). Essa mesma edição do Almanak informa que o então Visconde da Estrella contribuiu com a vultosa quantia de 4:000\$000, para a Santa Casa de Misericórdia

---

<sup>18</sup> Fontes: Diário do Rio de Janeiro, edições de 14 de setembro de 1871 e 6/7 de abril de 1874.

<sup>19</sup> O Decreto Imperial de 23 de agosto de 1871 “Concede à Companhia Docas de Dom Pedro II autorização para funcionar e aprova os referidos estatutos.” A edição de 16 de setembro do jornal A Reforma publica o Auto de Fundação da Armazenagem Central das Docas de Dom Pedro II. Presentes a Princesa Imperial Regente e o marido, o Conde d’Eu. Na cerimônia houve o lançamento da Pedra Fundamental. A empresa concedida foi a Stephen Busk e o Eng. André Rebouças, sendo o Conde da Estrella diretor presidente.

<sup>20</sup> Este Hospital, ainda existente, relaciona-se a Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, fundada em 17 de maio de 1840, com objetivo de dar assistência aos cidadãos portugueses aqui residentes e aos imigrantes daquela nação. A ideia da construção de um hospital surgiu em 1848, através do sócio João Nunes de Andrade. Em 1850 é inaugurada uma enfermaria para atender portugueses pobres vítimas da epidemia de febre amarela que assolou o Rio de Janeiro naquela época. Em 1853 é lançada a pedra fundamental da construção do hospital, projetado pelo arquiteto Luiz Hosxe. O Hospital foi inaugurado em 1858 e aberto ao público em janeiro de 1859.

<sup>21</sup> Conforme informações do Almanak Laemmert (1853) a Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula foi instituída pelo Reverendo Bispo Diocesano Frei Antônio do Desterro, em 1756. Em 1859 foi lançada a pedra fundamental da construção do templo de São Francisco de Paula e sua parte principal foi concluída em 1801. Em 1779 o Papa Pio VI havia aprovado a instituição desta Ordem. A Ordem construiu também um colégio e o Cemitério da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco, Cemitério do Catumbi como é mais conhecido.

<sup>22</sup> O Hospício de Jerusalém pertencia aos padres da Terra Santa ou do Santo Sepulcro Esses padres tinham a missão de arrecadar esmolas para o provimento do culto nos Santos Lugares e para edificação de lugares de abrigo para sacerdotes e leigos.



da Corte objetivando o socorro aos atacados de “cólera morbus”<sup>23</sup>. Em 1857 o Visconde da Estrella participou da sociedade comanditária Casa de Saúde Peixoto<sup>24</sup>. Foi Diretor de Capela da Imperial Irmandade do Senhor dos Passos. Em 1º de agosto de 1856, foi eleito tesoureiro do Instituto Episcopal Religioso, como informa o Correio Mercantil em sua edição de 4 de agosto de 1856. O Correio Mercantil em sua edição de 19 de julho de 1865 mostra que o Visconde da Estrella contribuiu com a elevada quantia de 4:000\$000 para o Asilo de Inválidos da Pátria.

Doou 2:600\$000 para a construção da Igreja Matriz de Petrópolis, em 1871.<sup>25</sup>

O Conde da Estrella, além de suas obras de benemerência no Brasil, também auxiliava os seus compatriotas pobres. Isto pode ser testemunhado na edição de 1º de abril de 1858, do jornal Correio Mercantil, do Rio de Janeiro, em sua seção voltada para ocorrências de Lisboa, da qual transcrevo dois significativos trechos:

“Além do que diz a nossa correspondência particular do Rio de Janeiro acerca da subscrição promovida para nossos compatriotas residentes

---

<sup>23</sup> Kaori Kodama (Pesquisadora visitante da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) em seu artigo “Os impactos da epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-56) na população escrava: considerações sobre a mortalidade através dos registros da Santa Casa de Misericórdia”, nos informa que: até a primeira metade do século XIX, o Brasil era considerado pelas autoridades médicas local relativamente livre das epidemias que assolavam países dos dois lados do Atlântico. Esse quadro mudou com a chegada da febre amarela em 1849, e a partir de então, novas ondas epidêmicas se sucederam, acompanhando o adensamento das relações comerciais do país. O ano de 1855 registrava a epidemia de cólera morbo, oficialmente considerada a primeira no Brasil que, segundo algumas estimativas, matou cerca de 200.000 pessoas (Cooper, 1987). A moléstia rompeu inicialmente na província do Pará, em maio de 1855, alcançando em seguida o Amazonas e a província do Maranhão. Da Bahia, o flagelo teria chegado a Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco (Rego, 1873:81). No mês de julho, considerado o de menor mortalidade na província, era notificado no Rio de Janeiro o primeiro caso da epidemia de cólera na cidade, causando a morte de 4.828 indivíduos, entre julho de 1855 e maio de 1856 – número de mortos que só se comparava com o da epidemia de febre amarela cinco anos antes.

<sup>24</sup> Em 1843 foi fundada pelo médico Antônio José Peixoto a primeira casa de saúde particular da Corte, denominada Casa de Saúde Dr. Peixoto. A partir da década de 1850, outras instituições do mesmo cunho foram abertas nos arredores do centro da cidade, com o objetivo de atender, principalmente, a uma clientela economicamente abastada. Nas décadas de 1860 e 1870 já era grande a quantidade de casas de saúde na Corte imperial.

<sup>25</sup> Do “Novo e Completo Índice Cronológico da História do Brasil”, edição de abril de 1871, transcrevo o seguinte texto: “O philantropico portuguez, Sr. Conde da Estrella, mandou entregar à Superintendência da fazenda imperial de Petrópolis, a quantia de 2:600\$000 para ser aplicada na construcção da igreja matriz daquela cidade.”

naquela cidade a favor dos necessitados de Lisboa, consta-nos mais que o Sr. Visconde da Estrella tem prestado relevantes serviços por esta ocasião. Este benemérito cidadão português, além de subscrever com 2:500.000 tem empregado toda a sua influência afim de que o produto da subscrição seja o mais avultado possível”

“O Sr. Visconde da Estrella é homem chão, de uma bondade a toda prova, e de uma franqueza e uma bondade irrepreensíveis, e sobretudo dominado por um amor ao seu país que não pode ser excedido.”

Em 1862 o então Visconde da Estrella fez uma importante contribuição em favor dos Asilos da Infância Desvalida de Portugal, encabeçando diversas listas de subscrição, com somas significativas, sendo que na lista da comissão central assinou 2:000\$000<sup>26</sup>. Em 4 de agosto de 1863 foi eleito presidente da Caixa de Socorros de D. Pedro V<sup>27</sup>. Em 1864 participou com 400\$000 em subscrição a favor dos habitantes das Ilhas de Cabo Verde<sup>28</sup>.

1ª Baronesa da Estrella (de Portugal)

Eugenia Martins Basto

Nascida no Brasil em 28 de junho de 1825 e falecida em 1852. Filha de Fidelis Martins Basto, proprietário e fazendeiro, e de Maria Victorina Antonia Plançon.

Filhos do Conde da Estrella com Eugenia Martins Basto

F1: Joaquim Manoel Monteiro, 2º Conde da Estrella (de Portugal)

---

<sup>26</sup> Fonte: Correio Mercantil, edições de 20 e 22 de agosto de 1862.

<sup>27</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 5 de agosto de 1863.

<sup>28</sup> Fonte: Correio Mercantil, edição de 24 de janeiro de 1864.

Nasceu na freguesia matriz de Santa Rita no Rio de Janeiro, em 9 de janeiro de 1844. Abastado proprietário na cidade e província do Rio de Janeiro. Foi Cônsul Geral do Chile.<sup>29</sup> Casou em 1873 com Cecília Pereira Pinto, nascida em 22 de abril de 1850, filha do comendador João Carlos Pereira Pinto de sua mulher Carolina Luiza d'Oliveira Pinto. Tiveram dois filhos, Joaquim Manuel e Cecília.

Tornou-se o 2º Conde da Estrella em 1872.<sup>30</sup>

Foi Conselheiro da Associação Saneamento da Capital do Império.<sup>31</sup>

Participou de uma Comissão, nomeada pelo Presidente da Província, para encarregar-se da execução da nova Igreja Matriz<sup>32</sup> de Petrópolis. Em 18 de maio de 1884 foi lançada a pedra fundamental da nova Igreja Matriz, com a presença da Família Imperial; o Conde da Estrella, secretário da Comissão encarregada da obra, leu o auto da cerimônia.<sup>33</sup>

O Conde foi acionista da “Associação Hortícola e Agrícola de Petrópolis”, entidade esta presidida pelo Conde d’Eu.<sup>34</sup>

F2: Carolina, casada com José Maria da Silva Velho, com quem tiveram os seguintes filhos: Maria Isabel, Eugenia, Luiza, Maria Joanna e José Maria.

F3: Luiz Manoel Monteiro, Barão de Santa Eugenia, por decreto imperial de 3 de outubro de 1889. Casou-se com Romana Guilhermina da Rocha, filha do Conde de Itamarati, com quem tiveram os filhos Maria Luiza Monteiro, Romana Monteiro, Eugênia, Luiz e Alice, tendo estes três últimos falecidos na menoridade.

F4: Manoel Luiz Monteiro, nascido na freguesia de Santa Rita do Rio de Janeiro.

F5: João Luiz Monteiro, nascido na freguesia de Santa Rita do Rio de Janeiro.

---

<sup>29</sup> Fonte: Gazeta de Notícias, edição de 11 de dezembro de 1891.

<sup>30</sup> Fonte: Jornal A Nação, edição de 26 de novembro de 1872.

<sup>31</sup> Fonte: Diário do Rio de Janeiro, edição de 26 de abril de 1877.

<sup>32</sup> Fonte: O Mercantil, edição de 24 de janeiro de 1883.

<sup>33</sup> Fonte: O Mercantil, edição de 21 de maio de 1884. Nesta edição encontramos uma ampla reportagem sobre o evento, muito interessante para quem estuda a história petropolitana e em particular a de nosso mais importante templo. É transcrito o auto de assentamento da pedra fundamental, lido pelo Conde da Estrella. Recordo aqui que estamos nos referindo ao 2º Conde da Estrella.

<sup>34</sup> Fonte: O Mercantil, edição de 17 de maio de 1886.

F6: José Joaquim Monteiro, nascido no Rio de Janeiro.

Fotografia tamanho Carte de Visite

**Manoel Luiz Monteiro, 4º filho do Conde da Estrela (do 1º casamento)**



*Manoel Luiz Monteiro  
filho do Conde da Estrela*

*Coleção do autor.*



**Hospital da Beneficência Portuguesa. Rua Santo Amaro, Bairro da Glória.**



**Cemitério do Catumbi, em foto atual.**



**A Igreja de São Francisco de Paula teve a pedra fundamental de sua construção lançada em 1859. A parte fundamental do templo ficou pronta em 1801 e o término definitivo da obra em 1861, quando foi então inaugurada oficialmente pelo Imperador e sua Esposa.**





Hospício da Terra Santa, na Rua Evaristo da Veiga,  
Rio de Janeiro, fundado em 1734

**CASA DE SAUDE**  
**PEIXOTO**  
HOPITAL DE LA MARINE IMPÉRIALE FRANÇAISE  
II  
ESTABELECIMENTO HYDROTHERAPICO  
MEDICO E CIRURGIÃO EM CHEFE  
O DOCTOR  
**A. J. PEIXOTO**

Membro da real Sociedade Medico-cirurgica de Lisboa e de outras sociedades scientificas, Comendador da Real Ordem de Christo de Portugal, etc., etc., etc.

RUA D'OLINDA, EM BOTAFOGO.  
ESCRITORIO LARGO DO PAÇO, 6, 1.ª ANDAR.  
*Penalencia.*

Almoço, jantar, e chá à noite. . . . .	Rs. 50000	diarios.
Nos salas . . . . .	30000	"
Por escovas em salas separadas . . . . .	20000	"

Tratamento hydrotherapico, isto é, banhos de vapor, de agua corrente, duchas de todas as qualidades, etc. . . . . 3000000 mensaes.

Os externos que quizerem tomar os ditas banhos paguem 10000 rs. mensaes.

Paga-se todos os 15 dias adelantados, e as operações e bilhas a parte.

Um medico ajudante reside no estabelecimento e está prompto a qualquer chamado.

Ha tambem à disposição do publico Aguas Ferras.

Par décision du 15 Septembre 1852, de Mr. le Contre-Amiral de Suin, commandant en chef de la Station navale Française au Brésil dans la Flota, la maison de santé Peixoto est autorisée à prendre et le titre d'Hôpital de la Marine Française, et recevoir tous les Marins Français.

Anúncio da Casa de  
Saúde Peixoto

*Almanak Laemmert –  
Edição de 1857*



## **UM RESUMO DA VIDA DO CONDE DA ESTRELLA NO SEMANÁRIO “A VIDA FLUMINENSE”**

A partir da edição de 23 de setembro de 1872, o semanário A Vida Fluminense resolveu homenagear pessoas que, vivendo no Brasil, auxiliavam os portugueses. O primeiro homenageado foi o Conde da Estrella. Publicou, então, um resumo de sua vida, de suas realizações e um retrato.

Pela importância do artigo, o transcrevo abaixo e apresento o retrato publicado. O texto foi publicado em duas partes, a primeira em 23 de setembro e a segunda na edição de 30 de setembro. O periódico A Nação transcreveu o artigo em sua edição de 26 de setembro de 1872. Para facilidade de leitura faço a transcrição com a ortografia atual.

### **Os Beneméritos de Portugal, no Brasil**

#### **O Conde da Estrella**

Inaugurando hoje nas páginas deste semanário a *Galeria dos Beneméritos de Portugal, no Brasil*, é nosso dever por à frente dela o cavalheiro que tão subidas provas de patriotismo tem dado ao seu país, e que em todos os atos da sua vida não desmentiu uma só vez o seu acrisolado amor pelo torrão, que lhe foi berço, sem esquecer o país onde reside.

Não cabe no estreito espaço de que dispomos, nem comporta a míngua de nossas habilitações, uma notícia biográfica tal como a desejáramos.

Não importa. Assinalando os serviços prestados pelo Sr. Conde da Estrella – serviços que não se limitaram a esmolas dadas a estabelecimentos pios, antes se estenderam à cooperação eficaz para a construção do *Hospital de Beneficência* da Rua de Santo Amaro, no Rio de Janeiro, e ao estabelecimento da escola de Santa Maria do Carvoeiro, em Vianna do Castello – demonstraremos que poucos homens têm, como ele, sabido merecer as remunerações honoríficas que Portugal e Brasil por vezes lhe conferiram.

O Sr. Conde da Estrella, pelos muitos serviços prestados aos seus compatriotas residentes no Brasil, tem conquistado a estima e consideração de quantos se lhe aproximam.

Como chefe de família é S. Ex. modelo, digno de ser imitado.

A maneira generosa por que procede para com os pobres revela-se nas preces que eles diariamente elevam ao céu pela vida do venerando titular.

A nunca desmentida probidade, com que S. Ex. procede nos negócios comerciais, deu-lhe os elevados créditos de que goza em todas as praças do Brasil, e de Portugal, além de vários cargos importantes para quem tem sido nomeado, distinguindo-se entre eles o de Presidente de um dos principais estabelecimentos de crédito desta corte, o Banco Rural e Hipotecário.

A sua iniciativa deve-se o alteroso edifício, que hoje pompeia<sup>35</sup> na Rua de S. Amaro, e do qual tem sido um dos mais zelosos protetores, sendo durante a sua presidência que se colocou a primeira pedra desse importante estabelecimento.

Das larguezas do seu bolsinho em pró da educação veio a escola de S. Maria do Carvoeiro, em Vianna do Castello, estabelecimento da mais reconhecida utilidade e vantagem não só para os habitantes do lugar, como também para o derramamento da instrução em Portugal.

Quando se instituiu a *Caixa de Socorros D. Pedro V*, foi S. Ex. nomeado primeiro presidente dessa caridosa associação, a qual durante os dois anos de sua presidência, prestou, também os mais relevantes serviços.

Os governos do Brasil e de Portugal, atendendo à importância dos serviços feitos a bem dos dois países conferiram ao Sr, Conde da Estrella as seguintes honras:

---

<sup>35</sup> Pompear significa sobressair, brilhar, etc. É um termo mais usado em Portugal. No Brasil não é mais usado.

Em 22 de novembro de 1842 foi S. Ex. nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo, de Portugal;

Em 5 de dezembro de 1849, foi-lhe dada a comenda da Conceição;

Em 12 de setembro de 1851, foi elevado a Barão da Estrella;

Em 27 de setembro de 1851, a Fidalgo Cavaleiro;

Em 17 de janeiro de 1855, a Visconde da Estrela;

Em 2 de dezembro de 1858, a Comendador de Cristo, do Brasil;

Em 13 de outubro de 1860, Comendador da Torre e da Espada;

Em 23 de dezembro de 1864, a Guarda Roupa;

Em 3 de junho de 1868, a Dignitário da Rosa;

Em 2 de março de 1869, a Conde da Estrella;

Em 18 de janeiro de 1872, foi-lhe concedido o mesmo título, em 2ª vida; honra que hoje cabe a seu filho Joaquim.

Depois de termos apontado as remunerações honoríficas com que os governos Português e Brasileiro galardoaram os serviços do Conde da Estrella, restam-nos ainda algumas palavras a dizer acerca deste cavalheiro.

Poucos homens podem, como ele, olhar para o passado com tanto orgulho. Filho do trabalho, cheio de atividade, e dotado de pouco vulgar tino mercantil, entregou-se, logo no começo de sua carreira, ao mais importante ramo de negócio de nosso mercado – o de ensacador de café.

Aí, a sagacidade do negociante, que prevê as oscilações do mercado, tornou-o por muitos anos, termômetro de nossa praça relativamente ao comércio de café.

Por vezes lhe mostrou Portugal desejos de que ele fosse ali estabelecer domicílio, oferecendo-lhe um lugar na câmara dos pares.

O Conde da Estrella, porém, preso ao Brasil pelos laços da família e da gratidão, tudo recusou.

É que no seio da família goza ele de todas as venturas que lhe seria lícito desejar.

É que o Brasil é para ele um país cheio de gratas recordações, embora nem uma só vez esquecesse a terra onde teve o berço.

É que sua mulher, seus filhos, Portugal e Brasil, são para ele cânticos de amor que o peso dos anos afina na sensibilidade de sua organização robusta.

Prova da alta consideração que goza entre nós é a crise bancária de 1864. Quando os vaivéns dessa catástrofe punham em perigo o crédito do Banco Rural e Hipotecário, necessitou-se de um homem cheio de prestígio, que soubesse imprimir naquele estabelecimento respeito e moralidade de sua própria posição social.

Foi o Conde da Estrella o escolhido; e sob sua direção o Banco, galgando todos os preconceitos dessa quadra calamitosa, que derrubou o crédito individual e coletivo, esmagou todos os receios da ocasião, ocupando hoje galhardamente um dos primeiros lugares no quadro dos mais sólidos estabelecimentos de crédito do Império.

Para assumir a presidência do Banco Rural, teve o Conde da Estrella de ceder a gerência de sua casa comercial a seus filhos e a seu sobrinho José Bento Rodrigues Monteiro, os quais devem às tradições que nela encontraram o brilhante resultado de suas operações.

O Conde da Estrella é o único titular que, entre nós, ostenta em seu peito a comenda da Torre e da Espada, que, entretanto lhe foi conferida pelo Sr. D. Pedro V, monarca que, como todos sabem, jamais prostituiu as condecorações portuguesas.

Foi ainda no correr desse curto, mas felicíssimo reinado, que o Conde da Estrella deu à sua terra natal a prova mais saliente do seu acrisolado<sup>36</sup> patriotismo.

O governo português teve de recorrer ao nosso mercado monetário em procura de capitais para a construção da estrada de ferro de Lisboa a Santarém; e o Conde da Estrella, pondo-se à frente de uma comissão da qual foi presidente e tesoureiro, conseguiu levar a efeito a emissão das ações precisas, concorrendo assim poderosamente para a realidade desse grande melhoramento, de que Portugal tanto carecia.

Mais tarde, o mesmo governo achou-se em sérios embaraços para acudir ao pagamento dos juros que garantira aos acionistas da companhia, e o Conde da Estrella, sabendo dessa circunstância, adiantou prontamente os fundos necessários para por ao abrigo de qualquer emergência o crédito do tesouro português.

É a tais serviços que o Conde deve a comenda da Torre e da Espada, que, com orgulho, ostenta entre as demais condecorações.

Aos 72 anos de idade, e possuidor de avultadíssima fortuna, parece que já deveria ter este homem deixado a vida ativa, a que desde a mocidade se entregou.

Entretanto, dá-se exatamente o contrário. Vemo-lo ainda hoje à frente das Docas de D. Pedro II, cujos trabalhos de hidráulica, até hoje reputados impraticáveis, em breve o país verá concluídos, vindo em alta escala aformosear a litoral da nossa cidade.

À energia e força de caráter do Conde da Estrella, perante a má vontade com que a inveja tem procurado amesquinhar o futura grandioso desta companhia, deve-se também a realização dos inquestionáveis melhoramentos que ela traz ao comércio.

---

<sup>36</sup> Acrisolado significa aperfeiçoado, depurado, purificado, intenso. Termo atualmente em desuso.

Tais são, em breves palavras, os serviços do Conde da Estrella, cujo nome, tanto no Brasil como em Portugal, será sempre pronunciado com respeito e veneração.



## O Conde da Estrella

Inaugurando a Galeria dos Beneméritos de Portugal, no Brasil  
Semanário Vida Fluminense, edição de 23 de novembro de 1872



Busto em gesso do Conde da Estrella, de autoria do escultor Camilo Formilli.

No espigão sobre a base a assinatura e a data: Camilo Formilli / sculpit / R. Janeiro / 1861.

Detalhes da escultura: no pescoço a insígnia de Comendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo pendente do fitão e o colar da Ordem da Torre e da Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. Na lapela, o passador com as insígnias das Ordens de Cristo e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa; no lado esquerdo do peito as placas das Ordens de Cristo, de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e da Torre e da Espada.

Esta estátua pertence ao acervo do Museu Imperial, tendo sido doada àquela instituição em 1970, pelas senhoras Maria Luisa Maia Monteiro, Antonieta Maia Monteiro, Maria Elisa Maia Monteiro Borges da Fonseca e pelo senhor Roberto de Maia Monteiro.

Autorização para uso da imagem: Museu Imperial/Ibram/MinC/nº02/2016.



## **O martelo da inauguração do Hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa.**

O Hospital da Sociedade da Beneficência Portuguesa foi uma das importantes realizações do Conde da Estrella e que muito ajudou à população do Rio de Janeiro em geral e em particular aos portugueses.

Ao final deste escrito apresento uma reportagem da época sobre o hospital.

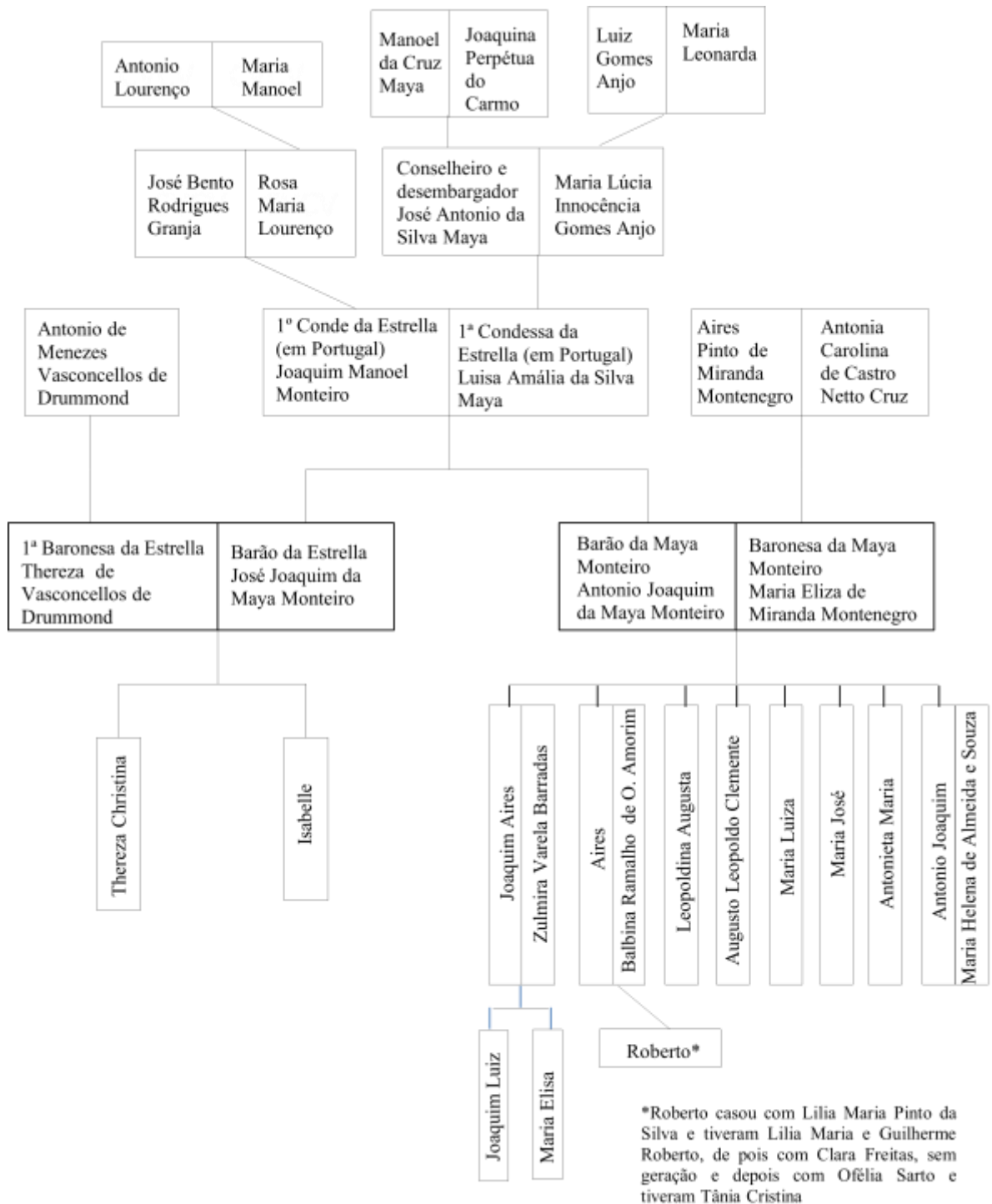
A obra foi iniciada em dezembro de 1853 e inaugurada em 16 de setembro. O atendimento ao público começou em janeiro de 1859.

O martelo utilizado na cerimônia da inauguração ficou na posse da família do Conde da Estrella, passando deste para o Barão de Maya Monteiro e sucessivamente até a sra. Ofélia Sarto de Maya Monteiro, que me relatou esta história e que me ofertou o martelo.



**GENEALOGIA DO 1º CONDE DA ESTRELLA (DE PORTUGAL) JOAQUIM  
MANOEL MONTEIRO (2º MATRIMÔNIO)**

2º Matrimônio ( com Luisa Amália da Silva, em 30 de junho de 1853 )



Resumo biográfico dos principais personagens:

1º Conde da Estrella (de Portugal)

Joaquim Manoel Monteiro.

Em 30 de junho de 1853 casou em segundas núpcias com Luisa Amália da Silva Maya. Tiveram dois filhos. José Joaquim de Maya Monteiro e Antonio Joaquim de Maya Monteiro, que vieram a ser o Barão da Estrella e o Barão da Maya Monteiro, respectivamente. Aspectos biográficos em páginas seguintes.

1ª Condessa da Estrella (de Portugal)

Luisa Amália da Silva Maya.

Nascida no Rio de Janeiro em 31 de outubro de 1823. Era filha de José Antonio da Silva Maya, natural de Portugal, Conselheiro d'Estado, Ministro do Império, Desembargador e Conselheiro, Procurador Geral da Coroa e Fazenda Imperial do Brasil, Comendador das Ordens de Cristo e da Rosa, e de sua mulher Maria Lúcia Innocência Gomes, neta por parte do pai de Manoel Cruz Maya, natural do Porto e de Joaquina Perpétua do Carmo e neta por parte da mãe, de Luiz Gomes Anjo e de Maria Leonarda.

Barão da Estrella (do Brasil)

José Joaquim da<sup>37</sup> Maya Monteiro.

Nasceu no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1854 e faleceu em Caeté, Minas Gerais, em 25 de outubro de 1910. Licenciado em Direito pela Universidade de Paris<sup>38</sup>. Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial e da Casa Real de Portugal. Barão por decreto imperial de 13 de outubro de 1876. Comendador de 1ª Classe da Ducal Ordem Ernestina da Casa de Saxe. Recebeu a comenda da Legião de Honra francesa, no grau de Cavaleiro. Entre outras propriedades

---

<sup>37</sup> Ou de Maya Monteiro

<sup>38</sup> Mais adiante apresento o diploma referente à graduação, na Universidade de Paris.

possuía uma mina de ouro em Caeté<sup>39</sup>. Casou com Thereza de Vasconcellos Drummond, com quem teve duas filhas, Thereza Christina e Isabelle, ambas falecidas menores. O Barão da Estrella era grande amigo do Imperador Pedro II. Esteve com ele na França por ocasião do exílio, tendo inclusive assistido aos últimos momentos do imperador.

Apresento mais adiante diversos documentos que demonstram essa amizade.

Foi procurador de Dom Pedro, Dom Augusto, e Dom Luiz, filhos da Duquesa de Saxe, Dona Leopoldina, em sua parte da herança do Imperador Dom Pedro II.<sup>40</sup>

O Barão da Estrella, como o pai, dedicou-se a atividades empresariais. Além dessas, teve participação ativa em outras de caráter social.

Com o Barão de Sant'Anna de Nery e o Marquês de Barral fundou em Paris a Sociedade de Estudos Brasileiros.

Baronesa da Estrella (do Brasil)

Thereza de Vasconcellos Drummond.

Filha do Conselheiro e diplomata Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond e irmã da Baronesa de Inohan, Amália Vasconcellos Drummond.

Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.

Sacramento Blake no seu Dicionário Bibliográfico Brasileiro (BLAKE, 1883, volume1, páginas 265 e 267) informa que Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond nasceu no Rio de Janeiro a 21 de maio de 1794 e faleceu em Paris a 15 de janeiro de 1865. Filho do capitão Antônio Luiz Ferreira de Menezes Vasconcellos de Drummond e de dona Josepha Januária de Sá e Almeida. Tendo feito alguns estudos de humanidades, por influência do Ministro de D. João VI, Thomas Antônio de Villanova Portugal, amigo de seu

---

<sup>39</sup> Fonte: Jornal A Notícia, edição de 25/26 de setembro de 1900. As minas auríferas ficavam em Furnas de Caeté, sitas no Distrito de Morro Velho, Município de Caeté, Minas Gerais, e eram de propriedade do Barão da Estrella e de José Alexandre de Moura Costa.

<sup>40</sup> Fonte: Jornal do Brasil, edição de 28 de novembro de 1905.

pai, obteve em 1809 um cargo na chancelaria do reino, onde segundo Sacramento “no qual serviu tão bem, que no ano seguinte teve o hábito de Cristo e uma tença de doze mil réis”.

Em 1821, nos primórdios da Independência, retorna de Portugal e vai para Pernambuco trabalhar pelo reconhecimento de D. Pedro I. Teve seu destino indissolúvelmente ligado aos Andradas; depois da dissolução da Constituinte foi com eles processado e degredado para a França. Chegou a Londres em abril de 1824, dali passou a Paris onde residiu até abril de 1829, quando voltou para o Brasil

Em seu retorno entra para a carreira diplomática, sendo nomeado encarregado de negócios interino e cônsul geral na Prússia. Em seguida, passa a encarregado de negócios na Sardenha, e depois em Roma e na Toscana. De lá foi elevado a ministro residente e mais tarde a enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Portugal, aposentando-se a 21 de junho de 1862. Informa ainda Sacramento que “já em avançada idade”, achando-se cego, foi obrigado a ir à França tratar-se e lá morreu, sendo do Conselho de Sua Majestade o Imperador, comendador da ordem da Rosa, de Cristo e da ordem toscana do Mérito e grã-cruz da ordem de S. Maurício, e da Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa, de Portugal”. Escreveu sobre vários assuntos. Fundou e redigiu o jornal *O Tamoio* em 1823.

O jornal Gazeta de Notícias em sua edição de 23 de maio de 1881, na coluna Efemérides Nacionais, apresenta um resumo da vida do Conselheiro Vasconcellos de Drummond e informa que quando este faleceu suas duas filhas foram “generosamente acolhidas e fraternalmente amparadas por seu amigo o Sr. Visconde de Mauá; uma delas casou em junho de 1877 com o Barão da Estrella na Europa, sendo testemunha do ato o Imperador do Brasil, o Sr. D. Pedro II.”

Barão de Maya Monteiro<sup>41</sup>

Antonio Joaquim de Maya Monteiro.

Nasceu no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1860 e faleceu em 20 de maio de 1933 em Petrópolis, no Hospital Santa Tereza. Barão por decreto imperial 12 de junho de 1882. Capitalista e proprietário. Fidalgo cavaleiro da Casa Imperial. Cavaleiro da Ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, de Portugal. Casou-se em 6 de maio de 1882 com Maria Eliza

---

<sup>41</sup> Encontra-se também como “da Maya Monteiro” ou “de Maia Monteiro”.

Pinto de Miranda Montenegro e tiveram oito filhos, abaixo nomeados. A recepção do casamento realizou-se no Palácio da Princesa Izabel, em Petrópolis. O Barão da Maya Monteiro viveu longos anos em Petrópolis, RJ, tendo residido em diversos locais desta cidade podendo-se mencionar Rua Marechal Deodoro, Rua da Imperatriz, Rua 13 de Maio, Rua José Bonifácio<sup>42</sup>.

Como o pai, participou ativamente na sociedade. Os jornais da época demonstram sua intensa participação em eventos sociais, filantrópicos, casamentos, féretros, comemorações diversas, espetáculos teatrais e musicais, etc. Apenas como exemplo, apresento em anexo diplomas de sua participação na Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional e na Imperial Sociedade Amante da Instrução<sup>43</sup>.

O Barão foi grande amigo do Imperador Pedro II e partiu solidariamente para o exílio na França, pouco tempo depois do Imperador. Regressou ao Brasil após falecimento do Imperador e pouco depois foi levado preso para a Fortaleza da Laje sob acusação de participar de um complô visando o retorno da monarquia. A amizade estendia-se à Princesa Isabel e ao Conde D'Eu; um cartão de Boas Festas enviado da Europa, mostrado adiante, testemunha este bom relacionamento.

Em 1882, sendo Antonio Joaquim, Moço Fidalgo da Casa do Imperador, foi necessário que este lhe desse a permissão para casar. Mais adiante mostro o documento em que o Imperador concede essa permissão. Neste mesmo ano Antonio Joaquim torna-se o Barão de Maya Monteiro.

O Barão de Maya Monteiro era Sócio Correspondente da Sociedade de Geografia, de Lisboa, tendo sido eleito na sessão de 9 de fevereiro de 1885.<sup>44</sup> Pertencia aos quadros da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, nela tendo sido aceito em outubro de 1871.

Abaixo relaciono os oito filhos do Barão e podemos observar que suas quatro filhas permaneceram solteiras. A explicação para esse fato, de acordo com informação de um neto

---

<sup>42</sup> Nomes atuais das ruas.

<sup>43</sup> Fonte: O Globo, edição de 26 de setembro de 1875.

<sup>44</sup> Fonte: o diploma da nomeação, assinado pelo presidente da Sociedade, Antonio Augusto de Aguiar.

do Barão (Sr. Roberto) é de que ele queria que filhas tivessem um casamento à sua altura social, e como não houve essa oportunidade, não casaram.

Baronesa de Maya Monteiro

Maria Eliza Pinto de Miranda Montenegro.

Nascida em Campos, em 24 de dezembro de 1865. Filha de Aires Pinto de Miranda Montenegro, nascido no Rio de Janeiro, em 8 de março de 1831 e de Antonia Carolina de Castro Netto Cruz, nascida em Campos, em 10 de fevereiro de 1834. A Baronesa e suas filhas participavam ativamente da vida social de Petrópolis. A Baronesa faleceu no Rio de Janeiro em 25 de fevereiro de 1948, aos 83 anos e está sepultada em Petrópolis. Mais à frente dedico um capítulo à sua genealogia.

Filhos do Barão e da Baronesa de Maya Monteiro.

F1. Joaquim Aires de Maya Monteiro, Nascido no Rio de Janeiro, em 22 de abril de 1883. Casou-se com Zulmira Varela Barradas e tiveram os filhos Joaquim Luiz, nascido no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1912 e Maria Elisa, nascida no Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1917. Faleceu como Capitão Tenente da Marinha, em Palmyra<sup>45</sup>, Minas Gerais, em 4 de fevereiro de 1928. Foi enterrado em Palmyra<sup>46</sup>. Sua esposa Zulmira nasceu em São Luiz do Maranhão e era filha do Conselheiro Joaquim da Costa Barradas e de Zulmira Frazão Varella. Seu filho Joaquim Luiz é falecido e sua filha Maria Elisa reside no Rio de Janeiro, e casou-se em primeiras núpcias com Michael Jepp, diplomata.

F2. Ayres de Maya Monteiro, nascido em 16 de abril de 1885, no Rio de Janeiro. Diplomata. Casou-se com Balbina Ramalho de Oliveira Amorim, filha do Coronel Antonio Ferreira Oliveira Amorim e Albertina Ramalho Amorim<sup>47</sup>. Tiveram um filho de nome

---

<sup>45</sup> Palmyra atualmente chama-se Santos Dumont, em homenagem ao conterrâneo ilustre.

<sup>46</sup> Conforme informação colhida no jornal Correio da Manhã, de 08/02/1928

<sup>47</sup> O casamento ocorreu em Petrópolis em 24 de junho de 1915. O jornal Época em sua edição de 27 de junho de 1915 publica uma reportagem sobre o evento.



Roberto de Maya Monteiro<sup>48</sup>, nascido no Rio de Janeiro em 25 de março de 1918. Ayres estudou em Petrópolis, no Colégio São Vicente e no Gymnasio Fluminense<sup>49</sup>. Graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1907<sup>50</sup>. Foi filiado à Federação de Estudantes Brasileiros, tendo sido aceito em 1903<sup>51</sup>. O filho Roberto de Maya Monteiro casou-se três vezes, a primeira com Lilia Maria Pinto da Silva, com quem teve duas filhas:

N1. Lilia Maria Maya Monteiro, nascida no Rio de Janeiro em 4 de janeiro de 1958, e já falecida.

N2. Guilherme Roberto Maya Monteiro, nascido no Rio de Janeiro em 30 de março de 1960. Guilherme teve duas filhas: Bárbara e Sabrina.

O segundo matrimônio de Roberto foi com Clara Maria Moreita Freitas, sem descendência. O terceiro casamento foi com Ofélia Sarto, filha de José Ângelo Sarto, nascida em Avaré, SP, com quem teve a filha:

N3. Tânia Cristina Sarto Maya Monteiro, nascida em Petrópolis, RJ, em 15 de dezembro de 1965.



Aires da Maya Monteiro trabalhou muitos anos no Ministério do Exterior e posso mencionar alguns pontos de sua carreira:

<sup>48</sup> Roberto de Maya Monteiro residia em Petrópolis, RJ, à Rua Coronel Albino Siqueira, em uma das casas mais antigas daquele logradouro, construída por sua mãe, Da. Balbina. Faleceu em 29 de outubro de 2012, aos 94 anos, e foi sepultado do Cemitério Municipal de Petrópolis, no jazigo da Família Maya Monteiro.

<sup>49</sup> Fonte: Gazeta de Petrópolis, 21 de setembro de 1899.

<sup>50</sup> Fonte: A Notícia (RJ), de 20/21 de dezembro de 1907.

<sup>51</sup> Fonte: Correio da Manhã, de 21 de abril de 1903.

10/05/1913 Promoção a Segundo Oficial da Secretaria de Relações Exteriores. Resolução assinada pelo Ministro Lauro Müller e pelo Presidente Hermes Rodrigues da Fonseca.

08/11/1926 Promoção a Diretor da Seção da Secretaria de Estado de Relações Exteriores. Resolução assinada pelo Ministro José Felix Alves Pacheco e pelo Presidente Arthur da Silva Bernardes.

26/04/1930 Transferência do cargo de Diretor da Seção dos Limites e Atos Internacionais para Diretor da Seção dos Negócios Consulares da Europa. Resolução assinada pelo Ministro Octávio Mangabeira.

09/04/1931 Transferência do cargo de Cônsul Geral Ayres de Maya Monteiro para o Consulado Geral em Londres. Resolução assinada pelo Ministro Afrânio de Mello Franco.

02/03/1934 Transferência do antigo Consulado Geral em Londres para o Consulado Geral em Amsterdan. Resolução assinada pelo Ministro Cavalcanti de Lacerda.

25/03/1938 Transferência do Consulado Geral em Amsterdan para a Secretaria de Estado de Relações Exteriores. Resolução assinada pelo Ministro Oswaldo Aranha.

F3. Leopoldina Augusta de Maya Monteiro. Nascida em 6 de novembro de 1887 no Rio de Janeiro. Solteira.

F4. Augusto Leopoldo Clemente de Maya Monteiro. Nasceu em Paris em 25 de setembro de 1892. Faleceu em Petrópolis, RJ, em 30 de março de 1924. Solteiro.

F5. Maria Luiza de Maya Monteiro. Nascida em Petrópolis em 14 de outubro de 1894. Solteira. Muito ligada à família imperial, foi dama de companhia da Princesa Esperanza. Residiu também no Rio de Janeiro.

F6. Maria José de Maya Monteiro. Nascida em Petrópolis em 11 de dezembro de 1896 e falecida em Petrópolis em 24 de outubro de 1932. Solteira. Maria José era afilhada do Conde de Affonso Celso e recebia deste carinho e atenções. Mostro à frente a primeira folha de uma carta que o Conde enviou à afilhada tratando de assuntos diversos.

F7. Antonietta Maria de Maya Monteiro. Nascida em Petrópolis em 18 de junho de 1898. Solteira.

F8. Antonio Joaquim de Maya Monteiro, nascido em Petrópolis em 6 de junho de 1906 Casou-se com Maria Helena de Almeida e Souza.

## **OS ASCENDENTES DA BARONESA DE MAYA MONTEIRO**

A Baronesa de Maya Monteiro, em solteira Maria Elisa Pinto de Miranda Montenegro, pertenceu a uma família nobre e de muitos serviços prestados ao Brasil. Assim sendo, apresento um Quadro Genealógico da família e comentários sobre alguns de seus membros, e particularmente sobre Caetano Pinto de Miranda Montenegro, o Marquês da Vila Real da Praia Grande.

Marquês da Vila Real da Praia Grande (Marquês com Grandeza)<sup>52</sup>

Caetano Pinto de Miranda Montenegro nasceu em 16 de setembro de 1748, em Lamego, Portugal, e faleceu no Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1827. Foi o segundo filho<sup>53</sup> de Bernardo José Pinto de Menezes de Souza Melo e Almeida Correia de Miranda Montenegro e de Antônia Matilde Ribeiro Pereira Soares de Bulhões.

Bernardo José era filho de Martinho José Pinto da Silva e Miranda casado com Maria Isabel Pereira de Castro Menezes Montenegro. Antonia Matilde era filha de Caetano Manuel Pereira Soares de Bulhões casado com Maria Emília de Magalhães e Menezes.

Martinho José era filho de Gonçalo Vaz Pinto de Miranda casado com Lourença da Silva Baldaia. Maria Isabel era filha de Bento Pereira da Silva Sotomaior e Menezes, casado com Luisa Maria Josefa de Souza Montenegro.

---

<sup>52</sup> Fontes: Anuário Genealógico Brasileiro, Ano III, 1941. Necrológio do Marquês encontrado no Império do Brasil - Diário Fluminense, edição de 23 de janeiro de 1827. Livro: O Marquês da Vila Real da Praia Grande Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

<sup>53</sup> O primeiro filho chamava-se Marinho José Pinto de Vasconcelos de Miranda Montenegro.

Caetano teve o Foro de Fidalgo Escudeiro da Casa Real de Portugal. Coursou a Faculdade de Leis na Universidade de Coimbra. Em 1791 foi nomeado Intendente do Ouro do Rio de Janeiro. De 1796 a 1803 foi Governador e Capitão General da Província de Mato Grosso. Recebeu a Comenda da Ordem de Cristo e um lugar de Conselheiro de Capa e Espada no Conselho de Fazenda de Portugal. De 1804 a 1817 foi Governador da Província de Pernambuco. Em 1817 embarcou para o Rio de Janeiro acompanhado de seu filho. Foi preso na Fortaleza da Ilha das Cobras. Em 1822 foi nomeado Ministro da Fazenda e da Justiça no 1º Gabinete de 1822, tendo sido o primeiro Ministro da Fazenda e da Justiça nomeado por Dom Pedro I. Em 12 de outubro de 1822 foi agraciado com o título de Barão da Vila Real da Praia Grande, com Grandeza. Em 1824 foi nomeado Presidente da Mesa do Desembarco do Paço. Em 12 de outubro de 1826 foi elevado a Visconde do mesmo título, com Grandeza. Neste mesmo ano foi nomeado Senador do Império. Em 1827 elevado a Marquês do mesmo título. Nesse ano foi aposentado, pobre, doente e cheio de dívidas, tendo o Imperador em gesto de reconhecimento, pago suas dívidas de seu “Imperial Bolsinho”.

Em 1822, Caetano Montenegro subscreveu 6:400\$000 para o estabelecimento de Escolas de Ensino Mútuo.<sup>54</sup>

Casou com Maria da Encarnação Carneiro de Figueiredo Sarmiento, com quem tiveram o filho: Caetano Pinto de Miranda Montenegro (2º do nome), segundo visconde de Vila Real da Praia Grande.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Fonte: Diário do Rio de Janeiro, edição de 25 de setembro de 1822. Nessa data Caetano Montenegro (encabeçando a lista) e diversas outras pessoas subscreveram quantias em torno de 6:400 para criação de uma Escola de Ensino Mútuo no Arsenal do Exército. Dom Pedro I estimulou o uso desse método de ensino, também conhecido como Método de Lancaster, para desenvolver a educação no Brasil. Esse método foi usado em lugares onde era pequena a disponibilidade de professores e que consistia basicamente no seguinte: um professor ensinava a um grupo e os melhores alunos transmitiam os ensinamentos para outros alunos (na proporção de 1 para 10) e assim sucessivamente. Então, com poucos professores profissionais se conseguia atingir um grande número de alunos. Trago esse assunto para mostrar que havia uma preocupação do Imperador com os assuntos referentes à instrução popular. E Caetano Montenegro estava dando seu apoio e subsídio à iniciativa Imperial. A decisão de criação dessa escola foi objeto da Decisão 143 de 25 de setembro de 1822. O método Lancaster foi experimentado em diversos países da Europa.

<sup>55</sup> Caetano deixou em Portugal uma filha que teve com Maria Joana de Souza e que recebeu o nome de Margarida Máxima Pinto de Miranda Montenegro. Do mesmo modo que o filho que veio para o Brasil, essa filha teve extensa geração.



**Marquês da Vila Real da Praia Grande, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, e seu brasão de Marquês.**

**Descrição do brasão do Marquês da Vila Real da Praia Grande**

**Escudo de campo esquartelado. No 1º as armas dos Pinto: de prata com cinco crescentes de lua vermelhos, em sautor; no 2º, as armas dos Miranda: de ouro com uma aspa vermelha entre quatro flores de lis verdes; no 3º, as armas dos Silveiras: de prata com três faixas horizontais vermelhas; no 4º, as armas dos Montenegros: de prata com três montes de negro, juntos, sendo o do meio mais elevado.**

Visconde da Vila Real da Praia Grande.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro (2º do nome)

Nasceu no Rio de Janeiro e foi batizado em 25 de abril de 1796. Foi militar e deixou o exército com a patente de Coronel. Faleceu em Petrópolis, em 12 de fevereiro de 1851. Seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério da Ordem Terceira dos Mínimos da São Francisco de Paulo. Foi agraciado com o título de Visconde, com Grandeza, em 12 de outubro de 1828.

Dentre suas atividades e cargos exercidos destaque:

Presidiu o Espírito Santo; presidiu o Executivo Fluminense; foi Comendador da Ordem de Cristo; foi Veador da Imperatriz.

Caetano casou-se no Rio de Janeiro, em 22 de dezembro de 1823, com Maria Elisa Gurgel do Amaral e Rocha, nascida no Rio de Janeiro onde faleceu em 30 de novembro de 1869. Maria Elisa era filha de Luís José Viana Gurgel do Amaral e Rocha e de Mariana Violante da Gama e Freitas.

Tiveram 6 filhos, que nomeio: Maria da Assunção Pinto de Miranda Montenegro; Caetano Pinto de Miranda Montenegro (3º do nome); Luís Pinto de Miranda Montenegro; Ayres Pinto de Miranda Montenegro, nascido em 8 de março de 1831 e falecido em 19 de março de 1873; Maria da Penha Pinto de Miranda Montenegro; João Pinto de Miranda Montenegro.

O 4º filho, Ayres Pinto de Miranda Montenegro casou-se em 10 de janeiro de 1860 com Antonia Carolina de Castro Neto Cruz, filha do Barão de Muriaé, Manoel Pinto Neto da Cruz e da Viscondessa de Muriaé, Raquel Francisca Ribeiro de Castro. Tiveram dois filhos, Manoel Pinto de Miranda Montenegro e Maria Elisa Pinto de Miranda Montenegro.

Maria Elisa, nasceu em Campos, em 24 de dezembro de 1865 e faleceu em Petrópolis em 27 de fevereiro de 1948. Casou-se com Antonio Joaquim de Maya Monteiro, Barão de Maya Monteiro em 12 de junho de 1882.

O Barão de Muriaé, avô de Maria Elisa, era filho do Capitão Jerônimo Pinto Neto e de Ana Maria Pereira. Nasceu e faleceu em Campos dos Goytacazes. Possuía muitas terras e escravos. Grande do Império, foi Fidalgo Cavaleiro, Comendador da Imperial Ordem de Cristo e Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo. Foi agraciado com o título de Barão em 15 de abril de 1847. A Baronesa de Muriaé, que posteriormente foi elevada à Viscondessa de Muriaé, nasceu em 2 de março de 1798 e faleceu em 28 de setembro de 1881. Era filha de Manuel Antonio Ribeiro de Castro, Barão de Santa Rita, e de Ana Francisca Batista de Almeida Pinheiro.

Antonio Joaquim de Maya Monteiro (Futuro Barão de Maya Monteiro)  
Autorização Imperial para casar-se. Documento de 4 de fevereiro de 1882.  
(Coleção do autor)

Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpé-  
tuo do Brazil, faço saber aos que este Alvará vi-  
rem que, tendo elle representado e Antonio Joaquim  
de Maia Monteiro, Alcaide Sodalge da Real Imperial  
Caza, casar-se junto para casar com D. Maria  
Elyza Pinto de Miranda Montenegro, filha de esposo  
Pinto de Miranda Montenegro, fallecido, e de D. An-  
tonia de Miranda Montenegro, e successor, para effe-  
ctuar tal casamento, de licença e approvação Real;  
Hei por bem conceder-lhe a; e para constar authen-  
ticamente Mandou expedir este Alvará, que se cum-  
pirá como nelle se contém. Dado no Palacio do Rio  
de Janeiro, em quatro de fevereiro de mil oitocentos e  
oitenta e dois, sexagesimo primeiro da Independen-  
cia e do Imperio.



*Imperio*

*Paulo de Sousa e Silva*

Alvará pelo qual Vossa Magestade Imperial Hei  
por bem conceder licença a Antonio Joaquim de  
Maia Monteiro, Alcaide Sodalge da Real Imperial  
Caza, para effectuar seu casamento com D. Maria  
Elyza Pinto de Miranda Montenegro, como acim  
se declara.

Para Vossa Magestade Imperial. Cui.



## RETRATOS E BRASÃO DOS BARÕES DA ESTRELLA E DE MAYA MONTEIRO.



Barão da Estrella



Barão da Maia Monteiro



Armas do Conde da Estrella (de Portugal)  
Os Barões da Estrella e da Maia Monteiro tinham brasões idênticos e iguais ao do pai, porem com a coroa de barão.

Descrição:

Escudo partido em pala: na primeira as armas dos Monteiros – em campo de prata três buzinas de preto com bocais de ouro e cordões vermelhos, postas em roquete; na segunda as armas dos Rodrigues – em campo de ouro cinco flores de liz de vermelho, chefe de vermelho, com uma cruz florida vazia do campo.



**CERTIFICADO DE BACHAREL CONFERIDO A JOSÉ ANTONIO DA SILVA  
MAYA**

Certificado<sup>56</sup> do Grao de Bacharel da Faculdade de Canones, da Universidade de Coimbra, obtido por José Antonio da Silva Maya, avô materno dos Barões da Estrella e da Maya Monteiro. Dada em Coimbra em 26 de junho de 1807.

---

<sup>56</sup> Documento da coleção do autor.



A Universidade de Coimbra localiza-se na cidade de Coimbra, em Portugal. É uma das universidades mais antigas do mundo ainda em funcionamento.

Foi criada em 1º de março de 1290, quando o Rei D. Dinis I assinou em Leiria o documento “Scientiae thesaurus mirabilis”.

Atualmente é organizada em oito faculdades de acordo com uma variedade de campos de conhecimento. A universidade, hoje com cerca de 20 mil alunos, oferece graus acadêmicos de arquitetura, engenharia, educação, direito, humanidades, ciências naturais, psicologia e esporte.

A graduação em “Cânones” do diploma mostrado refere-se ao direito canônico e em 1836 esta faculdade foi fundida com a de Direito.

Abaixo a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra.

Uma curiosidade: perguntei certa vez a um dos bibliotecários de Coimbra a respeito da prevenção contra o ataque de insetos aos livros e sua resposta foi: não temos este problema pois na biblioteca existem morcegos que à noite comem os insetos. Será verdade ou uma brincadeira com turistas curiosos?



## UM PRESENTE VALIOSO

Em 8 de setembro de 1852, José Antonio da Silva Maya, doa à sua filha Luisa Amália da Silva Maya, futura Condessa da Estrella, um escravo de onze anos, ao qual foi atribuído o valor de 400\$000, uma quantia elevada na época.

Quando analisamos os preços de escravos ao longo do tempo, vemos que os valores variaram muito. A Lei Eusébio de Queiróz, de 4 de setembro de 1850, que proibia o tráfico transatlântico de escravos diminuiu dramaticamente a oferta de escravos, o que fez os preços subirem. Em 28 de setembro de 1871, foi promulgada a Lei do Ventre Livre (Rio Branco), que tornou livres os filhos de escravos a partir daquela data; isso contribuiu para o aumento dos preços. Em 28 de setembro de 1885, foi promulgada a Lei dos Sexagenários (Saraiva-Cotegipe), que libertou os escravos com mais de 60 anos.

Apresento abaixo uma tabela dos preços de escravos no Rio de Janeiro, extraída do artigo “De escravos, forros e fujões no Rio de Janeiro Imperial” do conhecido historiador Manolo Florentino, especialista no tema escravatura.

Ano	1799	1821	1838	1849	1872
Preço (em mil réis)	80	158	324	443	1513

Assim, o presente do Comendador Silva Maya, era valioso na época e tornou-se ainda mais valioso com o passar do tempo.

Documento que certifica a doação por parte de José Antonio da Silva Maya, à sua filha Luisa Amália da Silva Maya, futura Condessa da Estrella, de um escravo de nome Cesário, de onze anos, de valor 400\$000. Rio, 8 de setembro de 1852.

Este documento foi leiloado pelo leiloeiro Levy em 2015.

N.º 55

500

R. de Janeiro, 8 de Setembro de 1852

Doação

Deu a minha filha D. Luisa Amália da Silva Maya a escravo preto chamado Cesário de idade de onze annos, franco e não oneroso, o valor de quatrocentos mil reis, e lhe cede a herança para sempre todos os annos, e por elle, que tanto elle, a fim de o haver como seu, que fôr seu. Rio de Janeiro de 8 de Setembro de 1852

José Antonio da Silva Maya



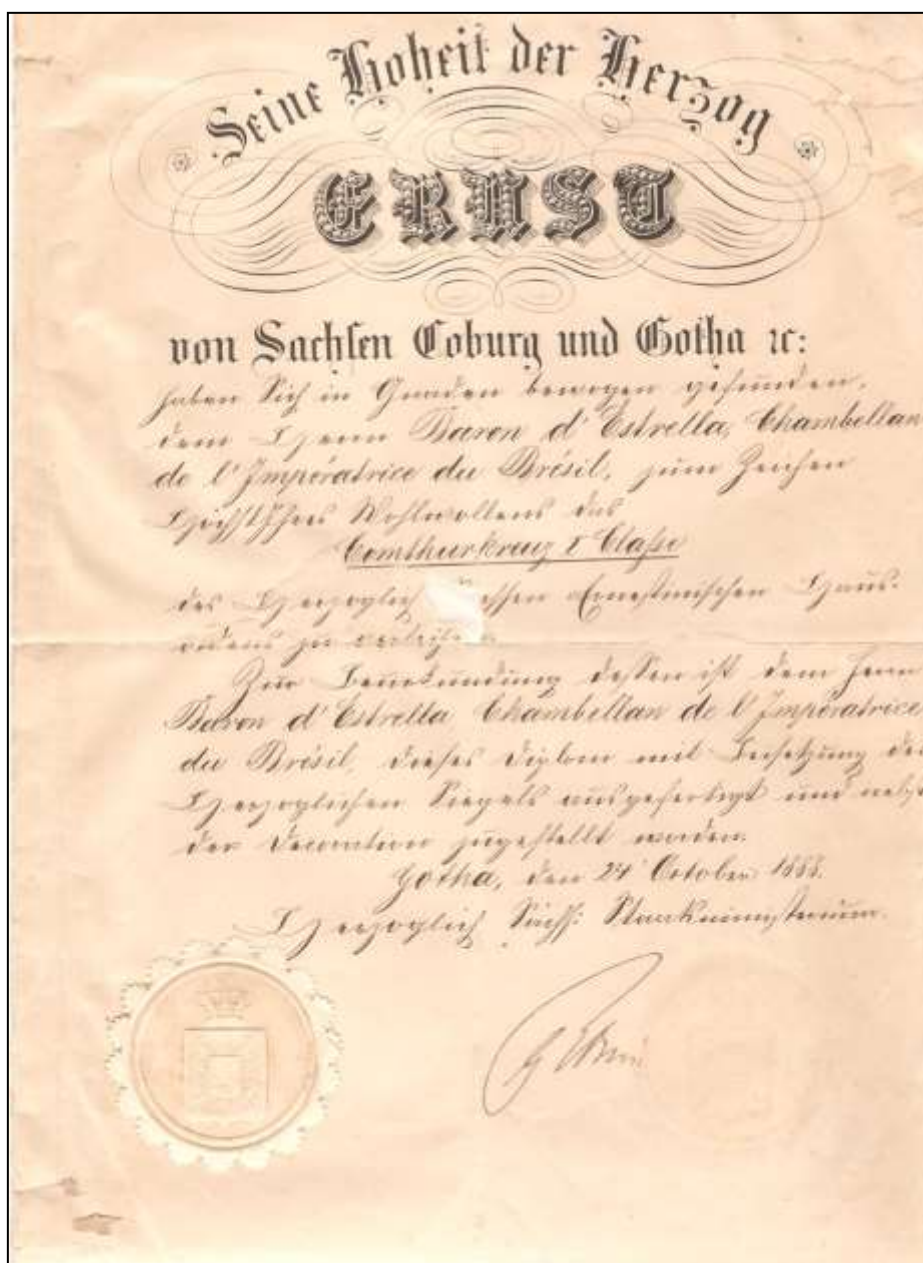
José Joaquim de Maya Monteiro (futuro Barão da Estrella)  
Diploma de Licenciado em Direito pela Academia de Paris, 25/01/1889

(Coleção do autor)



## CONDECORAÇÃO CONCEDIDA AO BARÃO DA ESTRELLA

Diploma<sup>57</sup> referente à condecoração do Barão da Estrella no grau de Comendador de 1ª Classe, da Ducal Ordem Ernestina da Casa de Saxe, concedido em 24 de outubro de 1888.



<sup>57</sup> Documento da coleção do autor.

## **A Ducal Ordem Ernestina da Casa de Saxe.**

A história da Ducal Ordem Ernestina da Casa de Saxe<sup>58</sup> apresenta duas fases, separadas pelo tempo de mais de 140 anos.

A primeira fase inicia-se com sua fundação pelo Duque Frederico I de Saxe-Gotha, em 1690, com o título Ordem da Lealdade Alemã, com objetivo de homenagear a memória de seu pai, o Duque Ernesto, o Piedoso, considerado por muitas gerações alemãs como o símbolo da perfeição humana. Com a morte do Duque Frederico I, logo em 1691, a Ordem desapareceu.

Em 1825 extinguiu-se o Ramo Gotha que havia sido fundado por Frederico I. Os domínios foram divididos entre os três Ramos restantes da Linha Ernestina.

Em 1833 os três Duques dos Ducados de Saxe-Coburgo e Gotha, Saxe Meiningem e Saxe-Alteenburg chegaram a um acordo para promover o renascimento da Ordem da Lealdade Alemã, com o nome de Ducal Ordem Ernestina da Casa de Saxe.

Em 25 de dezembro de 1833, data do aniversário do Duque Ernesto, o Piedoso, os três duques reinantes de Saxe, assinaram os estatutos da Ordem. Cinquenta tiros de canhão anunciaram a nova instituição da Ordem.

A Ordem tinha por finalidade distinguir e premiar aqueles que, através de serviços relevantes, mereceram a atenção e o reconhecimento do Estado. Era ainda concedida a servidores do Estado e súditos que, com lealdade alemã, através de atos excepcionais, especial fidelidade, devotamento e afeição, tenham servido ao Duque e à Pátria.

A Ordem Ernestina extinguiu-se com o fim da 1ª Guerra Mundial, 1914-1918, com a queda dos Reinos e Ducados Alemães.

A Ordem no Brasil.

O motivo da concessão da Ordem no Brasil deve-se principalmente ao casamento da Princesa Dona Leopoldina, segunda filha de Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina, com o Príncipe Luís Augusto de Saxe-Coburgo e Gotha, Duque de Saxe.

---

<sup>58</sup> Fonte: Artigo: Vultos do Brasil Imperial na Ordem Ernestina da Saxônia, de Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, in Anais do Museu Histórico Nacional, volume XII.



No Brasil foram condecorados cinco membros da Família Imperial e doze figuras de relevo do Império com o grau de Grã-Cruz; quatro Comendadores de 1ª Classe, dentre eles o Barão da Estrella; nove Comendadores de 2ª Classe; seis Cavaleiros de 1ª Classe e dois de 2ª Classe.

### **O DIPLOMA DA ORDEM NACIONAL DA LEGIÃO DE HONRA (FRANCESA) CONCEDIDA AO BARÃO DA ESTRELLA.**

A Ordem Nacional da Legião de Honra, em francês *Ordre National de La Légion d'Honneur* é a mais alta condecoração de mérito concedida na França. Ela foi criada em 1802 por Napoleão Bonaparte. Ela possui cinco graus: Grã-Cruz, Grande Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro. O Chefe do Estado Francês é sempre o Grande Mestre da Ordem; ele recebe a Grã-Cruz na cerimônia de investimento no cargo.

Quando Dom Pedro II faleceu ele foi sepultado com honras, apesar dos protestos do governo brasileiro, e levou ao peito a condecoração da Ordem.

Barão da Estrella  
 Diploma da Legião de Honra Francesa, no grau de Cavaleiro.



## **UM TELEGRAMA DE DOM PEDRO AUGUSTO AO BARÃO DA ESTRELLA.**

A telegrafia foi inventada pelo americano Samuel Morse em meados do século XIX. Como a maioria dos inventos, a telegrafia foi evoluindo e essa evolução foi obra de diversos cientistas, como por exemplo o italiano Guglielmo Marconi, que baseado nos estudos do austríaco Nikola Tesla, criou o primeiro telégrafo sem fio.

Samuel Morse, um pintor de retratos, físico e inventor, construiu seu primeiro protótipo funcional de um telégrafo em 1835. Em 1838 já tinha desenvolvido um código que tomou seu nome, o conhecido e até hoje utilizado Código Morse. Com o telégrafo e o código, puderam ser iniciadas as transmissões de mensagens à distância. Em 1843, Morse conseguiu recursos para construir a primeira linha telegráfica que ficou pronta em 1844, unindo Washington a Baltimore. Daí em diante a telecomunicação se expandiu pelo mundo.

Em 1857 a telegrafia chegou ao Brasil, sendo que a primeira linha telegráfica unia a Praia da Saúde no Rio de Janeiro a Petrópolis. A ligação por cabos submarinos à Europa ocorreu em 1874 entre as estações de Recife e Portugal, através dos Açores e Cabo Verde. A telegrafia sem fios ocorreu somente no final do século.

As mensagens por telegrama eram utilizadas apenas quando se tinha urgência. Transmitem uma informação de um falecimento, doença, uma reunião urgente, acidentes, cumprimentos de aniversários ou nupciais. Enviávamos um telegrama quando queríamos caracterizar urgência ou demonstrar apreço e respeito pelo destinatário.

A mecânica do serviço de telegramas era complexa: nos correios solicitávamos um formulário próprio, redigíamos a mensagem e informações do emitente e do destinatário em letras de forma. O telegrafista do correio transmitia a mensagem em código Morse. No correio de destino a mensagem era decifrada e transformada numa fita de papel com o texto da mensagem, em letras caixa alta e sem acentos. Essa fita era colada em outro formulário, dobrada apropriadamente e um funcionário a levava com urgência ao destinatário. Habitualmente o telegrama chegava no mesmo dia, quando muito no dia seguinte. O pagamento do porte era feito pelo número de palavras, o que motivava mensagens curtas, objetivas e com um mínimo de artigos, preposições, etc.

Quando o destino da mensagem era próximo à estação de emissão, o correio enviava o próprio formulário preenchido pelo emitente e com isso se economizava tempo.

O telegrama que apresento a seguir tem como emitente o Príncipe Pedro Augusto e como destinatário o Barão da Estrella. O Imperador estava em sua terceira viagem ao exterior, começando em 1887 e terminando em 1888, realizada principalmente por motivos de saúde. O Príncipe Pedro Augusto fazia parte de sua comitiva e possivelmente fora encarregado de alguma missão na Alemanha a ser realizada em companhia do Barão da Estrella. Essa mensagem demonstra a confiança e amizade existentes entre o Monarca e o Barão.

O Imperador estava repousando em Cannes, enquanto o Barão estava em sua residência francesa, em Paris, na Place Vendôme.

Telegrama de Dom Pedro Augusto ao Barão de Estrela, datado de 11 de março de 1888.



“Favor não sair de Paris. Talvez o Imperador queira que você me acompanhe a Berlim. Amisades. D. Pedro.”



Destinatário: “Barão da Estrela Praça Vendome, 14 Paris.”

Documento da coleção do autor.

## O BARÃO DA ESTRELLA E A MORTE DE DOM PEDRO II

O Barão da Estrella esteve com Dom Pedro II por ocasião de seu falecimento em 5 de dezembro de 1891, na França. Além de acompanhar os momentos derradeiros de Dom Pedro, o Barão da Estrella participou da organização do funeral. Foi encarregado da expedição dos convites para o funeral e era a ele quem as pessoas se dirigiam para obter os convites para a cerimônia. Apresento a seguir alguns recortes de jornais da época que trataram do falecimento de Dom Pedro II, da participação do Barão da Estrella nas exéquias, um telegrama no qual o Sr. F. Gasquet solicita um convite para o evento e um curioso bilhete no qual o Sr S. de Sa Valle reclama não ter recebido o convite e relata que corre o rumor que os portadores dos convites os estão dando ou vendendo para outras pessoas, que não os destinatários corretos.

<h3>D. Pedro de Alcantara</h3> <p><b>ULTIMOS MOMENTOS</b></p> <p>Telegrammas recebidos por nossos collegas d'esta capital e informações nossas assim descrevem os derradeiros dias de vida e a morte do ex-imperador:</p> <p>Desde a vespera, em conferencia entre o professor Charcot e o conde da Motta Mala, esses clinicos reconheceram que era impossivel uma esperanca do melhor prognostico para o seu doente. A morte era inevitavel.</p> <p>Com o organismo debilitado, D. Pedro</p>	<p>Jornal GAZETA DE NOTICIAS, edição de 7 de dezembro de 1891</p>
	<p>fracamente respirava.</p> <p>Perto do leito, sobre uma pequena mesa um crucifixo; aos pés da cama ardem velas de cêra.</p> <p>Em roda do leito estão ajoelhados a Sra. D. Isabel, o conde d'Eu, o principe D. Pedro Augusto; e presentes no quarto os Srs. conde de Aljezur, de Motta Maia, de Nioac, viscondes de Cavalcanti e da Penha, barões da Estrella, de S. Joaquim, de Penedo, de Muritiba e de Nioac; conselheiro Silva Costa, Drs. Alfredo Rocha, Eduardo Prado, Calogeras e Seybold, condessa de Motta Mala e baroneza de Muritiba.</p> <p>A' meia noite e 45 minutos o Sr. D. Pedro exhalou o ultimo suspiro. A condessa d'Eu, extremamente commovida, levanta-</p>



Morte de D. Pedro II -  
Telegrama enviado ao  
Barão da Estrella, no  
Hotel Bedford (onde  
morreu o Imperador) -  
Paris - 08/12/1891 -  
solicitando convite para o  
funeral.

Paris 8 décembre 1891

Monsieur le Baron.

Ayant le plus grand désir  
d'adhérer aux obsèques de S. M.  
Notre Père, Empereur du Brésil,  
je me serais infiniment  
obligé de me faire envoyer  
une carte d'invitation, qui  
me facilitera l'entrée dans  
l'Eglise de la Madeleine.

Veuillez agréer, Monsieur le  
Baron, avec mes remerciements  
anticipés l'assurance de ma  
considération, très distinguée.

14, rue de la Pépinière - J. Gasquet

Coleção do autor.



Bilhete escrito pelo Sr. S. de Sa Valle, para o Barão da Estrella, informando que o convite para o funeral do Imperador Dom Pedro II, não lhe havia sido entregue e que corria a informação que os portadores dos convites os estavam dando ou vendendo.

BEDFORD HOTEL  
Paris

Meu caro Barão,

Como o sei muito ocupado,  
sem tempo para pensar-lhe que  
nem eu, nem minha mulher, nem nenhum  
dos meus filhos e criados, ainda não  
recebemos nenhuma das cartas que nos  
deviam ser destinadas e que já se achavam  
distribuídas, pois se eu sou que talvez já  
já partiu quem os recebeu.

Tomo a liberdade de fazer-lhe uma com-  
munição, pelo modo que esse de que o por-  
tador das ou vendendo os ditas cartas.

Comos tuy uniao e ty uniao.

Assim, meus filhos e criados.

S. de Sa Valle

12. rue de Valenciennes.

P.S. Indicar o cartão de um portador ou aonde também  
pode escrever.





**Convite para as cerimônias fúnebres referentes a morte de Dom Pedro II, realizadas na França, em 9 de dezembro de 1891.**



**Convite para acompanhar o transporte do corpo de Dom Pedro II, que seria levado de trem da França para Portugal, onde seria sepultado.**

**Em 12 de dezembro de 1891, o corpo de Dom Pedro II foi depositado no Panteão dos Braganças, junto ao da Imperatriz Thereza Cristina, no Convento de São Vicente de Fora.**

*As imagens destes dois convites e a autorização para sua reprodução neste texto, foi gentilmente concedida pelos administradores do Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora, MG, a quem agradeço. Estas importantes peças iconográficas pertencem ao acervo do mencionado Museu.*



O Hotel Bedford, situado no centro histórico de Paris, a Rua l'Arcade n. 17 existe há mais de 100 anos. Lá viveu seus últimos dias e faleceu o Imperador Dom Pedro II, exilado. (Fotos atuais do Hotel Bedford encontradas na internet)



## CAETHE – CIDADE ONDE MORREU O BARÃO DA ESTRELLA

### História de Caeté

A cidade de Caeté tem sua origem no início do ciclo do ouro. A partir de meados do séc. XVII, surgiram em Minas Gerais os primeiros grupos de aventureiros que vinham do litoral em busca de ouro, prata e pedras preciosas. Em Caeté, a primeira das "entradas" é atribuída a Lourenço Castanho Taques, por volta de 1662.

Em 1701, o Sargento-mor Leonardo Nardez Sisão de Souza descobriu minas de ouro nos seus espessos e bravos matos – razão porque os indígenas chamaram de Caeté – (mata virgem, mata grande, mato denso).

Os paulistas foram seus primeiros habitantes e, em 1704, o arraial contava com numerosa população. Em 26 de janeiro de 1714 foi, então criada a Vila Nova da Rainha, pelo Governador D. Braz Balthazar da Silveira. A sua instalação ocorreu em 14 de fevereiro do mesmo ano.

Caeté tem uma história particularmente rica. Nela se deu em 1708 a guerra civil dos Emboabas, na qual começou a formação histórica de Minas Gerais. A luta, apesar de seu fundo econômico, não deixou de demonstrar o sentido de organização dos grupos em conflito: portugueses e bandeirantes. Principalmente dos primeiros, que elevaram seu chefe, Manuel Nunes Viana, depois das primeiras vitórias, governador das Minas. Essa escolha ficou como registro das primeiras eleições livres da América, tendo Nunes exercido o cargo durante um ano.

A cidade, atualmente com cerca de 35 mil habitantes, ainda guarda, conservada, parte de seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico em seu museu, casas e igrejas.

A respeito da Matriz de Caeté, em cujo frontispício se lê a data de 1857, assim se expressou Saint Hilaire: “Não somente não vi, em toda a província de Minas, uma só que fosse tão bela, mas ainda duvido que exista no Rio de Janeiro alguma que se lhe possa comparar”. Essa Matriz dedicada à N. Sra. do Bom Sucesso, é obra do arquiteto Bracarena. Foi terminada em 1765. Essa igreja veio inaugurar em Minas o novo estilo, que se estava libertando do barroco jesuítico puro, e constitui obra prima da época.

Em Caeté, com sua típica arquitetura colonial, podem ser admirados ainda 18 chafarizes de pedra, o solar do Barão de Catas Altas, o pelourinho, a igreja de N. Sra. do Rosário, etc. A pouca distância, está a Serra da Piedade, tradicional ponto de romaria religiosa.<sup>59</sup>

É tradição da cidade de Caeté ter ela sido marco da "Guerra dos Emboabas".

Data da emancipação de Caeté: 23 de março de 1840, desmembrada do Município de Sabará.

---

<sup>59</sup> Ref.: Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais.

**Certificado de Óbito - José Joaquim de Maia Monteiro - Barão da Estrella**  
**Óbito em 26 de outubro de 1910 FURNAS DE CAETHE, Município de Caethe, MG**

Certifico que no livro de Registros Civil, retido  
veramente a obitos n.º 111, no v. de f.º 218 e f.º 219,  
registrei o assento do Theor seguinte: Numero  
duzentos e quinze. Aos vinte e sete dias do mez de  
Outubro de mil novecentos e dez, neste Districto  
do Morro Vermelho, Município de Caethe, Esta-  
do de Minas Geraes compareceu em meu cartorio  
o Cidadão Ovidio Camargo Cazado, com quarenta  
e deus annos de idade, natural da Habera de Cam-  
pe residente nas Fiermas de Caethe, administrador  
das Fiermas ourefera de Barcharel Jose Joaquim de  
Maia Monteiro, Barão da Estrella, declarou que  
ante-hontem as cinco e quarta horas da tarde, fal-  
leceu o Barcharel Jose Joaquim de Maia Mon-  
teiro, acima dito, com cinquenta e cinco annos de  
idade, brasileiro, casado, de cor branca, natural de  
Petropolis, proximoente Myelite chronica, confor-  
me diz o attestado medico na forma abaixo. Attes-  
to que falleceu hoje as 5 1/4 horas da tarde em  
sua residencia das Fiermas de Caethe, Município  
deste nome, do de Minas) o Sr. Sr. Jose Joaquim  
de Maia Monteiro Barão da Estrella, brasileiro,  
de cor branca, com 55 annos de idade, casado, barcha-  
rel em direito em capitalista. Foi causa da morte: Mye-  
elite chronica. FURNAS, 25-X-1910. Dr. Pedro Paulo Pereira  
(Medico assistente) e para constar eu Jose Lopes de  
Magalhães, escrivão interino fevros este termo em  
que commigo assigna o declarante em presenca das  
testemunhas tambem abaixo assignadas: Lopes de  
Magalhães, Ovidio Camargos Lome. H.ºs Jose Lopes  
de Magalhães Primo, Francisco Lopes de Magalhães Sobrinho.  
Nada mais se continha em o dito assento que bem  
e fielmente transcrevi do proprio livro. Eu Jose



O *Jornal do Commercio* publicou  
hontem os seguintes telegrammas :

PARIZ, 9, 11 horas da manhã.

O corpo é transportado da crypta para  
o catafalco, de onde pende a antiga ban-  
deira imperial, lindamente bordada a  
ouro e adornada de pedraria.

A igreja começa a encher-se de tributos  
flôres das familias reais.

Chegam cedo a rainha D. Isabel II, da  
Hespanha, a infanta D. Eulalia, sua filha,  
a familia dos Orlôans, a do rei de Na-  
poles.

Mais adiante já tomaram assento os  
diversos membros do corpo diplomatico,  
todos trajados com seus uniformes de  
grande gala, formando um grupo fulgu-  
rante, com suas dragonas e bordados e  
condecorações.

Ao redor do catafalco distribuem-se  
personagens importantes da colonia bra-  
sileira, d'entre elles destacando-se o vulto  
solido e massiço de Gaspar da Silveira  
Martins.

De permelo com estes, vejo quasi todos  
os membros do instituto de França, tra-

Segue depois o ataúde, precedido por  
musicas tocando a granda marcha fune-  
bre de Chopin.

A familia imperial e principes vão em  
12 grandes carros cobertos de lucto.

Nos cordões seguraram os Srs. Gaspar  
da Silveira Martins, visconde de Caval-  
cante, barão da Estrella, conde de Al-  
jezur, conselheiro Silva Costa, barão de  
Muritiba, conde de Motta Maia, general  
José Vieira do Couto Magalhães, conde  
de Nova Friburgo, conde de Villeneuve,  
conde de Nioac e visconde da Penha.

Por ordem da princeza, depois da rua  
Real, podiam os brasileiros que manifes-  
tassem desejo, segurar os cordões até a  
estação de Orlens.

Depois dos empregados das pompas

## “SANTINHOS”

Há muito tempo que os “santinhos” são usados para registrar ou participar efemérides. Ainda hoje são usados, mas nos séculos XIX e XX sua utilização era mais frequente. Usava-se santinhos para participar nascimentos, casamentos, falecimentos, noivados, comunhões, etc.

Os primeiros santinhos conhecidos são do século XV, são pintados a mão e os mais antigos têm a imagem de São Cristóvão. Havia santinhos xilogravados, santinhos gravados com matrizes de aço e cobre, coloridos ou não, litografados, etc. Os colonos germânicos de Petrópolis utilizavam esse recurso para comunicar casamentos, bodas de prata, etc e os cartões usados eram finamente trabalhados.

Inicialmente usados por católicos, seu uso se estendeu aos protestantes que litografavam cenas bíblicas e versículos. Os santinhos eram veículos de propagação da fé. Muitas vezes eram utilizados para o “pagamento de promessas”.

Os historiadores os usam atualmente como “fontes” que muito auxiliam para o conhecimento de datas de nascimento, falecimento, testemunhos de amizade. Por vezes esclarecem também a profissão, locais de nascimento e morte, crença religiosa, etc do personagem mencionado.

O “santinho” que apresento a seguir registra a morte do Barão da Estrella.



La bonté de son caractère lui fit de nombreux amis et les mêmes sentiments de son cœur lui valurent l'estime de tous.

Mais Dieu, dans votre justice absolue, dérogea à cette bonté dans le repos qu'elle a mérité par ses longues souffrances. *(Œuvre de l'Église.)*

Il se sent à l'aise dans votre cœur, son plus grand bien. Mais vous n'êtes pas si facile, Seigneur, de prolonger ses jours, vous lui avez donné le repos éternel, que votre saint esprit seul veut. *(Saint Ambroise.)*

Dans une trop courte existence, il a travaillé son long chemin. *(Séjour, IV, 11.)*

Son noble caractère ne s'est pas démenté jusqu'à la fin de sa vie : il a vu sans frayer approcher son dernier jour. *(Père.)*

Il a trop aimé ses frères pour être lui-même jamais méfiant. *(Fénelon.)*

Mais le souvenir de son jour, son noble caractère son plein d'innocence. *(Saint Bernard.)*

Il a connu le prix du temps, le travail a été sa vie, il a aimé le devoir jusqu'à la fin. *(Saint Basile.)*

Toujours il donna les prémices des richesses, ainsi sa mémoire restera-t-elle sa bénédiction. *(M. B., III, 1.)*





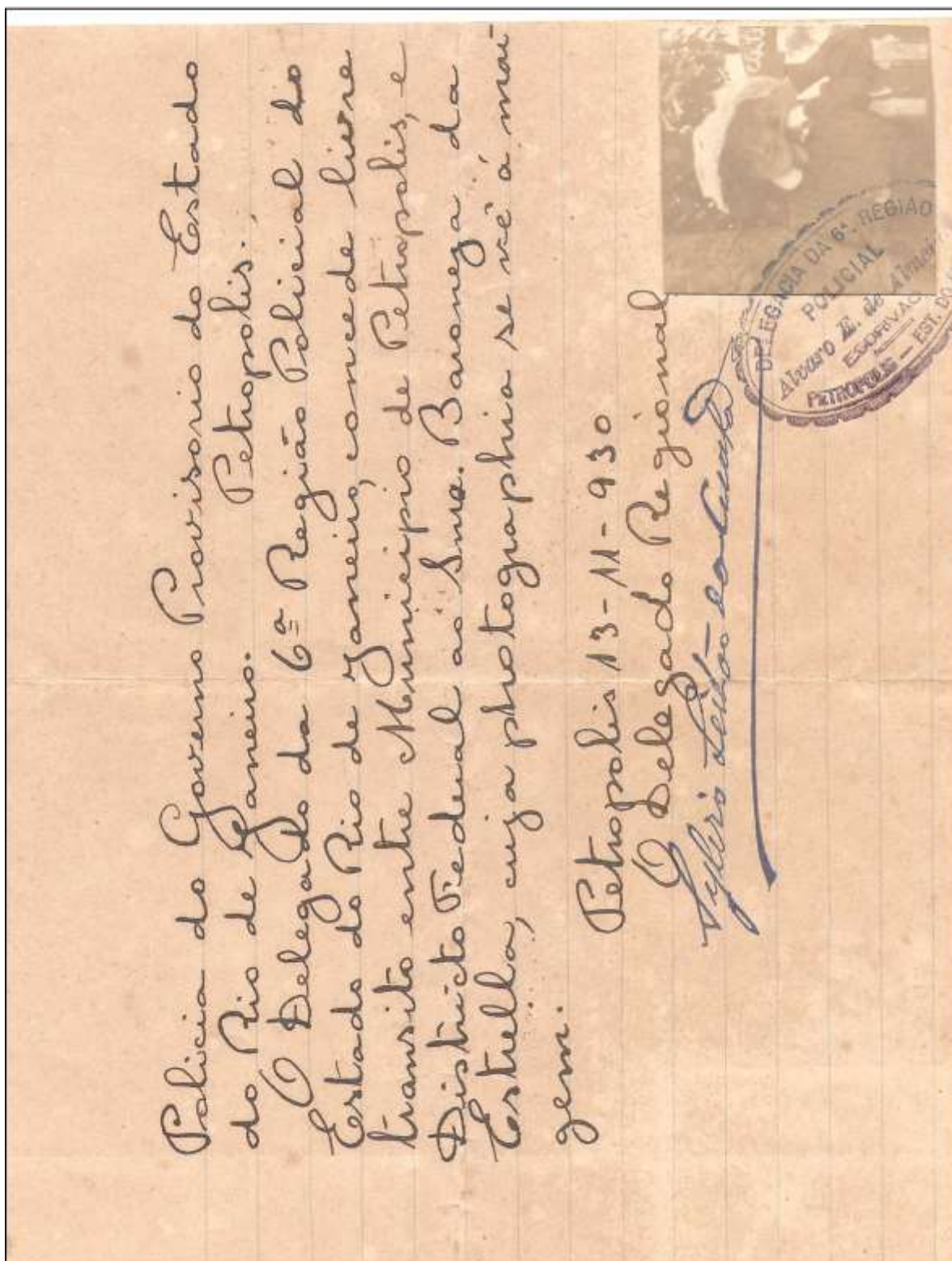
SOUVENEZ-VOUS DEVANT DIEU  
DU  
**Baron d'ESTRELLA**  
25 OCTOBRE 1910

DE MEMORIA ESTRELLA SOCIÉTÉ





**Um retratinho da Baronesa da Estrella.  
Permissão de trânsito durante o período da Revolução de 30  
Petrópolis, 13 de novembro de 1930**



## OPULÊNCIA E GLAMOUR

Foi muito comum no século XIX, como sinal de prosperidade e posição social o uso de marcas de posse nos objetos pessoais, por pessoas abastadas; fossem eles nobres, comerciantes, fazendeiros, capitalistas, etc. Quando o indivíduo possuía um título de nobreza e um brasão reconhecido, e para isso era necessária uma concessão imperial e o pagamento correspondente, era habitual que seus pertences fossem “brasonados”; brasonava-se a louça, o papel de correspondência, os cristais, talheres, os “ex libris”, etc. No caso particular da louça, esse procedimento implicava numa grande despesa, pois a louça devia ser de porcelana e conseqüentemente encomendada na Europa,<sup>60</sup> em quantidade grande; havia então o custo da louça propriamente dita, da decoração personalizada, do transporte, licenças, impostos, etc. Quando o indivíduo não era nobre, mas tinha “cabedais” suficientes, limitava-se a colocar em seus pertences um monograma com suas iniciais. Quando tinha um título de nobreza, barão, visconde, etc, mas não tinha um brasão, o hábito era utilizar o monograma encimado por uma coroa correspondente ao título.

Muitas vezes encontramos, para um mesmo indivíduo, objetos com marcas de posse diferentes, por exemplo: louça com um brasão de visconde e papel de carta com brasão de conde; o que ocorreu foi que a louça foi adquirida quando o indivíduo era visconde e quando passou a conde não iria jogar a louça fora, mas o papel, de uso corrente e custo muito menor, passou logo a ter uma marca atualizada. É então comum encontramos para um determinado titular, objetos com o brasão ou com a coroa de mais de um tipo ou simplesmente monogramados. Por vezes encontramos também brasões “simplificados”; isto acontece em casos em que o objeto a ser identificado ter dimensões pequenas, ou quando não compensava o custo de “abrir-se” uma marca detalhada ou mesmo quando não se encontrava um profissional competente para fazê-la.

No caso do Conde da Estrella e seus filhos encontramos estes sinais de riqueza e posição social. Seus objetos pessoais possuíam monogramas, coroas, brasões, etc. o Conde da Estrella normalmente, mesmo nas peças com identificação simplificada, costumava utilizar duas trompas ou cornetas, características das armas dos “Monteiro”.

---

<sup>60</sup> Houve também o uso de louça chinesa, da Companhia das Índias, mas não foram comuns.

Reproduzo a seguir algumas peças da família Estrella, com marcas de posse. Estas peças são de várias procedências, as quais menciono no texto.



**Perfumeiro em cristal e prata inglesa brasonada com as armas do Conde da Estrella. (Prata inglesa, contraste de Londres, 11 cm de altura).**

**Caixa em cristal com tampa em prata , com marca de propriedade do Conde da Estrella. (Confeção possivelmente inglesa, 6 cm de altura).**



(Objetos apreçados pelo leiloeiro Franklin Levy em março de 2013)



**Calçadeiras em marfim, uma com as iniciais do Barão de Maia Monteiro e outra com as armas do Conde da Estrella.**



**Escova em marfim, com armas do Conde da Estrella, em prata.**

(Objetos apreçados pelo leiloeiro Franklin Levy em março de 2013.)

**Medalhão com as  
armas do Conde da  
Estrella no centro.  
Coroa de conde.  
Encimando a coroa  
observa-se claramente  
as duas trompas de  
caça atadas por uma  
fita de prata que é de  
“Monteiro”.  
Moldura com  
elementos florais e  
vegetais. Dimensões:  
12 cm x 8 cm.**



**Apliques em  
bronze com as  
armas do Conde  
da Estrella. Um  
com a coroa de  
conde, 3 cm e  
outro com a coroa  
de visconde, 2 cm.**

(Objetos apreçados pelo leiloeiro Franklin Levy em março de 2013)

## UM ENIGMA HERÁLDICO

No início deste trabalho fizemos algumas considerações sobre brasões e sobre heráldica. Agora gostaria de expor um enigma ou uma curiosidade que vem despertando minha atenção nos últimos tempos.

Nos recentes leilões de livros, papéis, objetos colecionáveis, etc, do leiloeiro Franklin Levy, têm sido ofertados alguns documentos e objetos relativos a familiares do Conde da Estrella e aí incluo o próprio Conde; seus filhos, o Barão da Estrella e o Barão de Maia Monteiro; seu neto, o embaixador Ayres da Maia Monteiro e outros.

Em 2015, foram apregoados alguns talheres brasonados, cuja descrição do lote era:

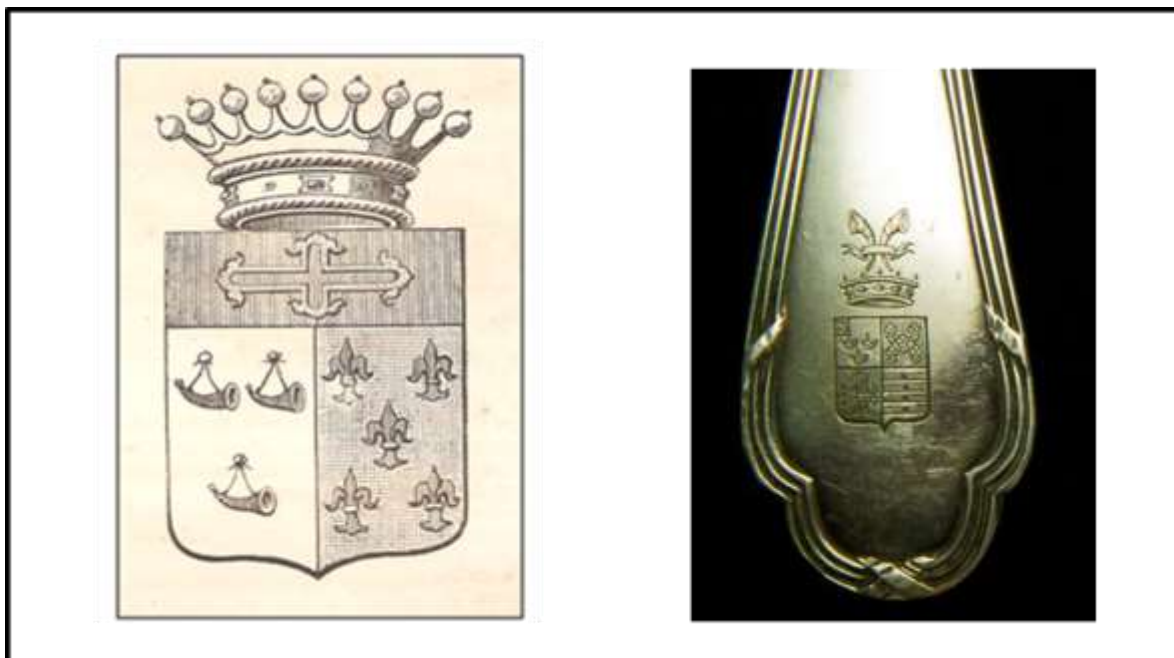
*Talheres brasonados, 02 peças, colher e garfo para servir. 25cm de comprimento, marcas e contrastes Ercuis, com centauro, pertenceram a família do Barão de Estrella e Maia Monteiro. 265g.*

A foto (parcial) mostrada para o lote era:



Vejamus uma rápida comparação com o brasão do Conde da Estrella e de seus filhos Barão da Estrella e Barão de Maia Monteiro.





O escudo do Conde é partido enquanto o do talher é esquartelado.

Ambos escudos apresentam uma cruz florida vazia do campo , entretanto na do Conde a cruz está no chefe e na do talher no cantão inferior, da dextra.

Ambos brasões apresentam 3 buzinas postas em roquete (que são de Monteiros), porém em localizações diferentes.

Ambos apresentam 5 flores de liz, em sautor (que são de Rodrigues, juntas com a cruz florida), mas em locais distintos.

A carga do cantão inferior à sinistra, do brasão do talher não está distinguível. Esta não existe no brasão do Conde.

Não faço referência aos esmaltes e metais, pois são pouco distintos na foto do talher.

Não obstante estas diferenças, é inegável que os brasões têm origem comum.

Poderão ser de filhos do primeiro casamento do Conde da Estrella? Serão armas de ascendentes? Poderá o brasão do talher ser o do 1º Conde da Estrella quando era Barão ou Visconde? Será uma fantasia de quem encomendou os talheres?

Fica o desafio de esclarecer o enigma.



## UMA “VAQUINHA” MINISTERIAL.

Nas eleições presidenciais de 1910, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, gaúcho de São Gabriel, derrotou o baiano Rui Barbosa, tornando-se o 8º Presidente do Brasil.

Hermes nasceu em 1855 em uma família de militares, sendo inclusive sobrinho do Marechal Deodoro da Fonseca. Seu período de governo (1910 - 1914) foi agitado por movimentos fortes como a Revolta da Chibata e a Guerra do Contestado. Governou durante parte do tempo em “estado de sítio”. Entretanto conseguiu prosseguir o programa de construção de ferrovias, inclusive a Madeira-Mamoré, a implantação de escolas técnicas profissionais, a instalação de vilas operárias no Rio de Janeiro, melhorias para o Exército, a criação da Universidade do Paraná, etc.

Hermes casou em primeiras núpcias com Orsina Francioni, sua prima, filha do Coronel Pedro Paulino da Fonseca, governador do Estado de Alagoas. Tiveram 5 filhos. Orsina faleceu em 1912.

Casou-se em segundas núpcias com a petropolitana Nair de Teffé, filha do Barão de Tefé. Nair nasceu em 1886 e com um ano foi morar na França, só regressando em 1906. Foi uma artista muito completa, pintora, cantora, atriz e pianista. Notabilizou-se pelas caricaturas, que eram assinadas com o pseudônimo Rian, palíndromo de seu nome, e que em francês significa “nada”. Nair era uma mulher moderna, promoveu festas no Palácio Presidencial e nelas introduziu a música popular, o violão, a “modinha”, o “samba”, etc.

Nair de Teffé presidiu a Academia de Ciências e Letras (de Petrópolis) tendo sido eleita em 1928. Em sua gestão extinguiu a Academia em 1929 e fundou em seu lugar a Academia Petropolitana de Letras, que presidiu até 1932.

Em seu livro “A Verdade sobre a Revolução de 22”, Nair conta algumas passagens de sua vida e a de seu marido, o Presidente Hermes da Fonseca. No capítulo intitulado “Primeiro Presente” a escritora descreve alguns presentes que recebeu em seu casamento e transcrevo um trecho:

*“Os Ministros do Governo enviaram um anel de brilhante diamantino com tons azulados, da joalheria Isidoro Max (sic), numa linda caixa de pelúcia, com um cartão de*

*ouro, com a seguinte inscrição: Com os cumprimentos e felicitações de seus amigos: Herculano de Freitas, Rivadávia Correia, Alexandrino de Alencar, Vespasiano de Albuquerque, José Barbosa Gonçalves, Manoel Edwiges de Queiroz Vieira e Lauro Muller”.*

Quis a minha “sorte de colecionador” que me deparasse com a Nota Fiscal da compra desse anel dentro de um envelope onde estava a relação dos Ministros que fizeram a “vaquinha” para comprar o presente do casamento do Presidente com Nair de Teffé. Ao que tudo indica o encarregado da compra foi o então Oficial da Secretaria de Estado das Relações Exteriores Ayres da Maia Monteiro, filho do Barão de Maia Monteiro. A nota e o envelope estavam com outros papeis do funcionário e futuro embaixador.

A seguir reproduzo os documentos e uma foto do casamento de Nair de Teffé com Hermes da Fonseca estampada na revista *Ilustração Brasileira*.



Recibo referente a compra de um anel de brilhante para presentear Nair de Tefé por ocasião de seu casamento com o Presidente Hermes da Fonseca.

S. P. *Recebu do brilhante azul presenteada da Ministra do Estado a Sr. Nair Tefé por ocasião do seu casamento com o Presidente da República*

Pelo Gabinete do Ministro das Relações Exteriores

M. Rivadavia Correa -	1: 200,000
M. Barbosa Fontes -	1: 200,000
Almirante A. de Almeida -	1: 200,000
M. Lauro Miller -	1: 200,000
M. Honulau e Treilos -	
M. Edmundo de Sá -	
General Vaspariano -	1: 200,000

A "vaquinha ministerial".



Revista "A Ilustração Brasileira"

**Casamento de Hermes da Fonseca com Nair de Teffé no  
Palácio Rio Negro, em Petrópolis  
8 de dezembro de 1913**

## UM TESTEMUNHO DE AMIZADE

Um testemunho de amizade.



Cartão de Natal do principio do século XX, com as imagens do Conde D'Eu e da Condessa D'Eu (Princesa Isabel), enviado para a família do Barão de Maya Monteiro.

Mãe querida Maria Elza  
Mãe do Henrique e do  
Mário Monteiro e suas filhas  
m.º: bem suas suas  
Muita saudade, assim  
sempre sou m.º: afetuoso  
Isabel Condessa D'Eu

## “FESTAS CHILENAS”. A PARTICIPAÇÃO DOS “ESTRELLA”

Em finais do ano de 1889, às vésperas da queda da monarquia ocorrida em 15 de novembro daquele ano, o Governo Brasileiro pretendeu homenagear o Chile, então representado pela tripulação do encouraçado chileno Almirante Cochrane. Foram programados diversos eventos e dentre esses podemos mencionar, com base no artigo de Mary Del Priore<sup>61</sup>: baile no Cassino Fluminense; banquete na Escola Militar da Praia Vermelha; visita ao Museu Nacional; visita ao Quartel do Corpo Militar da Polícia; visita ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com a presença do Imperador; corrida em Homenagem a Nação Chilena, no Derby; regatas na Enseada de Botafogo; visita ao Arsenal de Marinha; espetáculo de gala no Teatro São Pedro de Alcântara; jantar oferecido pelo Príncipe Dom Pedro de Alcântara à oficialidade do navio Almirante Cochrane com as presenças do Conde da Estrella<sup>62</sup>, Barão de Maya Monteiro, Visconde de Beaurepaire Rohan, dentre outros; visita a Academia de Belas Artes, ao Colégio Militar, Asilo de Meninos Desvalidos; visita ao Arsenal de Guerra, com a presença do Ministro da Guerra. Houve também um jantar oferecido pelos Conde<sup>63</sup> e Condessa da Estrella.

Faço menção a essas festas para mostrar a relevância social dos “Estrella” e sua proximidade com a Família Imperial. Comento três eventos: o banquete oferecido pelo Conde e Condessa da Estrella à oficialidade do encouraçado Almirante Cochrane em 25 de outubro de 1889 realizado no palacete do Conde, à Rua do Rio Comprido (mencionado nos jornais da época e no esplêndido livro “Festas Chilenas”<sup>64</sup>); o banquete oferecido pelo Príncipe Dom Pedro Augusto aos oficiais do encouraçado e o Baile da Ilha Fiscal.

---

<sup>61</sup> PRIORE, Mary Del. “Entre “doidos” e “bestializados” o baile da Ilha Fiscal”, Revista USP, número 58, julho/agosto, 2003.

<sup>62</sup> Trata-se do 2º Conde da Estrella. O 1º havia falecido em 1875.

<sup>63</sup> Naquele momento o Conde da Estrella era o Cônsul Geral do Chile.

<sup>64</sup> MALERBA, Jurandir, HEYNEMANN, Cláudia Beatriz e RAINHO, Maria do Carmo Teixeira (Organizadores). Festas Chilenas, sociabilidade e política no Rio de Janeiro no ocaso do Império. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

Programação (parcial) dos festejos encontrada no periódico carioca NOVIDADES

Página 4 do jornal "NOVIDADES" edição de 14 de outubro de 1889  
(Observe-se que a data do Baile da Ilha Fiscal ainda não tinha sido modificada)

4

NOVIDADES — Rio de Janeiro, Segunda-feira, 14 de Outubro de 1889

PROGRAMMA

**GRANDES E POMPOSOS FESTEJOS**

EM  
HOMENAGEM

ILLUSTRE COMMANDANTE E Á BRIOSA OFFICIALIDADE

COURAÇADO CHILENO

**ALMIRANTE COCHRANE**

NO DIA 18 DO CORRENTE

ESPECTACULO DE GALA NO IMPERIAL THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA  
Lunch á bordo do Couraçado "Riachuelo"

No dia 19 do corrente

GRANDE BAILE NA ILHA FISCAL

No dia 20 do corrente

GRANDE CONCERTO POPULAR NO IMPERIAL THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA

No dia 27 do corrente

REGATA NA ENSEADA DE BOTAFOGO

PROJECTAM-SE PASSEIOS

Ao Corcovado, a Tijuca, a Juiz de Fôra, a Ouro Preto e a S. Paulo.

E' este o programma dos festejos projectados, programma  
que é entretanto  
susceptivel de modificações e accrescimos.



O Banquete oferecido pelo Conde e a Condessa da Estrella aos oficiais do Almirante Cochrane. (Convite extraído do livro Festas Chilenas, figura 7-3, página 163, artigo “O Império à Mesa, de Laurent Suaudeau e Carlos Augusto Silva Ditadi”).

**Convite à oficialidade do encouraçado Almirante Cochrane para o banquete oferecido pelo Conde e a Condessa da Estrella em seu palacete do Rio Comprido.**



MENU DU DINER	
Du 25 Octobre 1889	
<p><b>POTAGE</b> Soleme de volaille aux pointes d'asperges</p> <p><b>HORS D'ŒUVRE</b> Petits pâtés de saumon</p> <p><b>RELEVÉS</b> Poisson fin à la M.<sup>me</sup> Villamil Salade de croquettes à la gelée</p> <p><b>ENTRÉES</b> Langue de bœuf à la moderne Charlotte Finhambus à la M.<sup>me</sup> Wambou</p> <p><b>PIÈCE FROIDE</b> Capon de foie gras à la Balmaceda</p> <p><b>PUNCH AU CHAMPAGNE</b></p> <p><b>ROTIS</b> Boeuf à la marine de Chili Fambou dicou à la Boosbrey</p> <p><b>ENTREMETS</b> Asperges à la napolitaine Savarin aux fruits - Blanc manger Fromage pauché</p> <p><b>DESSERT ASSORTI</b> Café-Liquette-Cognac, etc.</p>	<p><b>VINS</b> Malbec</p> <p>Chablis</p> <p>Maquis de Secus</p> <p>Bouzeque Rhum Damaique</p> <p>Champagne frappé à l'amitié</p> <p>Welle viene</p>



A's 6 1/2 horas da noite do hontem, os Srz. conde e condesa da Estrella offereroram a officialidade chilena um banquete em sua palacete do Rio Comprido.

Os officiaes do Almirante Cochrane no-

**Primeira página do jornal “O PAIZ” edição de 26 de outubro de 1889 noticiando a ocorrência banquete aos officiaes chilenos na residências do Conde e Condessa da Estrella em seu palacete do Rio Comprido (Rio de Janeiro)**




O Banquete oferecido pelo Príncipe Dom Pedro Augusto<sup>65</sup>, em 5 de novembro de 1889, à oficialidade do encouraçado chileno “Almirante Cochrane”.

O Barão de Maya Monteiro foi encarregado dos convites do Banquete, pelo que podemos concluir das confirmações de presença que os convidados lhe enviaram. Esta é mais uma demonstração da proximidade e confiança que o Barão desfrutava com Família Imperial.

---

<sup>65</sup> Neto mais velho do Imperador e filho de Dona Leopoldina, considerado o segundo na linha de sucessão do trono.

A' Sua Ex<sup>cia</sup> o Barão de  
Maya Monteiro



O Barão de Sampaio Vianna  
Cumprimenta affectuosamente  
Sua Ex<sup>cia</sup> o Barão de Maya Monteiro  
e avisa que compareça, no  
dia 5 do corrente as 7 horas de P.<sup>h</sup>,  
ao Banquete para o qual teve  
a honra de ser convidado.

Rio de Janeiro, 5 de Nov.<sup>o</sup>  
de 1889.

O Barão de Sampaio Vianna e agradece ao Barão de Maya Monteiro o Convite (feito em nome do Príncipe Dom Pedro Augusto) para assistir ao jantar oferecido à Oficialidade Chilena em 5/11/1889.

Coleção do autor.

Uma carta de 24 de maio de 1890, do Conde de Affonso Celso ao Barão de Maia Monteiro solicitando informações sobre ao almoço oferecido pelo Príncipe Dom Pedro aos chilenos. Na ocasião o Barão também estava em Paris, hospedado no Hotel Dominici, Rue Castiglione.

18 Avenue Kleber, 24 de Maio de 1890

Meu caro Maia Monteiro

Comprimentero e a toda a sua honra e  
Família.

Para elucidar um ponto historico, preciso que  
V. m. forneça seguintes informações:

Em que data teve lugar o banquet dado por  
S. A. o Principe D. Pedro aos chilenos?

Quaes os officios da escurto e da armada  
que estiveram presentes?

acompanhava o 1<sup>o</sup> Wandenholz?

Peço-lhe desculpa por esta mensagem e  
de já muito lhe agradeço.

A parte-lhe affectuosamente a mãe e  
eu

Amigo e ob.<sup>to</sup> do

Affonso Celso



Rio de Janeiro 30 de outubro de 1889

M. e C. do Sr. Barão de Maya Monteiro  
Largo do Rio Comprido n.º 4

Acusando o recebimento da carta com  
que V. R. me annunciou sua incumben-  
cia por parte de Sua Alteza o Sr. Principe  
D. Pedro Augusto de Bragança, de seu nome  
do mesmo senhor, convidar-me para  
o jantar futuro em seu Palácio, no dia  
5 de minha presença vindoura, tenho  
a declarar a V. R., como visto, que  
achar-me hei neste dia, no Palácio in-  
dicado, ás 7 horas da noite.

Quero V. R. aceitar os votos de  
Cordialidade do  
Barão de Ladário

O Barão de Ladário (Ministro da Marinha) aceita e agradece ao Barão de Maya Monteiro o Convite (feito em nome do Príncipe Dom Pedro Augusto) para assistir ao jantar oferecido à Oficialidade Chilena em 5/11/1889.

Este documento foi leiloadado em setembro de 2014 pelo Leiloeiro Franklin Levy.

## O Baile da Ilha Fiscal

Marcado para ocorrer em 19 de outubro, foi transferido em decorrência de luto pela morte de Dom Luís I<sup>66</sup>, de Portugal, naquela mesma data.

Foi um evento grandioso destinado a mostrar a imponência do Império. Foram distribuídos 3000 convites. Os organizadores do baile foram Conselheiro Barão de Sampaio Vianna, Inspetor da Alfândega e o Guarda-Mor Comendador Adolfo Fortunato Hasselmann<sup>67</sup>

Participaram do baile a Família Imperial, incluindo aí o Imperador e a Imperatriz, A Princesa Isabel e o Conde D'Eu e o Príncipe Dom Pedro Augusto<sup>68</sup>; Conselheiros; Ministros do Império; Deputados e Senadores; Barões; Condes e Viscondes. Por parte do Chile, os principais convidados foram os componentes da oficialidade do Encouraçado.

O transporte dos convidados para a Ilha era feito em lanchas e ferry-boats que saíam do Cais Pharoux (imediações da atual Praça 15 de Novembro).

Segundo o Diário Oficial publicado em 11 de novembro:

*“A entrada para a barca estava alcatifada e era iluminada por seis arcos de gás; na ponte fluctuante havia dous ricos candelabros com 10 luzes cada um.*

*Os convidados eram ahi recebidos pelos Srs. Barão de Mendes Totta, Roberto Lage, Samuel Gracie, 1º Tenente Oliveira e Manuel L. de Oliveira Lyrio.”*

*“A primeira viagem foi feita às 8 horas seguindo-se outras até a meia-noite....”*

*“A Ilha Fiscal, onde o desembarque foi feito por uma ponte movediça ...”*

*“Os convidados eram recebidos pelos Srs. Conde de Figueiredo, Dr. Adolpho Del Cechio, Dr. João dos Reis de Souza Dantas, ...”*

---

<sup>66</sup>Dom Luís I foi o segundo filho da Rainha Dona Maria II e do Rei Fernando II. Era sobrinho de Dom Pedro II, irmão de Dona Maria II.

<sup>67</sup> Informação do artigo “O Baile da Ilha Fiscal”, da autoria de Francisco Marques dos Santos.

<sup>68</sup> Dom Pedro Augusto era o neto mais velho de Dom Pedro II. Filho de Dona Leopoldina de Bragança, (segunda filha de Dom Pedro II) e de Dom Luis Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha. Considerado o segundo na linha de sucessão de Dom Pedro II, depois da Princesa Isabel. Era graduado em engenharia, muito culto e escreveu livros sobre mineralogia. Sofria de problemas mentais e faleceu em 1900, aos 68 anos, internado em um sanatório na Europa.

*“A Família Imperial foi recebida pelos membros do Ministério, Barão de Sampaio Vianna e commendador Hasselman e Exmas. Sras. Viscondessa de Ouro Preto, Viscondessa de Maracajú, Baroneza de Ladario, Baroneza do Loreto, D. Francisca M. Cavalcanti de Albuquerque, D. Amélia Leopoldina Correia Diana, D. Amélia B. de Souza Dantas, Baroneza de Sampaio Vianna, Baroneza de Maia Monteiro, Baroneza de Javary, ...”*

*“A dansas, nas quaes tomaram parte Suas Altezas o Sr. Conde d’Eu e o Príncipe D. Pedro, começaram às 11 horas e foram dirigidas pelos Srs. Barão de Maia Monteiro, Dr. Miguel Archanjo de Paula Lima, Luiz da Gama Berquó, ...”*

*“A Família Imperial retirou-se pouco antes de 1 hora.”*

*“Dirigiram o baile como delegados do Sr. Presidente do Conselho, os Srs. Barão de Sampaio Vianna e o commendador Adolpho F. Hasselmann.”*

Francisco Marques dos Santos, em seu artigo “O Baile da Ilha Fiscal”, no Anuário do Museu Imperial, volume II, de 1941, comenta:

*“Todo o serviço foi da Casa Pascoal, dirigida pelos seus proprietários e servido por 150 empregados.”*

*“Os oficiais do couraçado Almirante Cochrane foram recebidos pelo Presidente do Conselho de Ministros, barão de Sampaio Vianna, commendador Hasselmann e Estado-Maior da Guarda Nacional.”*

*“À uma e meia da madrugada, SS. MM. E AA. Imperiais tomaram lugar na mesa da ceia que lhes foi preparada, no pavilhão para este fim construído e em compartimento ...”*

*“SS. MM. e AA. Imperiais conservaram-se no Palácio Fiscal até às três horas da madrugada, retirando-se ....S. A. o Príncipe Dom Pedro Augusto, que tinha ido com SS. MM. demorou-se ainda algum tempo.”*

Da obra “As Barbas do Imperador” de Lilia Moritz Schwarcz, transcrevo o interessante trecho<sup>69</sup>:

---

<sup>69</sup> Capítulo: O Baile da Ilha Fiscal: A Monarquia Tropeça mas não Cai”. Pg. 453 a 456.

*“Não faltaram as anedotas. Ao desembarcar, fraco das pernas e amparado por seu médico Mota Maia, o Imperador teria dado um leve tropeço. Sem perder a altivez, teria gracejado: “A monarquia tropeça mas não cai”. Enquanto isso, os militares se reuniam em seu clube para combinar os últimos detalhes do golpe.”*

Do livro “1889” de Laurentino Gomes, destaco:

*“O baile começou por volta de 23 horas”*

Uma dúvida: alguns autores mencionam que o Imperador teria dançado, outros informam que ele não dançou nem uma só vez.

A Ilha Fiscal<sup>70</sup>

A construção do palacete da Ilha Fiscal foi motivada pela necessidade de criar-se um local apropriado na Baía da Guanabara para todo serviço marítimo de alfândega e o de fiscalização do Porto. O local escolhido para a construção do Posto Fiscal foi a antiga Ilha dos Ratos, que depois passou a chamar-se Ilha Fiscal.

A pedra fundamental da obra foi lançada em novembro de 1881, sendo Ministro da Fazenda o Conselheiro Saraiva, por iniciativa de Carlos Americo de Sampaio Vianna (que em 1889 era o Inspetor d’Alfandega), sendo o engenheiro de obras o Dr. Adolpho Jose Del Vechio.

As obras iniciadas sob a administração do Conselheiro Saraiva sofreram modificações sob a administração da Marquês de Paranaguá e foram continuadas pelos Conselheiros Martinho de Campos, Lafayette, Dantas, Saraiva, Belizário e finalmente terminadas sob a administração do Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.

---

<sup>70</sup> Estas informações referentes à Ilha Fiscal foram extraídas da Edição Especial, de 27 de abril de 1889, do Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro, quando as obras foram concluídas. Essa edição do Boletim apresenta uma extensa reportagem sobre o prédio e sua construção. Amplas informações sobre dimensões, materiais de construção, sistemas sanitários, de iluminação e comunicação. Empresas fornecedoras de materiais e equipamentos, etc.



O palacete da nova aduana tinha uma área superior a 1000 metros quadrados com dimensões de 68 metros de frente por 28 metros de fundos.

*“A arquitetura era toda uma celebração à monarquia.”<sup>71</sup>*

*“Os vitrais coloridos nas paredes laterais destacavam o busto do imperador Pedro II com seu uniforme de almirante, a coroa e o brasão da casa imperial. Um segundo vitral, no lado oposto, mostrava a princesa Isabel, herdeira do trono, também emoldurada pela coroa.”*

*“... na torre central um gigantesco farol de 60 mil watts, ...” “Na mesma torre um relógio conectado por cabos elétricos ao Observatório Astronômico Imperial, permanecia iluminado à noite, ...”*

*“... um cabo submarino permitia a comunicação entre a ilha e o prédio principal da aduana, situado no continente, ...”*

<sup>71</sup> De “1889”, Gomes (2013).





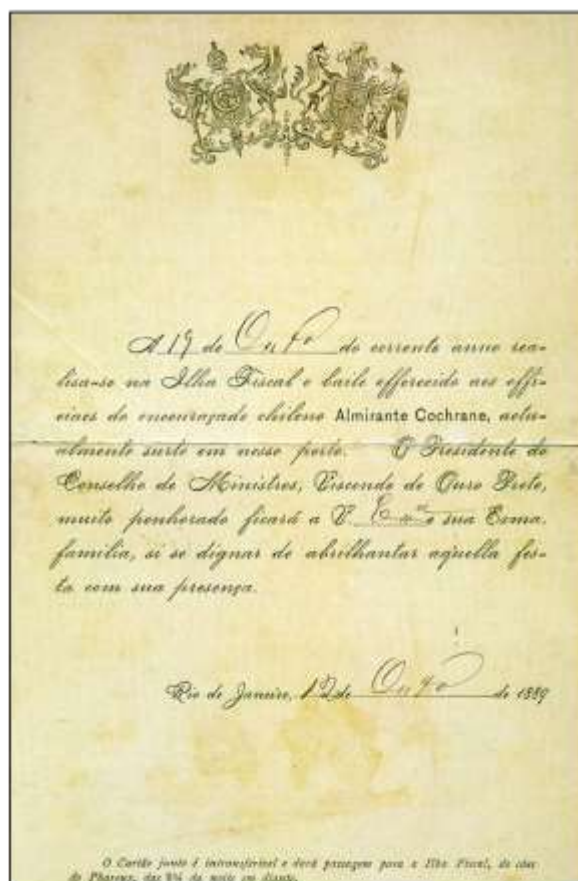
A Ilha Fiscal em foto atual



Bilhete Postal (Final do século XIX)

Cartão transparente "Meteor", Ortigão & Grimmer, Rio. GF n. 428  
Fonte: "O Rio de Ontem no Cartão Postal, 1900 - 1930" de Paulo Berger.

O convite para o Baile da Ilha Fiscal





Ilustrações litográficas, coloridas, no cardápio da festa da Ilha Fiscal.

Fonte: Anuário do Museu Imperial, volume II, 1941.  
Artigo de Francisco Marques dos Santos.



## Baile da Ilha Fiscal Sampaio Vianna

Revista da Semana  
Número 15  
10 de abril de 1943  
Extraído do artigo de  
Escragnolle Doria



*Carlos Americo de Sampaio Vianna; barão de Sampaio Vianna; inspetor da Alfandega do Rio de Janeiro em 1889.*

*Osório, Carlos Gomes.*

Em fins de 1889 o Rio deu especiais boas vindas á marinha do Chile representada pelo encouraçado *Almirante Cochrane* de passagem por aguas nossas. Recebendo o navio comandado por Constantino Bannen, o Rio de Janeiro retribuía finezas dispensadas no Chile a navios de guerra nossos em transitio.

Logo na noite da vinda dos officiaes chilenos a rua do Ouvidor foi toda iluminada. De então em diante não houve dia sem festas. A rainha destas seria o tão descrito e até pintado, por Aurelio de Figueiredo, baile da Fiscal, hoje a ilha unida a terra e com o seu salão principal qual era em 1889, por cuidado do almirante Tacito Moraes Rego quando benemerito diretor de Navegação.

A Fiscal, em 1889, era posto de vigilancia aduaneira. Dirigia a Alfandega do Rio de Janeiro homem de bom gosto e maneiras de cavalheiro, habituado á vida de sociedade e portanto sabendo como obter-lhe elogio ou quanto possivel evitar-lhe censuras.

Carlos Americo de Sampaio Vianna tendo exercido cargos publicos fôra chamado a funções de inspetor da primeira alfandega do Brasil, a do Rio de Janeiro. Em Maio de 1889, Sampaio Vianna recebeu a mercê de barão do seu nome. Caber-lhe-ia superintender o esplendor do baile da Fiscal, e da missão delicada se sahio á maravilha.

O Imperio foi parco em festas pomposas, mas fecho as poucas que deu com baile de ouro. No da Ilha Fiscal, em pequena superficie, reunio quanto de grande existia na sociedade carioca. Houvesse por acaso em tanto escôl um convidado observador e presciente, e se reportando ao que andava no ar contra a monarchia, talvez pensasse no consigo mesmo: deixe-me vêr bastante, porque quanto vejo nunca mais verei... nem ninguém.

## UM FAVOR AO VISCONDE DE TAUNAY

Objetiva este capítulo mostrar a proximidade do Barão de Maya Monteiro junto a Dom Pedro, então no exílio e junto a figuras importantes de seu tempo, nesse caso ao Visconde de Taunay.

Apresento uma carta onde o visconde solicita ao Barão de Maya Monteiro que entregue um livro a Dom Pedro, em Lisboa, e dando algumas informações da situação no Brasil, imediatamente após o “15 de Novembro”. A carta é de 2 de janeiro de 1890, portanto bem próxima à chegada de Dom Pedro a Lisboa.

É interessante notar que Taunay refere-se ainda a Dom Pedro como “Imperador”.

O Visconde de Taunay, Alfredo d’Escragnolle Taunay, era filho do pintor Félix Émile Taunay e neto do também pintor Nicolas Taunay, que fez parte da Missão Francesa, e de Hermínia d’Escragnolle, dama da sociedade. Taunay bacharelou-se em Matemática e Ciências Naturais em 1863. Casou-se com Cristina Teixeira Leite, filha do barão de Vassouras, neta do primeiro barão de Itambé e sobrinha-neta do barão de Aiuruoca.

Taunay lutou na Guerra do Paraguai como engenheiro militar, de 1864 a 1870. Foi professor da Escola Militar e político. Foi deputado por Goiás e Presidente da Província de Santa Catarina e também senador por essa província. Recebeu o título de Visconde em 1889. Com a proclamação da República abandonou a política.

Abaixo um retrato do

Visconde de Taunay.





Meu amigo e Sr  
Barão de Maia Monteiro

Res. lhe o favor de en-  
tregar este livro e Souella  
junto do Imperador em  
Lisboa.

Apresento á Augusta  
Família Imperial a ma-  
nifestação de meu profun-  
do desejo de ver a  
coragem para nada de todos  
as províncias, mandando-me  
pedir, por escripto, a minha  
opinião sobre o facto de  
15 de Novembro e o futuro  
político do Brazil - e a  
resposta unica que don't  
completo silencio.

Escrevi uma vez a S.  
M. Imperial, as principaes  
D. Pedro Augusto e duas  
vezes as senhoras Rebouças.

e a interstergia. Cui  
partes sua revista

que o amigo fa-  
ca sentir as amarguras  
de todos nós.

Apresento os meus res-  
peitos á Sr<sup>ma</sup> Condessa  
e deusamdo-lhe, bem como  
a toda a illustre familia  
a viagem mais feliz po-  
sivel, afigura-me

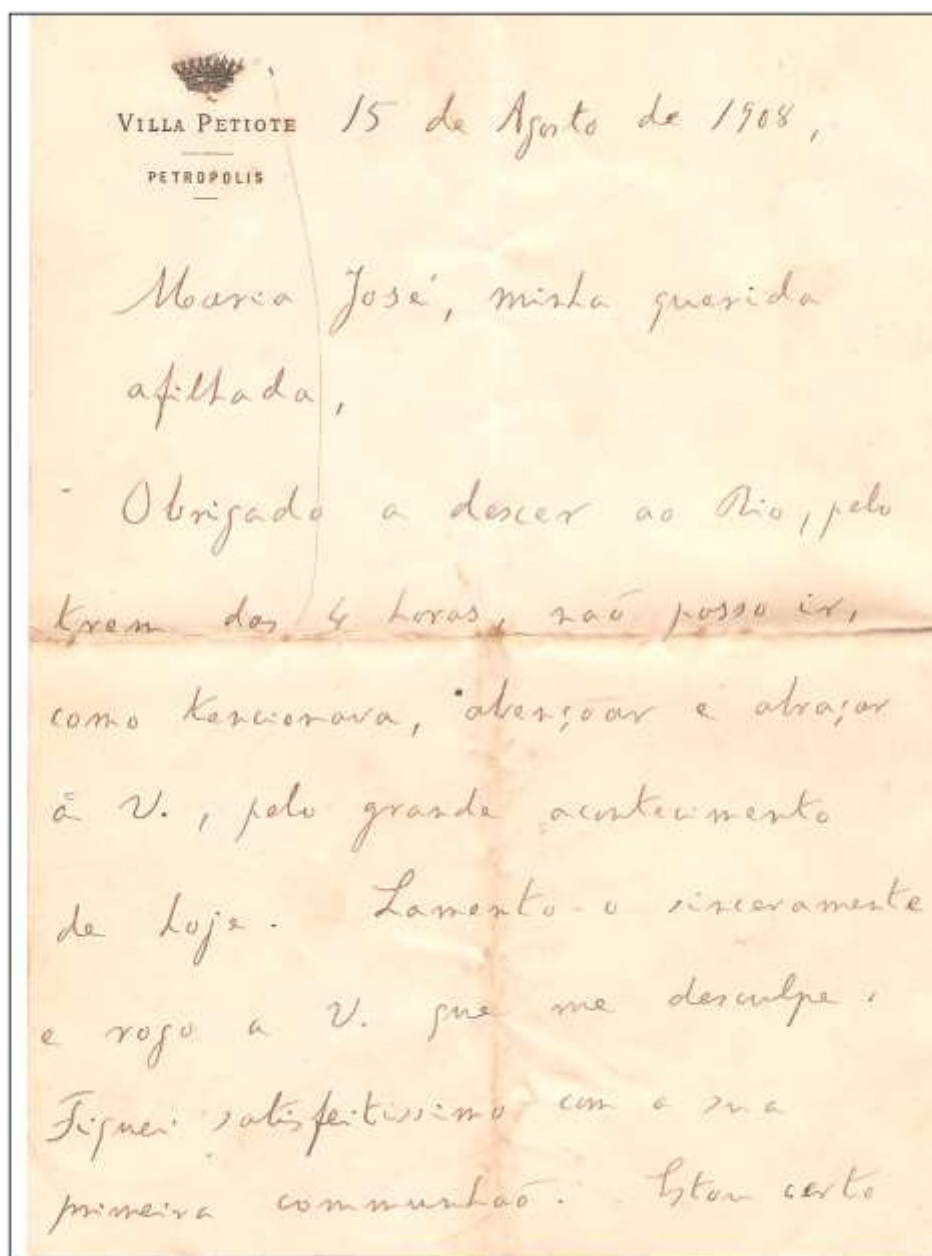
Seu amigo e c<sup>o</sup>  
Sr<sup>o</sup>  
Visconde de Taunay  
24 Janeiro de 1890.

Carta de 1890, do  
Visconde de Taunay  
ao Barão de Maia  
Monteiro, pedindo-  
lhe um favor junto a  
Dom Pedro, então no  
exílio.

Esta carta demonstra  
a proximidade do  
Barão à Família  
Imperial.

**O CARINHO DO CONDE DE AFFONSO CELSO COM A FILHA DO BARÃO DE  
MAYA MONTEIRO**

**Uma carta (1ª folha) do Conde de Affonso Celso à sua  
afilhada Maria José, filha do Barão de Maya Monteiro.**



VILLA PETIOTE  
PETROPOLIS

15 de Agosto de 1908,

Maria José, minha querida  
afilhada,

- Obrigado a descer ao Rio, pelo  
krem das 4 horas, não posso ir,  
como Karionava, abraçar e abraçar  
à V., pelo grande acontecimento  
de hoje. Lamento-o sinceramente  
e rogo a V. que me desculpe.  
Fiquei satisfeitiíssimo com a sua  
primeira comunhão. Estou certo

## UM ALMOÇO COM O BARÃO DO RIO BRANCO

Objetiva este capítulo mostrar a proximidade do Barão de Maya Monteiro com o Barão do Rio Branco.

Apresento uma carta de 6 de julho de 1904, onde o Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores do Brasil, ao Barão de Maya Monteiro, para convidá-lo e a sua esposa para um almoço onde estariam também presentes o Encarregado de Negócios da França e outros membros de sua delegação. Entendo que este documento mostra a importância social e política do Barão de Maya Monteiro, chamado a participar de um almoço onde certamente seriam tratados assuntos de interesse de Estado.

O Barão do Rio Branco também tinha casa em Petrópolis, localizada na rua que hoje leva seu nome. Foi diplomata, político, advogado, historiador e geógrafo. Foi também um colecionador. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Era um monarquista convicto e mesmo depois da queda do regime monárquico continuou a usar seu título de Barão. Sua carreira política se iniciou ainda no período imperial e continuou no período republicano; foi Ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912, quando morreu, tendo participado da equipe de governo de quatro Presidentes. Em sua gestão foram resolvidas importantes questões de fronteiras. Seu trabalho mais conhecido foi o Tratado de Petrópolis, assinado em 1903, onde se revolveu uma questão com a Bolívia, tendo o Brasil incorporado o Território do Acre, mediante indenização. Rio Branco sempre procurou soluções pacíficas com os países vizinhos. É considerado o Patrono da Diplomacia Brasileira.





Carta do Barão do Rio Branco convidando o Barão de Maya Monteiro para almoçar em companhia do Encarregado de Negócios da França e outros membros da delegação.

Petropolis, 6 de Junho de 1904.



Caro amigo o Sr. Barão de Maya Mon-

teiro

Peço-lhe o favor de transmitir a Sr.  
ma. Condessa d'Antella o pedido que lhe  
faço de, - não lhe sendo muito in=  
commodo, dar-me a a minha filha  
a honra e o prazer de almoçar com  
você no domingo, 10 do corrente, às  
12 1/2, e a V. Ex. e a Sr. ma. Baronesa  
de Maya Monteiro façam com o mesmo  
surpreto igual pedido. Almo=  
çam conosco neste dia os Srs. Speyer,  
o Encarregado de Negócios de França,  
o D. Marchoux e Sra., e secretários  
de Legação.

Creia-me sempre seu

af.

Muito attento amigo e ob.

Quando chegar  
o Barão d'Antella?

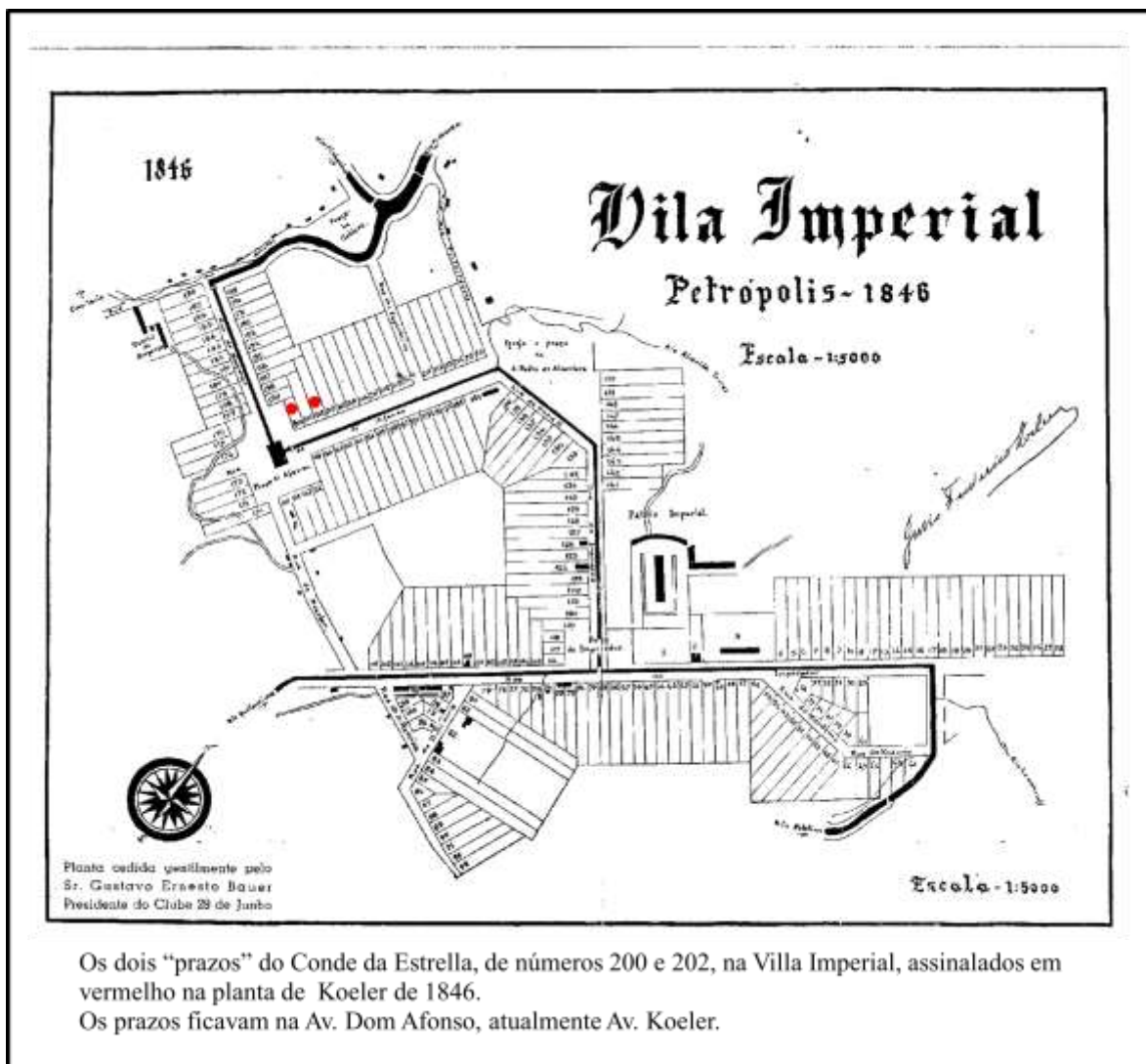
Rio Branco

## **PROPRIEDADES DOS ESTRELLA EM PETRÓPOLIS**

Os Estrella, incluindo o Conde da Estrella, O Barão da Estrella, o Barão de Maya Monteiro e seus familiares, possuíam várias propriedades em Petrópolis. Tinham propriedades no Alto da Serra, no centro da cidade, e em outras localizações.

O documento que apresento a seguir, uma procuração passada pelo Conde da Estrella para José Henriques de Paiva, dando-lhe poderes para vender os prazos 200, 202 e 1801, como foreiro do Imperador, demonstra que o Conde possuía terras valiosas em Petrópolis.

Os prazos 200 e 202 ficavam na Av. Dom Afonso, hoje Av. Koeler, e o prazo 1801, ficava na margem do Rio Quitandinha, na Renânia Central, no trecho hoje denominado Duas Pontes.



Procuração assinada pelo Conde da Estrella, em Petrópolis, em 24 de fevereiro de 1871, nomeando como seu procurador, José Henriques de Paiva, com todos os direitos e poderes, em especial para vender os "prazos" de nº 200, 202 e 1801, como foreiro de S.M., o Imperador.



Coleção do autor.

O 2º Conde da Estrella possuía uma propriedade na Avenida Cruzeiro<sup>72</sup>, 37. Demonstra isto o livro existente no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal com a relação de proprietários pagantes de impostos prediais da época. No mesmo Arquivo encontramos ainda um requerimento, de 4 de janeiro de 1892, onde o Conde da Estrella pede licença para cercar sua propriedade com um gradil de ferro e instalar manilhas de barro até o rio, para esgoto do prédio.

O Barão da Estrella possuía um prédio na Rua Marechal Deodoro, nº6. Demonstra isto o requerimento nº 287, de 10 de fevereiro de 1906, onde Jacob Kurtenbach pede licença para fazer um aumento no prédio de propriedade do Barão, e apresenta a planta do acréscimo. Este requerimento e a planta encontram-se no Arquivo Histórico.

A Baronesa da Estrella, possuía um prédio na Rua Marechal Deodoro, nº 185. Demonstra isto o Requerimento nº 4290, de 2 de dezembro de 1914, onde a Baroneza solicita autorização para a “caiações externas na cocheira dos fundos de seu prédio nº 185”. Este requerimento encontra-se no Arquivo Histórico da Prefeitura de Petrópolis.

---

<sup>72</sup> Inicialmente Rua de Bourbon, depois da proclamação da República passou a chamar-se Rua Cruzeiro. Em 1931, o prefeito Yeddo Fiúza, por determinação do Governo Provisório de Getúlio Vargas, alterou o nome para Rua João Pessoa, homenageando um importante político da década de 20, Presidente da Província da Paraíba, e que concorreu à vice-presidência da República na chapa de Getúlio Vargas, em 1930. Nesse ano foi assassinado. No início da década de 90 o então prefeito Paulo Gratacós, mudou a denominação da rua para Dr. Nelson de Sá Earp, em homenagem ao grande médico e político petropolitano, ex-prefeito, que havia falecido em 1989.

## **ANEXOS**

**Certificado de Óbito do Barão de Maia Monteiro**

Talão N. 16 Pag. 009

**REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**

**REGISTRO CIVIL DO RIO DE JANEIRO**  
1º DISTRITO  
**PETROPOLIS**

**OBITO N. 3047**

O Capitão Thiago Augusto Nogueira, Secção Teorético do Juizo de Direito e Oficial do Registro Civil do 1.º Distrito da Comarca de Petropolis, Estado do Rio de Janeiro, por nomeação na forma da Lei, etc.

CERTIFICO que a fls. 025 do livro n. 44 de registro de obito, foi registrado - hoje o assentamento de Antônio Joaquim de Maya Monteiro, brasileiro, (Barão de Maia Monteiro) falecido aos 02 de Maio de 1933 às 2 horas manhã em sua residência 146 do sexo masculino de cor branco profissão --- natural de Distrito Federal domiciliado em Petropolis e residente em sua residência 146 com 41 anos de idade, estado civil casado com D. Maria Júlia Maya Monteiro, deixando seis filhos filho legítimo de Joaquim Albano de Monteiro, brasileiro profissão --- natural de --- e residente em Gallieiro e de D. Helio Aquino Maya Monteiro (Consul da Itália) profissão --- natural de --- e residente em Gallieiro

Foi declarante Antônio Joaquim de Maya Monteiro (filho) sendo o atestado de obito firmado pelo Dr. Araldo Leite Cabral Monteiro que deu, como causa da morte Glomerulonefrite.

O sepultamento na casa feito no cemiterio desta freguesia districto de Petropolis.

Observações ---

O referido é verdade e dou fé.

Petropolis, 02 de Maio de 193 3

Thiago Augusto Nogueira  
OFFICIAL



## Alguns exemplos da participação social dos Maya Monteiro

**VIDA DE PETROPOLIS**

**FESTA DE CARIDADE**

Realisa-se amanhã a festa de caridade em prol do Hospital de Santa Thereza.

Damos em continuação a relação das prendas enviadas à comissão promotora do festival: viuva Paulo Kittenmeyer, 6 berloques; D. Maria Julia Jacob, 1 cestinha de flores artificiaes; D. Carolina Kremer Durringer, 1 litro de agua da Colonia; Mme. Valmer, 1 travessa para moça; D. Anna Salustio, 1 pulseira de coral; Mlle. Leopoldina M. Monteiro, 1 coberta para bule, 3 pregadeiras, 1 touca, 1 babador bordado, 1 rabat bordado, 1 panninho de renda, 1 lenço de fillet, 3 pares de meias para creanças, 1 bolsinha fantasia e 1 panno bordado; Mlle. Maria José de Maya Monteiro, 1 par de sapatinhos; Mlle. Maria Luiza de Maya Monteiro, 1 par de meias, 1 renda de tricot, 1 porta-relogio e 1 caneta; D. Laurentina Guerardt, 1 cestinha de flores artificiaes; D. Marietta Goudin, 1 bibelot; Mme. Heisselmann, 1 cinseiro e 1 bibelot; Mme. Wilmar, 2 trabalhos para pyrogravura; Mlles. Andrade Figueira, 2 pannos de crochet e 1 almofadinha; Mme. Judith Motta Maia, 2 bibelots; Mme. Barreiro, 5 gravatas; Mme. C. Garcia, 1 bibelot; D. Anna Andrade, 1 panno bordado japonês e 1 toalha de linho bordada; D. Estephania de Sá Carvalho, 1 tête-à-tête de porcellana; Mme. Jules Giraud, 1 leque, 1 golla de crochet, 1 gravata de gase, 1 collarinho de linho e 4 panninhos com renda; Café Central, 1 garrafa de vinho; Sr. Mario Tapajós, 1 vidro de perfumaria e 1 caixa de pó de arroz; Sr. Pedro Kappann & C., 2 latas de

conserva; Confeitaria Brasil, 1 garrafa de vinho; Sr. Ricardo Gonçalves de Carvalho, 1 garrafa de vinho; Sr. Francisco da Silva, 1 penha de marmore; Sr. Vicente Joia, 1 bahunho, 1 castical e 1 chicara; Legação de França, 1 pregadeira, 2 tapetes, 1 livro e 1 almofada; Sr. Ayres de Maya Monteiro, 2 aquarellas; Casa Tupy, 1 lata de manteiga; Salão Valerio, 1 caixa de pós de arroz e 1 cosmetico; Sr. José Weirich, 1 folhinha; Casa Kling, 1 boneca; Sr. Narciso de Castro, 1 blusa para senhora, 2 tapeçarias, 2 estatuas, 4 peças de elastico para ligas, 3 palas bordadas e 3 peças de fita estreita; Armazem Werneck, 2 latas de manteiga; Sr. Ernesto Alvarenga Martins, 1 garrafa de vinho do Porlo; Sr. Antonio Gabriel, 3 peças de galão; Sr. Pedro Hellen, 1 lata de biscoutos; Sr. Felix Baldin, 1 par de sapatos; Sr. Anusio Ferreira Marques, 3 pequenos lampiões; Sr. Gay, 208; Sr. José Gomes de Carvalho, 48; Sr. José da Costa Reis, 28; Sr. Thomaz Crisafulli, 48; Uma admiradora do Hospital, 2 almofadinhas para alfinetes e 1 abat-jour de papel; Casa Marchese, 1 garrafa de xarope, 1 garrafa de vinho Sauterne, 1 gorrafa de vinho Collares e 1 garrafa de vermouth; Sr. Vicente Salusti, 1 par de brincos, 1 broche de coral e perolas; Sr. Francisco Ribeiro Gonçalves, 1 «portrait-charge» por Celso Herminio e 1 leque; Sr. Antonio Barcellos, 1 corte de collete de brin; Sr. Gaetano Biolieto, 1 garrafa de vinho Graves e 1 garrafa de vinho Barbera; Sr. Fernando Teixeira, 1 guarda-sol; Chapelaria Raeder, 1 gorro de lã; Sr. Antonio Carvalho da Silva, 1 banheira para creança; Srs. Almeida & Irmão, 1 vidro de conservas; Casa Guarany, 2 garrafas de cerveja; Sr. Emygdio Silva, 1 porta-retratos, 1 porta-relogio, 3 porta-botões, 2 romances e 2 quadrinhos sacros; Sr. Pedro Jorge, 2 vidros de perfume, 1 pau de sabonete

*Gazeta de Notícias (RJ) 30/12/1905*

Festa de caridade em prol do Hospital Santa Thereza.

Participação dos Maya Monteiro: Leopoldina, Maria José, Ayres, filhos do Barão, contribuindo com diversas prendas para a festa.



## O MAUSOLÉO DOS IMPERADORES

### Mais telegrammas recebidos pelo chefe do governo

Recebeu o chefe do governo provisório os seguintes telegrammas:

"Petropolis, 13 — Cabe-me o sagrado dever em meu nome e no dos parochianos, apresentar a v. ex. fervorosos agradecimentos pelo gesto altamente patriótico decretando a abertura de creditos para a construcção do mausoléu dos imperadores. Tão nobre acto ha dez annos esperado que v. ex. agora realiza, é uma bella lição de justiça e mais um motivo para o povo confiar no governo sabio, prudente e honesto de v. ex. Respeitosas saudações. — Padre Francisco Gentil Costa, vigário de Petropolis".

"Petropolis, 14 — A população de Petropolis, profundamente reconhecida pelo gesto magnânimo de v. ex. com a assignatura do decreto digno, patriótico, abrindo credito para a construcção do mausoléu dos imperadores, divide de honra do governo e grati-

dão de todos os brasileiros, tem a honra de apresentar a v. ex., calorosas felicitações. — Prefeito Yeddo Fluzza, vigário Francisco Gentil Costa, dr. João Maria Prestrello, juiz federal, baroneza de Murityba, dr. Paulo Figueira de Mello, dr. Americo de Oliveira Castro, dr. José Maria Leitão da Cunha, dr. Emilio Grandmasson, Oscar Porciuncula".

"Petropolis, 14 — Os signatarios, membros do conselho director do Centro Monarchista de Petropolis, em nome dos seus correligionarios veem unir sua voz ao applauso unisono de todo o Brasil que reconhece o gesto de v. ex. concedendo auxilio para construcção do mausoléu imperial, reparação grandiosa de nobre divida nacional. V. ex., sr. chefe do governo provisório, não deixando esta cidade sem desaggravar o paiz desse compromisso de honra e de justiça, bem mereceu da patria que o consignara em sua historia como consignou aquelles gloriosos imperadores, que por meio seculo enalteceram a nacionalidade e agora vão repousar no solo amigo desta terra. — Barão de Maya Monteiro, commandante Torres Guimarães, dr. MacDowell da Costa, dr. José Sampalo, Cardoso de Miranda, Mario Fonseca, Haroldo Mayrink, Newton Almeida Amado".

"Rio, 14 — Digne-se v. ex.

Correio da Manhã 14/04/2015

Nesta artigo do Correio da Manhã são mostradas algumas mensagens de agradecimento ao Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, pela abertura de crédito para construção dos Mausoléu dos Imperadores; obra que é um dos orgulhos petropolitanos. Uma das mensagens vai assinada pela diretoria do Centro Monarquista de Petrópolis, do qual Barão de Maya Monteiro era um dos componentes.

## FESTA DO PADROEIRO DE PETROPOLIS

Como será este anno comemorada esta data

O padre Francisco Gentil Costa, vigário de Petropolis, está empenhado em que se revistam da maior imponencia as festas em honra do padroeiro da cidade, que ocorre no proximo dia 19.

As solennidades começarão com um triduo, hoje, amanhã e depois de amanhã, com a collaboração do bispo diocesano. Para essas solennidades foi organizado o seguinte programma:

Dias 16 e 17 de outubro — A's 7 1/2 — Recitação do terço e das ladainhas do N. S. e conferencia pelo bispo d. José Pereira Alves.

Benção do S. S. Sacramento.

Dia 18 de outubro — A's quatro horas — Benção solenne e inauguração dos altares e dos quadros das estações da via sacra — "Te Deum".

A's 7 1/2 horas — Recitação do terço e ladainha de N. Senhora. Conferencia pelo bispo diocesano. Benção do S. S. Sacramento.

Dia 19 de outubro — A's sete horas — Missa de grande communhão geral, sendo celebrante o bispo diocesano.

A's 9 horas — Missa solenne, celebrada pelo vigário, com assistencia pontifical do bispo diocesano e sermão pelo revdm. padre C. Jacarandá.

A's 7 1/2 horas — Conferencia pelo bispo diocesano e solenne "Te Deum".

No dia 21, domingo, realizar-se-ão attraentes festas populares, na praça da Liberdade, em beneficio das obras da cathedral.

Essas festas, que constarão de variedades, terão inicio ás 3 horas, prolongando-se até á noite.

A comissão organizadora da grande kermesse em beneficio da matriz, que se realizará nesse dia, é presidida pela baroneza de Maya Monteiro e compõe-se das srás. baroneza de Nuttiba, Anna Monteiro de Barros, Eulalia Lopes da Costa, Joana Monteiro de Barros, Catharina Bayer Dias e Etelvina Cunha e Senhoritas Marla Jercons, Leopoldina Maria de Maya Monteiro, Maria José, Antonietta Maria, Lucia Werneck, Henriqueta Nbolal, Maria Icolal, Clotilde Pairão Julia Paixão, Maria da Gloria Rocha e Anny Hampshire.

*Correio da Manhã* 26/03/1933

Nesta reportagem vemos a participação da Baronesa de Maya Monteiro e de suas filhas em atividades sociais. No caso, a Baronesa estava presidindo a comissão organizadora da quermesse em beneficio da igreja matriz de Petrópolis.

Realizou-se no dia 24, em Petrópolis, na maior intimidade, o casamento do dr. Ayres de Maya Monteiro, secretario do sr. ministro das Relações Exteriores, com a senhorita Balbina Ramalho de Oliveira Amorim, filha do coronel Antonio F. Amorim e de d. Albertina Ramalho Amorim. No acto religioso serviram de padrinhos, por parte da noiva, os seus progenitores e por parte do noivo, o sr. Manoel Pinto de Miranda Montenegro, e no acto civil, por parte da noiva, o sr. João Baptista de Castro Filho e senhora, e dr. João Baptista de Castro, e por parte do noivo, o dr. Jonas Faria Castro.

X

Assistiram ao acto os srs. barão e baroneza de Maya Monteiro e filhas, coronel Antonio Ferreira Amorim, senhora e filhas, dr. João Baptista de Castro, sr. João Baptista de Castro Filho e senhora, monsenhor Theodoro Rocha, Joaquim de Maya Monteiro e senhora, Manoel Pinto de Miranda Montenegro e senhora, dr. Julio A. de Silva Maya e senhora, Mario Amorim de Moraes e irmã, d. Adalina Netto e d. Antonia Montenegro.

X

Vimos, na "corbeille" dos noivos, o seguinte: um solitario e um anel com brilhante rosa, presente do noivo; uma pulseira de perolas, presente dos pais da noiva; um lindo "pendentif" de brilhantes e rubis, uma pulseira de platina e brilhantes, do barão e baroneza de Maya Monteiro; um par de castiças de prata, de d. Antonia Montenegro; um lindo broche com perolas, lembrança da sra. condessa de Estrella; um lindo par de brincos de brilhantes e rubis, do coronel Augusto Amorim e senhora; um "pendentif" de brilhantes, de d. Adalina Netto; um par de brincos de brilhantes e rubis, do sr. Frederico de Souza e senhora; um guarda-chuva de castão de ouro, da senhorita Leopoldina de Maya Monteiro; um

e senhora; um guarda-chuva de castão de ouro, da senhorita Leopoldina de Maya Monteiro; um centro de mesa de prata e crystal, da sra. Balbina Amorim Moraes; um vidro de perfume de crystal e prata, do tenente Joaquim de Maya Monteiro e senhora; uma fructeira de crystal e prata, do sr. João Baptista de Castro Filho e senhora; um serviço de prata para lavatorio, do sr. Manoel Pinto de Miranda Montenegro e senhora; um rosario de ouro, da senhorita Luiza de Maya Monteiro; um serviço de prata para chá, do embaixador Regis de Oliveira e senhora; um serviço de crystal para "toilette", do dr. Jonas de Faria Castro; uma imagem de crystal de N. S. de Lourdes, de d. Adalina Netto; uma jarra de crystal e prata, da senhorita Maria José de Maya Monteiro; um alfinete de brilhante, do dr. Manoel Moreira da Fonseca; um par de saletes de prata, de Antonio de Maya Monteiro; um quadro de Fachinetti, do coronel Amorim e senhora; um vidro de perfumes de crystal e prata, da senhorita Antonietta de Maya Monteiro; uma bacia abriga de prata, lembrança da sra. condessa de Estrella; uma cesta de marfim, da sra. Beatriz de Souza; um finial-

mo chale, de mlle. Victorino Robini; uma duxia de chicarias japonezas, de d. Maria Franz Kiovi; um tinteiro de crystal e prata, lembrança da sra. condessa de Estrella; um grande e rico espelho "bisauté", do sr. barão de Maya Monteiro, e muitas outras cousas que, por falta de espaço, deixamos de mencionar.

X

Dentro os numerosos "bouquets" e cestas de flores, vimos uma linda cesta de rosas brancas, do sr. dr. Lauro Muller, ministro das Relações Exteriores, e senhora, e do dr. Raphael Mayrink, director do Protocollo da Secretaria do Exterior, e senhora.

Gazeta de Notícias (RJ) 28 de junho de 1915

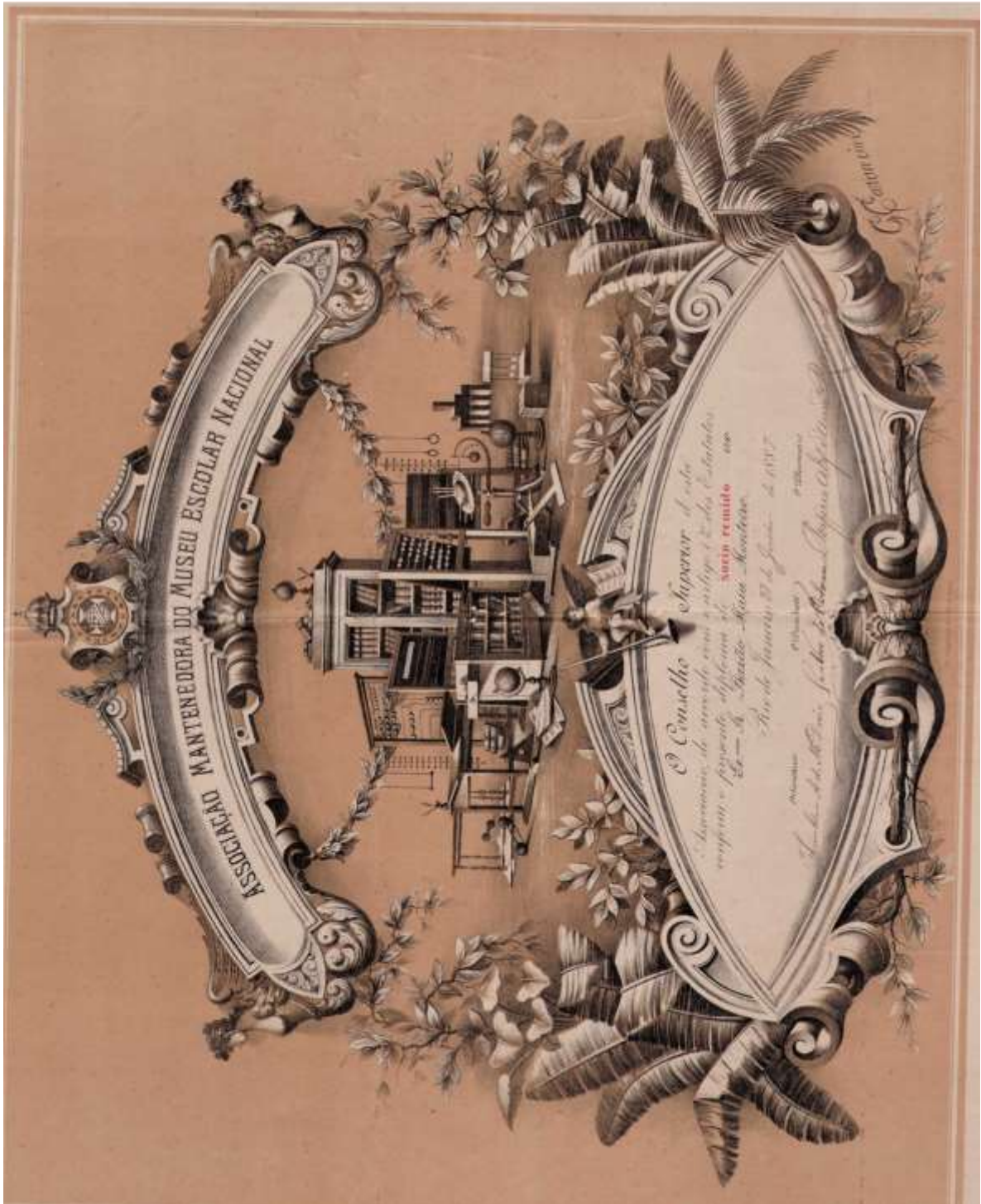
O casamento de Ayres de Maya Monteiro em 21/06/1915, em Petrópolis

Barão de Maia Monteiro  
Diploma de sócio fundador e remido da Associação Protetora da Infância Desamparada.  
O Presidente da Associação era Dom Gastão de Orleans.





Barão de Maia Monteiro  
Diploma de sócio remido da Associação Mantenedora do Museu Escolar Nacional.  
O Presidente da Associação era Dom Gastão de Orleans.



**O Título de Eleitor do Barão de Maya Monteiro**  
**Alistamento em 1885 (O Barão tinha então 25 anos)**

IMPERIO DO BRAZIL

TITULO DE ELEITOR  N. 202

**Comarca da Côrte** **Município Neutro**  
*Parochia do Espírito Santo*  
*Município Districto de Paz* *12º Quartieirão*

Nome do Eleitor  
*Barão de Maya Monteiro*

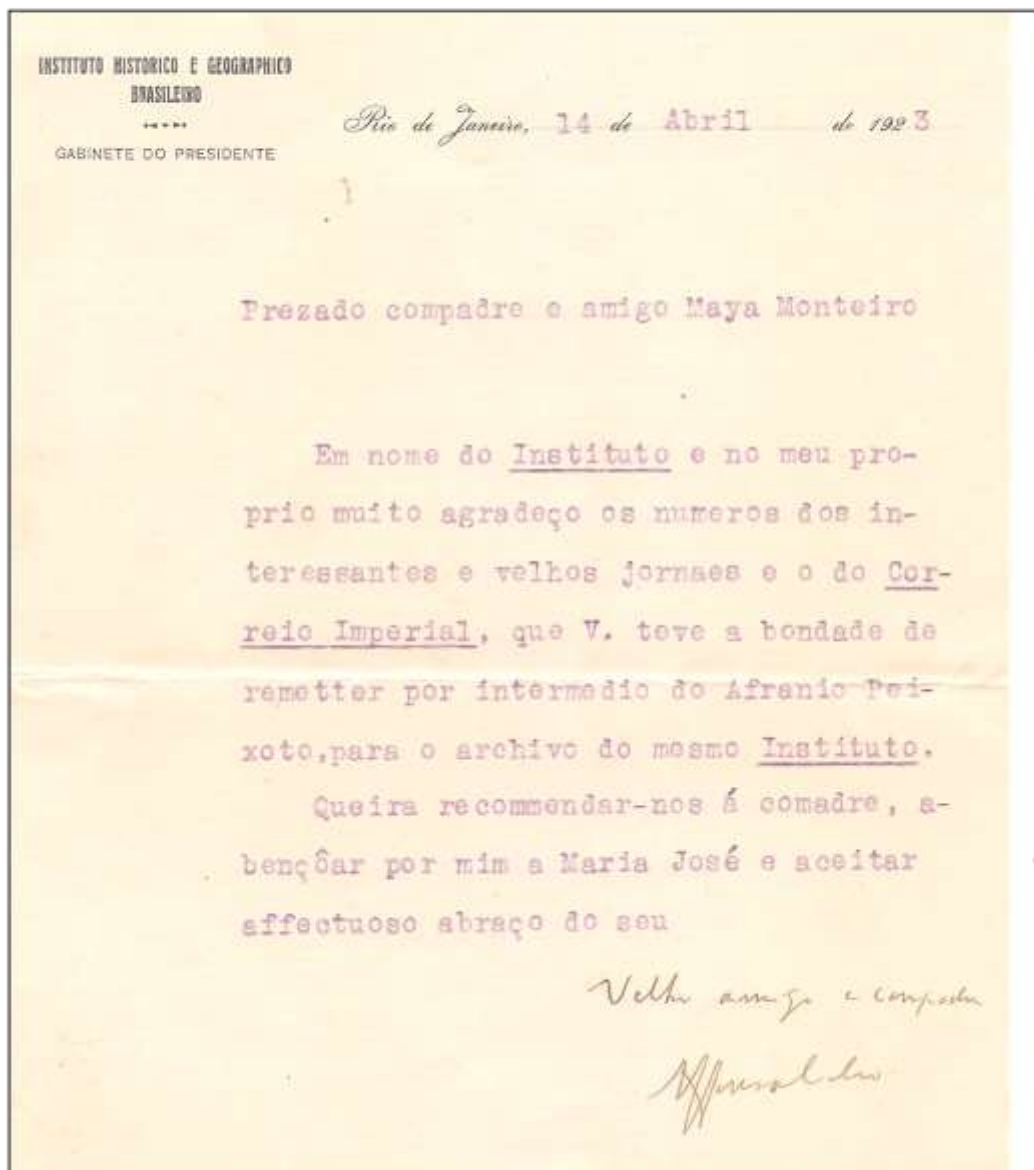
Qualificativos	Numero de ordem
Idade <u>25 annos</u>	No alistamento Geral _____
Estado <u>Cabano</u>	No alistamento da Revisão <u>202</u>
Profissão <u>Propriet</u>	_____
Letra <u>Legal</u>	_____
Instrução <u>Letra lta</u>	_____
Filiação	Data do alistamento
<u>Conde da Estrella</u>	<u>1885</u>
Domicilio	
<u>Luza do Rio Comprido nº 4</u>	

Assignatura do Eleitor, *Barão de Maya Monteiro*

Data e assignatura do Juiz de Direito,  
*Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1885*  
*José de ...*

IMPERIO DO BRAZIL

Uma carta de 14 de abril de 1923, do Conde de Affonso Celso, então Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao Barão de Maya Monteiro agradecendo o envio de “interessantes e velhos jornais”. O Correio Imperial referido na carta era um jornalsinho editado pelos Príncipes, filhos da Princesa Isabel.

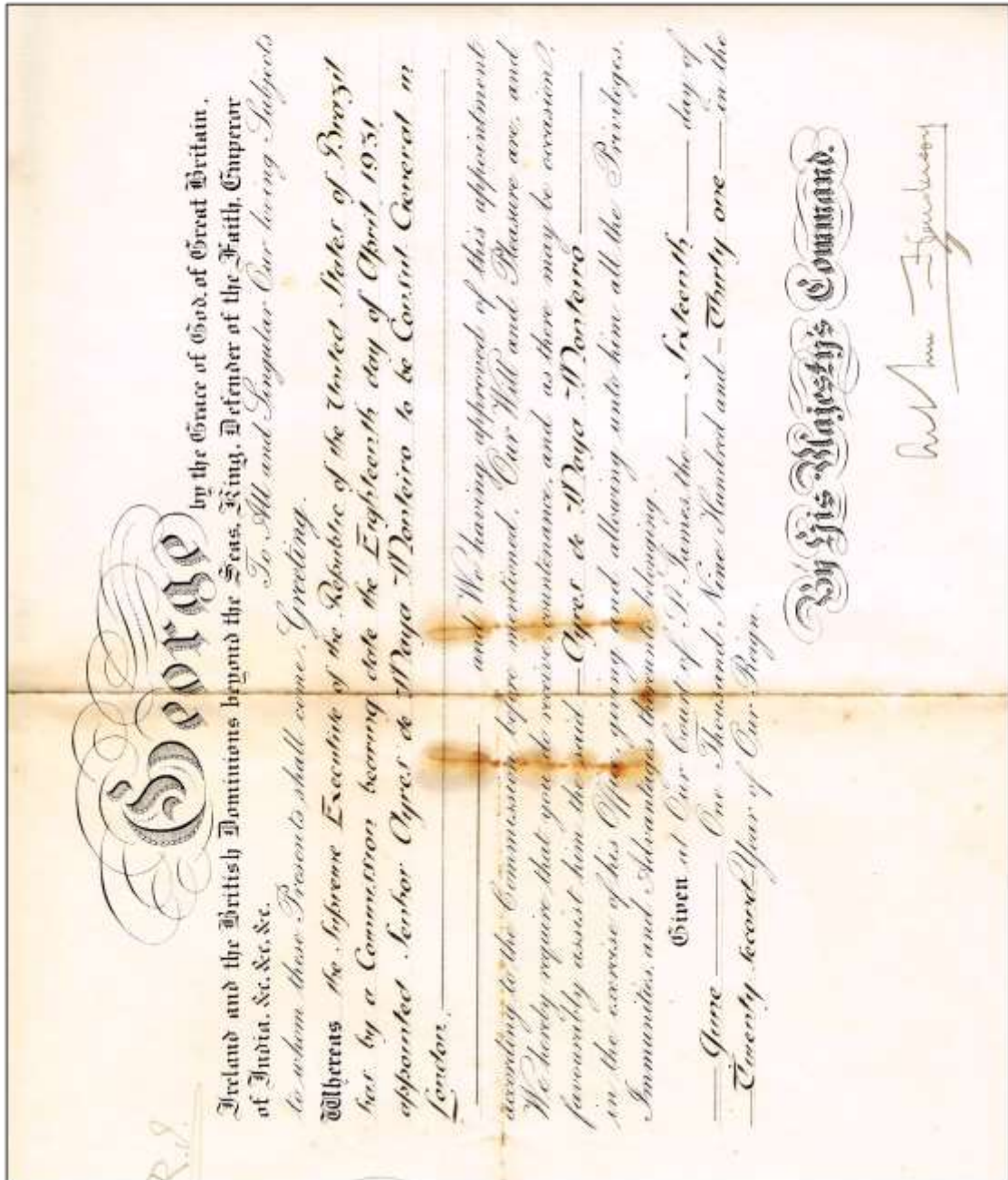




Ayres da Maya Monteiro – Cônsul Geral em Londres.

Diploma da aprovação real da Inglaterra de Ayres da Maya Monteiro como  
Cônsul Geral do Brasil, em Londres. 16 de junho de 1931

(Coleção do autor)





## **Um artigo sobre o Hospital da Beneficência Portuguesa.**

Em vista da importância que teve o Hospital da Beneficência Portuguesa para a saúde da população do Rio de Janeiro, transcrevo abaixo (com a ortografia atual) o artigo publicado no Correio Mercantil, em sua edição de 26 de setembro de 1858. O hospital havia sido inaugurado em 16 de setembro, embora só tenha realmente começado a funcionar em 7 de janeiro do ano seguinte.<sup>73</sup> A leitura desse artigo é interessante pois mostra como o entendimento da utilidade de um hospital no passado difere da utilidade atual, além dos aspectos da arquitetura e decoração do prédio.

Cabe esclarecer que nessa época o Visconde da Estrella presidia a Sociedade Portuguesa de Beneficência.

O hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa.

O edifício com que acaba de enriquecer a nossa capital a Sociedade de Beneficência Portuguesa é dos que mais honram um povo civilizado, e atestarão na posteridade o quanto na idade atual, apesar da febre áurea que devasta e corrói todas as camadas sociais, o culto de algumas das mais sublimes virtudes do cristianismo se manteve puro e elevado.

Construído a custa do óbolo do pobre e da generosa oferta do rico, este edifício simboliza uma dupla ideia de fraternidade e de patriotismo: para o português que longe de seus lares, em busca de melhor fortuna e de um descanso futuro, cai ferido pela enfermidade é como um porto da pátria onde achará, ou a mão da ciência para o salvar, ou a voz ungida da religião para o confortar na hora extrema; para nós outros, filhos do país, é um testemunho solene da falsidade das intenções que nos atribuem hóspedes ingratos e viajantes invejosos.

Numa terra onde o estrangeiro não tem garantias e onde se sonha ainda com reações de sangue, não se elevam templos de mármore à caridade.

---

<sup>73</sup> Almanak Laemert, edição de 1859.

Em bem poucas capitais do mundo haverá um serviço de hospitais mais completo do que entre nós; em bem poucas também será mais fácil, mais pronta ou mais largamente socorrida a miséria ou a desgraça quando enferma.

Além do hospital da Santa Casa, estabelecimento grandioso e que nos honra, quatro ordens terceiras possuem hospitais seus, onde os doentes recebem um tratamento conveniente, dirigidos por facultativos de experiência e saber.

Infelizmente alguns desses hospitais, por ignorância de uns e indesculpável negligência de nossa municipalidade, estão encravados em ruas estreitas e populosas, em quarteirões da cidade pouco sadios e arejados.

Sofrem com isso os doentes e os vizinhos: uns porque tarde ou nunca readquirem a saúde perdida, outros porque comprometem a de que gozam e que lhes é necessária nos misteres da vida a à manutenção de suas famílias. As estatísticas mortuárias que ultimamente têm sido publicadas devem sem dúvida chamar seriamente a atenção do governo e dos corpos científicos para os estragos espantosos da tísica pulmonar, que todos os anos faz de 1000 a 2000 vítimas. Por quanto concorrerá nesse lúgubre resultado a insalubridade de numerosos quarteirões da cidade que a câmara municipal ou quem quer que seja deixa entregue ao mais sórdido abandono?

Se aos focos de infecção do ar que estabelece o serviço caprichoso e naturalmente desleixado dos escravos se ajuntarem os que dependem da existência de uma grande cidade, que, como a nossa, aumenta todos os dias, não diminuirá a duração da vida de seus habitantes quando a mesma Providência nos preserve da repetição de algumas dessas cruéis epidemias, que já tanto mal nos fizeram e de que ainda sofremos as penosas consequências? Há quem responda a estas e outras reflexões que ocorrem diariamente com termos de comparação de outras grandes capitais, onde, como em Londres ou Paris, se dão fatos que parecem análogos. Não passa isso, porém, de uma ruim desculpa com que quer cobrir uma incúria que só se deve chamar criminosa.

O hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa acha-se colocado numa das melhores localidades da cidade. Situado na vertente de uma montanha que ainda adorna uma vegetação robusta, é banhado por uma atmosfera pura. Pouco distante do mar, que se avista de suas janelas, assim como a barra e parte da baía, recebe em face a viração que nas tardes do nosso estio vem perfumada e fresca reavivar a cidade encandecida pelos raios do sol.

As condições higiênicas recomendadas pela ciência para os hospitais foram respeitadas na nova construção, o que deve admirar por certo, porque ainda hoje, mesmo quando se trata de um edifício que sai fora das proporções comuns, ocorre a bem poucos consultar um arquiteto e confiar-lhe a direção de obras, que, além da solidez, devem servir ao fim a que são destinadas.

As proporções do novo edifício são cômodas e harmônicas. O Dr. Felix Rabaud na sua interessante história da fundação e progresso destes estabelecimentos diz, falando das formas que se lhes devem dar:

“Imporemos ao hospital a forma monumental? Sem dúvida cumpre que esse asilo do sofrimento e da pobreza seja digno da caridade cristã que lhe deu origem, mas ao mesmo tempo severo como a dor e grave como a miséria. As ogivas, os festões, as lisonjas e os ornatos de toda a qualidade devem ficar reservados para os palácios dos ricos e dos felizes deste mundo. Que nada no exterior desminta o santo fim do hospital, e que cada uma de suas partes inspire respeito ao que passa e confiança ao desgraçado.”

Ao subir a rua de Santo Amaro da Glória, à direita, pouco depois de deixar a Rua do Catete, a 75 palmos<sup>74</sup> da calçada e 27 acima de seu nível eleva-se o novo hospital, que está colocado sob a invocação de S. João de Deus, o pio instituidor da ordem da Caridade.

---

<sup>74</sup> Um palmo são 0,2286 metros. 75 palmos são cerca de 17,1 metros e 27 palmos são cerca de 6,2 metros.

S. João de Deus<sup>75</sup>, como se sabe, nasceu em Portugal, três anos depois da descoberta da América e dois antes de Vasco da Gama dobrar o cabo da Boa Esperança.

Era pobre e viveu vida dissipada sendo simples soldado. Um dia tocou-o a graça do Senhor e converteu-se à religião dos desgraçados. Sua casa em Granada transformou-se em hospício dos indigentes, que ele alimentava com trabalho de suas mãos. O seu belo exemplo achou imitadores que o vieram ajudar na sua santa empresa, e assim se fundou a ordem da Caridade. Morreu em 1550 salvando um homem que se afogava. Se o fim coroa a obra, nunca vida mais bela se completou de um modo mais sublime. O arcebispo de Granada dera-lhe em vida o nome de João de Deus: Alexandre VIII em 1619<sup>76</sup> o canonizou.

Um duplo título chamava o santo discípulo de Cristo a presidir aos destinos do hospital da Sociedade de Beneficência: - o ser português e o simbolizar em si a caridade cristã, de que os hospitais, como hoje existem, são uma das mais belas manifestações.

A área que ocupa o edifício a que chamaremos Hospital de São João de Deus é de 247 braças quadradas<sup>77</sup>, ou 110 palmos de largo sobre 224,25 de fundo, sem contar as cozinhas e outras dependências.

Logo ao correr da rua encontra-se um gradil de ferro de elegante desenho, no meio do qual se destaca um soberbo portão da mesma matéria sustentado por duas colunas colossais de granito de nossa pedreira de Sant'Ana.

---

<sup>75</sup> João foi beatificado pelo Papa Urbano VIII em 1630 e canonizado pelo Papa Alexandre VIII em 1690. São João de Deus é o padroeiro dos hospitais, dos doentes e dos enfermeiros. Sua memória litúrgica é celebrada no dia 8 de março. (Fonte: Wikipedia)

<sup>76</sup> Aqui há um equívoco: em 1619, Vito Ottoboni, futuro Papa Alexandre VIII, era ainda um menino de 9 anos.

<sup>77</sup> Pode haver algum equívoco. Uma braça quadrada vale 2,84 m<sup>2</sup>. Logo 247 braças quadradas são cerca de 1200 m<sup>2</sup>, o que parece uma área muito pequena para construção de um hospital. Entretanto, quando se calcula a área pelas dimensões lineares informadas e sabendo-se que um palmo valem 0,2286 m, o valor encontrado, 1289 m<sup>2</sup>, é semelhante ao de 1200 m<sup>2</sup>, que fora informado.

Transposto o patim de entrada, depara-se com um xadrez de mármore e deste se sobe ao primeiro patamar da grande e bela escada de mármore de Carrara, atirada em dois lances, com mais dois patamares a meio e outro no topo, todos de mármore com mosaicos de diversas cores.

A escada é guarnecida por uma bela balaustrada de ferro fundido, cujo desenho se recomenda como o do gradil de entrada.

Sobre a muralha que se acha a 20 palmos para a frente do edifício, segue em continuação a escada e para ambos os lados outra balaustrada do mesmo desenho e perfeição, intercalada de pedestais de granito sobre os quais assentam grandes vasos de mármore branco.

Entre o último patamar da escada exterior e a porta principal do edifício, para o qual se sobe por seis degraus de granito lavrado, encontra-se um novo mosaico de mármore de cores.

Logo ao entrar o portão há à direita e à esquerda dois terraços plantados de grama e ornados por dois repuxos de mármore e granito.

A porta principal do edifício é de ferro fundido e mármore, e primorosamente aberta e dourada.

O saguão, que tem 50 palmos de largo<sup>78</sup> sobre 30 de fundos, é digno da entrada: o pavimento sempre de mármore é perfeitamente acabado e tem no centro um belo florão de mosaico.

Os lados são todos almofadados de mármore.

Em frente há um arco abatido de 32 palmos, além do qual acha-se outro saguão das mesmas dimensões do primeiro: do centro parte também em dois lances uma escada de diversas e ricas madeiras do país, da mais bela forma; na volta há um patamar de mosaico, em que se empregaram 15 000 pedaços de madeiras diferentes. A balaustrada desta escada acaba em galeria numa peça

---

<sup>78</sup> 11,4 m de largo por 6,7 m de fundo. (78,4 m<sup>2</sup>)

que dá entrada para as salas da frente do edifício e para os quartos e enfermarias.

As salas foram decoradas pelo nosso patrício o Sr. Lopes de Barros Cabral. Na sala principal veem-se por cima das portas, pintadas a fresco, os retratos dos reis de Portugal D. Afonso Henrique, D. João I, D. Manoel, D. João VI, D. José I e D. Maria II.

Entre as portas e janelas, e como que encravados nos florões da decoração, há pequenos quadros também a fresco representando cenas da história portuguesa relativas ao reinado dos monarcas cujos retratos já mencionamos. Vê-se ali o casamento do conde D. Henrique com a rainha D. Teresa, a aclamação de D. Afonso Henrique, a morte do conde Andeiro, a aclamação do mestre d'Aviz, a partida de Vasco da Gama para a Índia, a chegada do mesmo, a descoberta do Brasil, a revolução de 1640, o terremoto de Lisboa, a reedificação da mesma, o sitio do Porto e o préstito fúnebre do enterro de D. Maria II ao chegar ao arco da Bemposta, com a pomba que a acompanhou até S. Vicente de Fora pairando sobre o carro.

No teto da mesma sala vê-se um medalhão de gesso, de belo lavor, representando a caridade dentro da barra do Rio de Janeiro, obra do Sr. Desprès. Do mesmo artista figura no teto da escada de madeira outro medalhão aberto em pau cetim e de lavor não menos perfeito, representando o pelicano no momento em que rasga o seio para alimentar os filhos.

Por cima das largas portas que comunicam a sala principal com as laterais há bandeiras de *carton-pierre*<sup>79</sup>, com dois medalhões representando no rosto S. Damaso, papa português que foi eleito em 366, e Santa Joana, princesa de Portugal; e no revés S. Frei Bartolomeu dos Mártires e Santa Isabel, rainha de Portugal.

O oratório é de uma construção simples, mas rica. Além da imagem de S. João de Deus, veem-se pintadas a fresco os quatro evangelistas S. Mateus, S.

---

<sup>79</sup> Carton-pierre é o mesmo que papel machê, uma massa de papel picado, esmagado, embebido e água, transformado em uma massa, usada para fazer decorações.

Marcos, S. Lucas e S. João. Aos lados do altar figuram dois belos candelabros de alabastro alvíssimo, donativo que foi feito à sociedade por um súdito português.

Já dissemos que na construção desse hospital se havia atendido às prescrições da ciência em edifícios destinados a tal mister. Assim, em vez de longas enfermarias onde os doentes estariam aglomerados e forçados a assistir aos gemidos e agonia dos moribundos, há no segundo pavimento quarenta quartos perfeitamente arejados e fechados à chave, onde cada doente separado dos outros recebe os socorros de que carece ou expira, sem aterrar seus companheiros de infortúnio nem respirar o ar empestado das salas do hospital. As portas desses quartos não correspondem umas as outras no corredor que as separa, de modo que de um quarto não se pode devassar o outro.

No primeiro pavimento há dois extensos salões de 150 palmos cada um, que a sociedade reserva para o caso fortuito de uma epidemia ou de extraordinária aglomeração de enfermos: fora disso o serviço será feito no andar superior. Como se sabe e se demonstra com as mais insuspeitas provas, os andares térreos dos hospitais que têm dois ou três andares são mais salubres que os superiores. Fazendo-se porém o serviço só num, é evidente que as causas que determinam este fato desaparecem, tanto mais quando se trata de um estabelecimento que tem um só andar.

Além dos dois salões há ainda em baixo quatro salas de 30 palmos quadrados cada um e uma galeria sobre arcos, toda ladrilhada de mármore, sendo o pátio correspondente de granito lavrado.

Todos os tetos da casa são de estuque, e todos os assoalhos de peroba de Campos com guarnições de canela preta.

Todo o edifício é iluminado a gás e largamente abastecido de água dos canos da Carioca.

Além dos terrados da frente, tem o hospital dois jardins dos lados de 60 palmos de largura cada um sobre 300 de fundo.

Fora do corpo do edifício existem as cozinhas, casas de banho,, latrinas e demais dependências, com as quais se comunica por meio de um passadiço envidraçado.

O diretor e empreiteiro da obra foi o Sr. Luiz Hosxe. A obra custou no estado em que se acha para cima de duzentos contos de réis, provenientes todos de esmolas e donativos dos súditos portugueses residentes no Brasil, o que honra altamente e constitui um exemplo invejável de patriotismo digno de ser imitado.

Se Portugal já não está na quadra em que a musa da história lhe consagrou páginas grandiosas pelos *perigos e guerras esforçadas* com que se ilustraram seus filhos, ainda pode contudo apontar exemplos destes, que os glorificarão ante o mundo cristão.

À diretoria da Sociedade de Beneficência composta dos Srs. Visconde da Estrella, Antonio Joaquim Braga, Henrique Pereira Leite Basto, Antonio Sarmiento Pereira Brandão, José Luiz Pereira, Manoel José Gomes Oliveira e Manoel Augusto Rodrigues Braga,, devem-lhe seus patrícios sinceros encômios pela constância e coragem com que empreenderam e levaram ao cabo tão bela empresa, a despeito de muitos embaraços e com grandes sacrifícios; *mas guerra é poder*, e a diretoria da Sociedade de Beneficência Portuguesa soube querer.



## BIBLIOGRAFIA E FONTES

1. PINTO, Albano da Silveira. **Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal**. Lisboa: Empreza Editora de Francisco Arthur da Silva, 1883. Tomo 1.
2. BARROSO, Gustavo. **Introdução à Técnica de Museus**. Museu Histórico Nacional, 1947. Volume II.
3. MOYA, Salvador de. **Anuário Genealógico Brasileiro**. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, 1941. Ano III, PP 142-143.
4. MOYA, Salvador de. **Anuário Genealógico Brasileiro**. São Paulo: Instituto de Estudos Genealógicos, sem data. 1º Ano, p 189.
5. BRAGANÇA, Dom Carlos Tasso de Saxe Coburgo e. **Vultos do Brasil Imperial na Ordem Ernestina da Saxônia. Anais do Museu Histórico Nacional**. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, 1961. Volume XII. Capítulo único.
6. VASCONCELLOS, Barão de e VASCONCELLOS, Barão Smith de. **Arquivo Nobiliárchico Brasileiro**. Lausanne: Imprimerie La Concorde, 1918.
7. Álvares, Antonio Joaquim. **Indicador dos Objetos Mais Curiosos e de Alguns Monumentos Históricos do Reino de Portugal**. Rio de Janeiro: Typ. Commercial de Soares e Cia, 1856.
8. SANTOS, Francisco Marques dos. **As duas últimas festas da monarquia**. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1941. Volume II.
9. LOPES, Gilda Marina de Almeida. **São Vicente de Fora e os Nossos Imperadores. Anais do Museu Histórico Nacional**. Sem local: Ministério da Educação e Cultura, 1957. Volume VIII.
10. CARVALHO, Afonso Celso Vilela de. **Exílio e Morte de D. Pedro II. Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis, Ministério da Educação e Cultura, 1982. Volume 36, referente ao ano de 1975.
11. LAGO, Laurênio. **Acréscimos e Retificações ao “Arquivo Nobiliárquico”. Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis: Ministério da Educação e Cultura, 1954. Volume XV.
12. FONSECA, Nair de Teffé Hermes da Fonseca. **A Verdade sobre a Revolução de 22**. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda, 1974.

13. BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1971.
14. PINSKY, Carla Bassanezi e DE LUCA, Tania Regina (Organizadoras). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
15. BERGER, Paulo. **O Rio de Ontem no Cartão Postal**. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1983.
16. PRIORE, Mary Del. **Entre “doidos” e “bestializados”: o baile da Ilha Fiscal**. In Revista USP nº 58, pgs. 30 a 47, junho/agosto 2003. São Paulo: USP, 2003.
17. Jornal Gazeta de Notícias, edição nº 315, de 11 de novembro de 1889 e outras mencionadas no texto.
18. Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro, Número Especial de 27 de abril de 1889.
19. Diário Oficial, de 11 de novembro de 1889.
20. Gazeta Oficial do Império do Brasil, de 06/12/1847.
21. Jornal Correio Mercantil. Diversas edições com as datas mencionadas no texto.
22. Jornal A Reforma. Edições mencionadas no texto.
23. Decreto nº 4774 de 23 de agosto de 1871.
24. DORIA, Escragnole. **Baile da Ilha Fiscal**. In Revista da Semana, número 15, edição de 10 de abril de 1943.
25. DRUMMOND, Antonio de Menezes Vasconcellos. **Anotações de A. M. V. Drummond à sua Biographia**. In Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 1885-1886, Volume VIII. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1890.
26. BLAKE, Antonio Victorino Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.
27. Informações genealógicas fornecidas pela Professora Doutora Manuela Mendonça, Presidente da Academia Portuguesa de História e pelo General Sousa Pinto, especialista em genealogia.
28. Imagens fornecidas pelo Museu Imperial/Setor de Museologia, mencionadas no texto.
29. GOMES, Laurentino. **1889**. São Paulo: Editora Globo S. A., 2013.
30. GOMES, Mariza da Silva. **Titulares na Serra de Petrópolis**. Artigo publicado no Instituto Histórico de Petrópolis e incluído em seu site em 12 de abril de 2012.
31. KODAMA, Kaori. **Os impactos da epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-56) na população escrava: considerações sobre a mortalidade através dos registros da Santa Casa de Misericórdia**. Artigo exposto no 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional.

32. MALERBA, Jurandir, HEYNEMANN, Cláudia Beatriz e RAINHO, Maria do Carmo Teixeira (Organizadores). **Festas Chilenas, sociabilidade e política no Rio de Janeiro no ocaso do Império**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.
33. NEVES, Fátima Maria. O método lancasteriano e o ensino da ordem e da disciplina para os soldados do império brasileiro. NEVES1 , Fátima Maria – UEM – fmneves@uem.br
34. PINHEIRO, Magda de Avelar. Investimentos estrangeiros, política financeira e caminhos-de-ferro em Portugal na segunda metade do século XIX. In: Social, vol. XV (58), 1979-2.º, 265-286.
35. SANTOS, Joaquim Eloy Duarte dos. **Uma artéria de muitos nomes – de Bourbon a Dr. Nelson de Sá Earp**. Artigo publicado no Instituto Histórico de Petrópolis e incluído em seu site em 22 de abril de 1991.